BIBLIOTECA GERAL
UNIV. DE COIMBRA
JORNAIS

A CABRA
Jornal Universitário de Coimbra

Nº84 5 de Novembro de 2002 **Quinzenal** **Director:** Emanuel Graça www.aac.uc.pt/cabra **e-mail -** cabra@aac.uc.pt
Produzido pela **Secção de Jornalismo da Associação Académica de Coimbra** **Distribuição Gratuita**

DOM Dinis

Centrais

115 anos de Académica

Tudo começou a 3 de Novembro de 1887. Após mais de 11 décadas, a AAC continua a mover paixões. *Páginas 12 e 13*

Universidade: Que Futuro?

Cortes preocupam ensino superior *Páginas 2 e 3*

Contestação estudantil de volta *Página 6*

Reitor admite regressar *Página 7*

Fórum Social Europeu começa amanhã *página 11*

Abílio Hernandez em entrevista *páginas 18 e 19*

GOSTARIAS DE PARTICIPAR NUMA SESSÃO DA **ONU?**
NÃO PERCAS ESTA OPORTUNIDADE ÚNICA!
PARTICIPA NO **PORTUGAL–MUN** SIMULAÇÃO DO AMBIENTE DE TRABALHO DAS **N**AÇÕES **U**NIDAS
WWW.PORTUGAL–MUN.PT.VU

Financiamento das universidades está de novo envolto em polémica

Cortes agitam superior

A discussão do Orçamento de Estado leva mais uma vez a polémicas no financiamento do ensino superior. A convergência com o Orçamento Padrão e as dificuldades de funcionamento das instituições voltam a estar na ordem do dia.

Maryline Alves
Leila Campos
Manuel Eduardo
Rui Justiniano

"Pela primeira vez o orçamento transferido será inferior ao Orçamento Padrão de Pessoal. Já não se trata de mostrar que as propinas estão a ser mobilizadas para o funcionamento corrente das instituições. (...) São as únicas receitas que garantem esse funcionamento. Será lícito continuar por esta via?". Terminava desta forma a exposição do reitor ao Senado da Universidade de Coimbra (UC) no dia 9 de Outubro, que precedeu a moção que viria a ser aprovada por unanimidade e onde se criticam fortemente os cortes orçamentais previstos para 2003, chegando a afirmar–se que o orçamento não permite assegurar a actividade normal até ao final do próximo ano.

Todos os anos o cenário se repete: a guerra dos números entre estudantes e ministério, as discussões sobre conceitos como funcionamento, aumento de qualidade, convergência e orçamentos são uma teia difícil de desmontar e perceber. Com os mesmos dados, uns falam de cortes enquanto outros falam de crescimento no investimento, num jogo em que a inflacção tem também um papel importante.

Consenso e divergências

A existência de uma fórmula uniforme para calcular as contribuições do Orçamento de Estado (OE) para o funcionamento das universidades surge na década de 90 e parece gerar um largo consenso. Segundo Miguel Coleta, deputado do PSD, "a lei de financiamento trouxe alguns benefícios. Veio introduzir uma regularidade [na atribuição de verbas] que não havia anteriormente". "A afectação das verbas do OE às instituições do ensino superior é anualmente efectuada com base numa metodologia precisa, racional e objectiva (...) um factor de estabilização e credibilização do sistema de financiamento", afirmou o reitor na citada exposição ao senado.

A partir daqui, dificilmente temos consensos. O primeiro–ministro Durão Barroso e o ministro da Ciência e Ensino Superior, Pedro Lynce, através de declarações a diversos orgãos de comunicação social, tentam apaziguar ânimos mais exaltados.

Por um lado, Durão Barroso afirma que "as instituições do ensino superior irão funcionar normalmente". Por outro, Pedro Lynce declara que "as instituições do ensino superior com maiores dificuldades vão ver as suas verbas reforçadas". A oposição contrapõe, na voz do ex–ministro da Educação, Augusto Santos Silva, dizendo que "sem uma previsão antecipada, as universidades não podem saber com o que podem contar" e que desta forma "se está a privilegiar os piores gestores".

À revista "Visão", Pedro Lynce afirmou ser desnecessário dramatizar a situação, na medida em que o dinheiro afecto às despesas de funcionamento das instituições do ensino superior aumentou 2,9 por cento, salientando que o que diminuiu foram cerca de 30 por cento em despesas de investimento. "A proposta de orçamento (...) corresponde a uma diminuição real de 5% relativamente a 2002" afirma–se na moção aprovada em senado. Por seu turno Vitor Hugo Salgado, presidente da Associação Académica de Coimbra (AAC), reitera que o corte real se situa nos 7%. Números para todos os gostos.

A convergência entre as verbas transferidas e o OP devia ter sido atingida em 1998. Este foi pelo menos o objectivo prometido aquando da criação desta metodologia de financiamento. No entanto, e segundo dados fornecidos pela reitoria da UC (ver caixa), desde esse ano que se tem acentuado a divergência entre estes valores.

Outra das grandes contestações das universidades reside no facto de terem avançado com as verbas dos aumentos salariais do ano transacto e haver agora a possibilidade de não serem reembolsadas por parte do ministério.

Programas de investimento

À discussão sobre as verbas dirigidas para o funcionamento ainda se deve acrescentar as verbas destinadas a investimento nas universidades. Estas verbas são destinadas a construção de novos equipamentos, substituições de equipamento obsoleto e a tudo quanto não possa ser considerado funcionamento normal das instituições.

Também na Universidade do Porto se levantam problemas. Segundo o vice–presidente da Federação Académica do Porto, Alberto Pinto, as principais implicações dos cortes orçamentais vão sentir–se nos projectos que a reitoria desejava levar a cabo, entre os quais a remodelação de algumas faculdades. A faculdade de Ciências da Nutrição e Alimentação "funciona em dois barracos pré–fabricados há dezasseis anos", salienta.

Segundo Miguel Coleta "o anterior governo fazia 'overbooking', isto é, inscrevia [em programas de financiamento] mais projectos do que era possível realizar". Refere no entanto, optimista após uma reunião com o ministro, estar "confiante, de que num futuro próximo, aquilo que foi uma injustiça óbvia e efectiva nos últimos anos [relativamente à UC], vai ser corrigida".

Por último será ainda de ter em conta a situação particular em que a UC vai enfrentar esta discussão orçamental e os habituais ajustes de última hora. O OE foi já aprovado na globalidade encontrando–se agora em discussão na especialidade até ao próximo dia 15. Além da realização de eleições para os corpos gerentes da AAC há também que ter em conta a situação demissionária em que se encontra o reitor.

Orçamentos das Universidades 1998/2003

Percentagem do Orçamento–Padrão
1998: 94%
1999: 92%
2000: 87%
2001: 89%
2002: 84%
2003: 83%

Despesas anuais do governo com as universidades
1998/2003 - Diminuição em 100 milhões de euros

Proposta de orçamento do Governo para 2003
154 milhões de euros

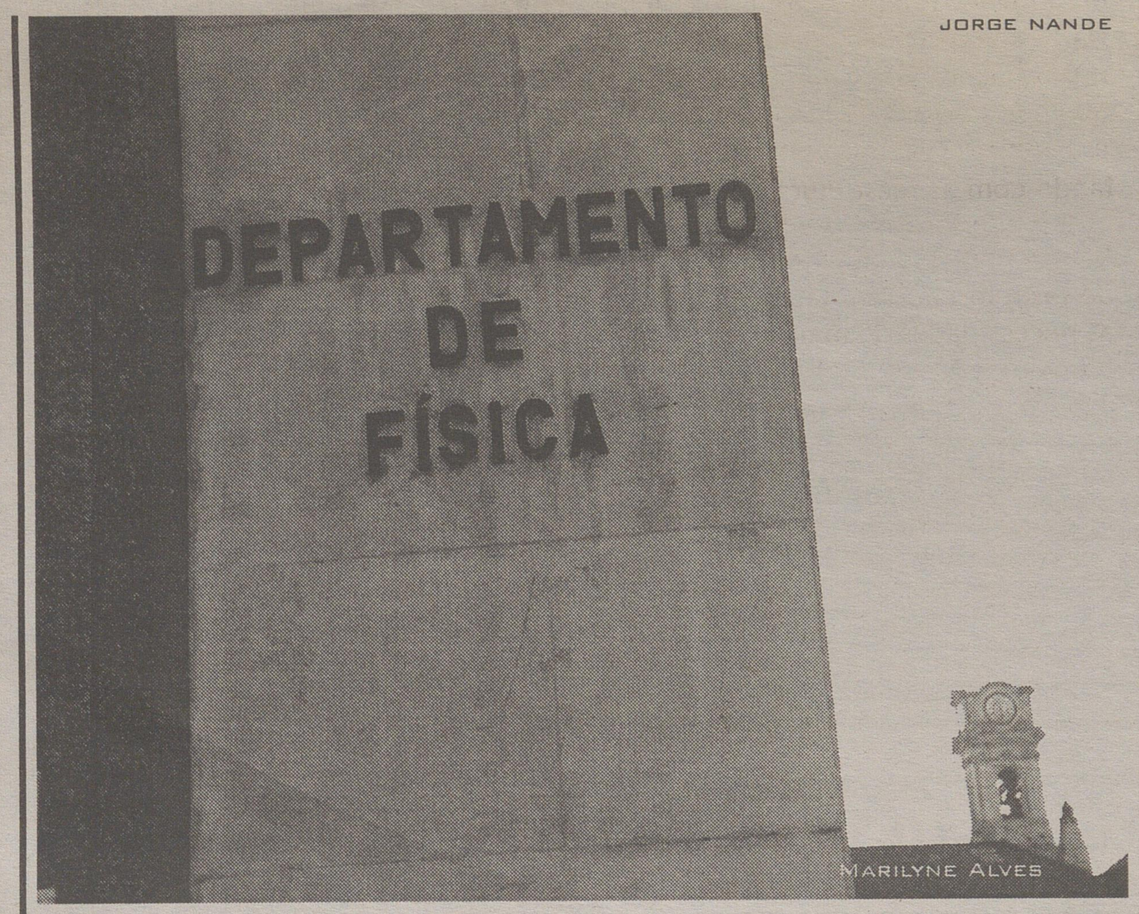
Desvios do Orçamento - Padrão da Universidade de Coimbra 1998/2003
1998: 6%
1999: 9%
2000: 10%
2001: 12%
2002: 15%

Total de propinas da Universidade de Coimbra

Letras:	**1415.65 euros**
Direito:	**1002.58 euros**
Medicina:	**459.52 euros**
FCTUC:	**2307.61 euros**
Farmácia:	**310.80 euros**
Economia:	**732.22 euros**
Psicologia:	**412.73 euros**
FCDEF:	**134.01 euros**
Total:	**6775.13 euros**

Fonte: Direcção Geral da Associação Académica de Coimbra

JORGE NANDE



MARILYNE ALVES

Cortes vão afectar várias faculdades da UC

Governo prepara novo modelo de financiamento

As alterações previstas

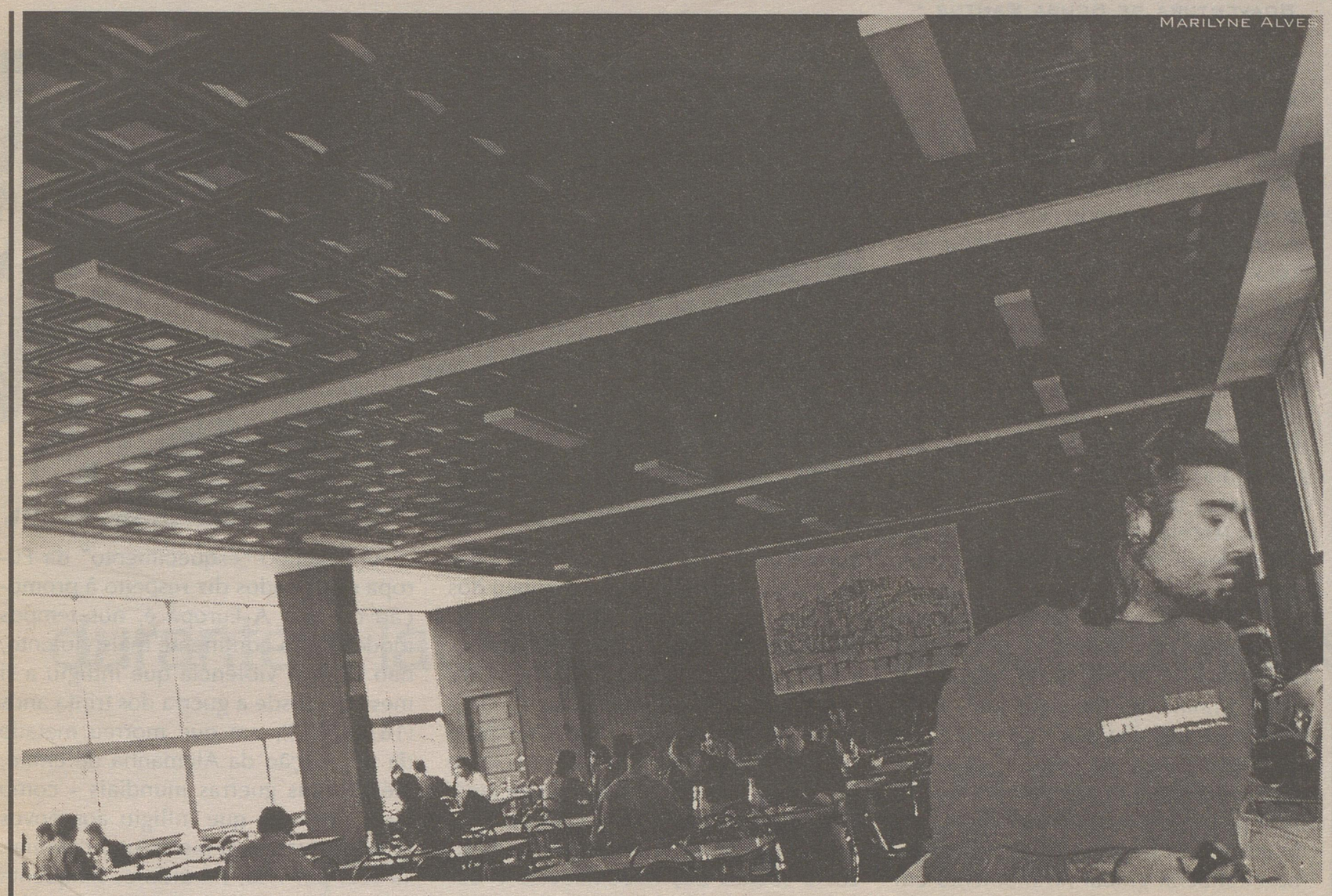
O ministro da Ciência e do Ensino Superior, Pedro Lynce, veio anunciar na passada sexta–feira que "este modelo de financiamento do ensino superior está obsoleto ". A sua afirmação de que o modelo "não faz sentido sendo preciso alterá–lo" faz adivinhar alterações e mais polémicas nesta discussão.

Segundo o jornal Público, o enquadramento passará por definir metas mais objectivas a cumprir pelas universidades: premiar as que obtiverem melhores resultados e penalizar as menos cumpridoras. Adivinha–se também um aumento das propinas, embora não se possa ainda prever qual a forma e o conteúdo dessa alteração.

Alberto Amaral, presidente do Centro de Investigação de Políticas do Ensino Superior, elaborou um estudo que revela a sucessiva "manipulação" e alteração da fórmula de financiamento, para fazer face às conjunturas económicas. Machado Santos, co–autor do mesmo estudo, salienta que quando o modelo foi acordado "já se sabia que iria ter um prazo de validade curto, e que sendo baseado exclusivamente no número de alunos, poderia ter efeitos perversos". Na sua opinião "vai recuar-se dez anos". Questiona como pode ser possível uma instituição que não racionaliza as suas verbas internamente, ter mais dinheiro se não conseguir cumprir as suas obrigações. "Que incentivos é que isso dá às outras [cumpridoras dos objectivos dentro do orçamento estabelecido]?", pergunta ainda o ex–reitor.

Cortes orçamentais afectam Serviços de Acção Social

Apertar do cinto



Cortes orçamentais preocupam o administrador dos SASUC

A CABRA falou com o administrador dos SASUC, Luzio Vaz, a propósito das implicações dos cortes orçamentais. O tempo é de contenção, mas Luzio Vaz fala mesmo num desinvestimento quanto ao equipamento, o que vai ter reflexo no dia–a–dia dos estudantes de Coimbra.

Segundo declarações do administrador dos Serviços de Acção Social da Universidade de Coimbra (SASUC), Luzio Vaz, ao jornal A CABRA, as implicações nos SASUC vão–se sobretudo fazer notar nas residências universitárias. As verbas do PIDDAC para "reforço de todo o equipamento precisam de ser actualizadas. Temos um PIDDAC que é uma vergonha", afirma.

De acordo com este responsável, "há um grande número de máquinas e equipamento que já viram a sua vida útil chegar ao fim, o que tem elevados custos ao nível da produtividade". O material está a ficar envelhecido e o processo de renovação será complicado.

Para o final deste ano prevêm–se grandes dificuldades se não se receberem as verbas previstas no orçamento, principalmente os montantes referentes à actualização dos vencimentos dos funcionários. Actualmente, os SASUC estão desfalcados em cerca de 350 mil euros (70 mil contos), verba que corresponde ao aumento dos salários dos funcionários em Janeiro passado, que foi paga pelos próprios serviços e ainda não foi reposta pelo Estado.

Quanto à utilização das propinas pelos serviços sociais, Luzio Vaz salienta que "os SASUC são os únicos do país que as não recebem para o seu funcionamento".

A situação dos serviços sociais, no que diz respeito às despesas de manutenção de casas de banho, sistemas eléctricos, infiltrações de água, reparações em geral, "está péssimo". Segundo números referidos por este administrador, para reparações os SASUC têm uns escassos 100 mil euros (20 mil contos), e as necessidades são de 500 mil euros (100 mil contos), não contando com as reestruturações.

Os serviços médicos vão ser também seriamente afectados. A medicina de rastreio não será tão afectada, mas as necessidades de mais médicos e enfermeiros vão–se continuar a sentir e a agravar e "é impossível tê–los com os meios actualmente ao dispôr".

Desde há dois anos, com os cortes de convergência na ordem dos 750 mil euros (150 mil contos) Luzio Vaz afirma que se tem"aguentado com muita dificuldade e sacrificio".

Programas de investimento na UC sofrem cortes

"Tesouradas" no PIDDAC

O programa de desenvolvimento e financiamento das infra–estruturas sofre com os cortes orçamentais do Governo.

O Programa de Investimento e Despesas de Desenvolvimento da Administração Central (PIDDAC) está a ser uma fonte de contestação nas actuais discussões do Orçamento de Estado. Segundo Seabra Santos, vice–reitor da Universidade de Coimbra (UC), em conversa com o Jornal Universitário de Coimbra - A CABRA, o impacto dos cortes no PIDDAC e da consequente diminuição de investimento nas infra–estruturas e manutenção da universidade é preocupante para a expansão da UC.

Seabra Santos, que se manifesta pessimista em relação ao corte significativo no PIDDAC aprovado na Assembleia da República, acrescenta que, no entanto, a diminuição das verbas deste programa vai ser colmatada pelo Programa de Desenvolvimento Educativo para Portugal (PRODEP). Em jeito de conclusão, considera que "o que nos interessa é o conjunto de investimentos, independentemente da sua origem".

Deste modo, o Pólo III vai integrar, como previsto, um edifício da faculdade de Medicina e outro da faculdade de Farmácia, e irá seguir os projectos inicialmente definidos, salienta ainda o vice–reitor. Assim, e tal como projectado para 2003, a faculdade de Medicina vai continuar a beneficiar da construção da sub–unidade 3. Ainda para o mesmo ano, prevê–se o empreendimento de uma biblioteca, da faculdade de Farmácia, da unidade central do Pólo III, assim como uma cantina e uma residência de estudantes. Uma segunda residência, no Pólo II, ainda financiada pelo mesmo programa, está em fase de acabamento. Espera–se também um cabimento orçamental para a construção de uma terceira grande residência neste pólo.

Para a elaboração de projectos técnicos dos edifícios da faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação e da faculdade de Ciências de Desporto e Educação Física conta lançar-se para breve o concurso público.

Como é calculado o orçamento?

Entre fórmulas, números, ajustamentos e convergências, o Jornal Universitário de Coimbra explica como é calculado o valor a atribuir anualmente a cada universidade segundo o Orçamento de Estado.

Segundo a lei de financiamento que entrou em vigor em 1997, lei n.º113/97, as verbas atribuídas pelo Orçamento de Estado (OE) às universidades são calculadas com base numa série de critérios objectivos aplicados uniformemente a todas as universidades. Nesta lei é incluida uma fórmula de cálculo de orçamento padrão (OP) conceito que foi introduzido em 1993, que funciona com base no número de alunos variando segundo diferentes parâmetros. Por cada estudante, o Estado prevê um determinado valor a transferir tendo em conta os rácios aluno/professor e aluno/pessoal não docente. Existe também um orçamento definido para o pessoal adstrito a mestrados e especializações. Estes rácios dependem das licenciaturas tentando reflectir as diferentes necessidades. O conjunto destas despesas salariais totaliza o orçamento padrão de pessoal (OPP) que representa 80 por cento do OP.

Os restantes 20 por cento do OP correspondem à dotação para outras despesas e a uma base de financiamento de investigação, a qual corresponde a 6,12 por cento do OPP.

Como em 1993, o Estado entendia não ter condições orçamentais para transferir os montantes globais (OP), determinou–se um factor destinado a proporcionar, nos sucessivos anos, uma aproximação entre o orçamento padrão e o orçamento transferido para as instituições de ensino superior.

Após a definição dos valores do OP, é calculado um orçamento tendencial em função do orçamento histórico, referente a anos anteriores, o qual é ajustado por uma margem percentual flexível. O passo seguinte é calcular o diferencial entre o orçamento tendencial e o OP, que é depois ajustado pelo factor de convergência dando origem ao chamado aumento de convergência. Este é acrescentado posteriormante ao orçamento tendencial fixando assim o orçamento de convergência. A convergência real, entre o OP e as verbas transferidas, deveria ter acontecido em 1998, mas na verdade os orçamentos têm divergido do OP ao longo dos ultimos anos (ver caixa).

Por sua vez, o orçamento de funcionamento é obtido adicionando ao orçamento de convergência uma dotação para promoções salariais, uma previsão do que serão os custos inerentes às progressões, quer na carreira docente, quer para os restantes funcionários. Tanto as propinas como as receitas próprias dos estabelecimentos são contabilizadas pelo Estado como estando incluídas no orçamento de funcionamento calculado, sendo assim deduzidas com o objectivo de fixar a dotação do OE a transferir para as universidades. Finalmente existe ainda um ajuste deste valor final em função da variação do número de alunos prevista para cada instituição.

OPINIÃO

EDITORIAL EMANUEL GRAÇA

Despesismos

Apesar de Pedro Lynce e o Governo jurarem a pés juntos que as universidades não vão enfrentar problemas que redundem no seu encerramento, o certo é que, com os cortes orçamentais, nem estudantes nem reitores acreditam ser possível um funcionamento minimamente normal dos estabelecimentos de ensino superior. Por isso, o actual ministro da Ciência e Ensino Superior não poderia ter sido mais injusto quando, em declarações recentes, deixou no ar a acusação de despesismo por parte das universidades portuguesas. Uma afirmação triste, quando se constata que a maioria destas instituições é obrigada a funcionar com valores que rondam os 85 por cento do Orçamento Padrão, considerado como o ideal pelo próprio Estado português.

É claramente um desajuste de prioridades apostar em soluções fáceis como a retenção de verbas na fonte estatal, utilizando para isso cortes nas áreas mais elementares da sociedade (saúde, educação e segurança social). Pelo contrário, seria correcto apostar num maior oleamento da máquina de cobrança fiscal para aumentar as receitas do Estado e, só depois, em última instância, atacar aqueles que são os menos culpados - os que pagam (estudantes, trabalhadores assalariados, no geral, e função pública, em particular).

No entanto, a verdade também passa

> "O actual ministro da Ciência e Ensino Superior não poderia ter sido mais injusto"

pela boca de Pedro Lynce. A relativa independência financeira entre instituições do mesmo estabelecimento de ensino superior (como acontece na Universidade de Coimbra) leva a que faculdades com um maior poder gerador de verbas (caso da faculdade de Direito que, devido ao seu enorme prestígio, todos os anos encaixa milhares de euros nos seus cofres com pós-graduações, mestrados e doutoramentos) não possam (e muitas vezes não queiram) posteriormente ceder empréstimos financeiros a fundo perdido a outras faculdades menos abonadas da mesma universidade. Aqui instala-se um verdadeiro dilema: deve o dinheiro ser investido nos departamentos e faculdades que directamente o geram ou, pelo contrário, ser considerado uma verba da universidade em questão e ser aplicado nos projectos mais prementes?

No sentido em que se entende a universidade em Portugal (ou se alega entender) - no sentido francês de cidade do saber -, as verbas deveriam, claramente, ser propriedade das universidades e não de instituições internas. Apenas deste modo as universidades poderiam auspiciar um desenvolvimento coerente e homogéneo nos vários sectores do conhecimento sem atropelos, jogos de gabinete e concorrências internas. No entanto, porque a natureza humana é gananciosa, certamente iriam surgir novas formas de "reter" dinheiro intra-faculdades.

Fórum Social Europeu

Boaventura de Sousa Santos *

Na próxima semana realiza-se em Florença o primeiro Fórum Social Europeu (FSE). A realização deste fórum, como a de outros fóruns regionais (africano, asiático, das Américas), foi proposta no segundo Fórum Social Mundial (FSM), que se realizou em Porto Alegre em Fevereiro passado, com o duplo objectivo de aprofundar o conhecimento do FSM e da sua carta de princípios nas diferentes regiões do mundo e de propiciar aos movimentos sociais, mobilizados em redor dos problemas específicos de cada região, uma contribuição mais sistemática para as temáticas a serem discutidas no terceiro FSM que se realiza em Porto Alegre no fim de Janeiro próximo.

O FSE realiza-se num momento internacional, em geral, sombrio mas contraditório. O seu lado negro, de longe dominante, é a nova onda militarista que ameaça pôr o mundo a ferro e fogo. É uma estratégia compensatória desenhada pela Administração Bush para alimentar, com a "economia de guerra", a hegemonia do capitalismo neoliberal global no momento em que os instrumentos convencionais da "economia de paz" não parecem ser suficientes para relançar a economia mundial. Para esta estratégia, é fundamental reduzir as reivindicações de justiça social dos grupos sociais oprimidos à condição de motivações e práticas potencialmente terroristas, e fazer com que esta lógica seja adoptada por líderes-satélites, sejam eles Sharon ou Putin. Em seu lado claro, o mundo revê-se esta semana na brilhante vitória de Lula no Brasil e, com ela, na esperança de que a democracia seja mais forte que o neoliberalismo.

O FSE é um fórum de cidadãos e de movimentos sociais que visa responsabilizar os governos europeus pelo "esquecimento" clamoroso de dois pilares do património comum europeu dos últimos cinquenta anos. O primeiro pilar é a tensão permanente entre democracia e capitalismo que permitiu combinar, contrariamente ao modelo norte-americano, competitividade com altos níveis de protecção social, e consolidar um modelo de democracia com alguma capacidade redistributiva, capaz de garantir os direitos económicos e sociais dos trabalhadores e das classes médias através da promoção de interacções não mercantis entre os cidadãos (sistemas públicos de segurança social, saúde, educação, transporte). Este modelo pecou por ser tímido mas, em vez de ser aprofundado, tem vindo a ser esquecido nas duas últimas décadas. De repente, tornou-se "evidente" que só o modelo de capitalismo norte-americano era exportável mundialmente e que, portanto, o modelo europeu nem sequer na Europa seria sustentável. É contra esta evidência e contra este esquecimento que se deve entender a vitória de Lula. Lula ganhou o coração dos brasileiros com um programa político assente no modelo europeu.

O segundo "esquecimento" da Europa dos Estados diz respeito à promoção da paz. A Europa é, nos tempos modernos, o continente mais violento, não só pela violência que infligiu a si mesma - desde a guerra dos trinta anos (1618-1648), em que morreu metade da população da Alemanha de então, até às duas guerras mundiais - como pela violência que infligiu aos povos que estiveram sob o seu jugo colonial. Talvez, por isso, no últimos cinquenta anos a Europa foi promotora de soluções pacíficas e defensora do direito internacional. Este património está a ser activamente esquecido pelo modo como a Europa se verga aos desígnios belicistas de Washington.

O FSE pretende que os cidadãos e os movimentos sociais recuperem este duplo património esquecido pela classe política. É por isso que os grandes temas a serem debatidos são o neoliberalismo, a paz, os direitos dos cidadãos e o aprofundamento da democracia.

* Pro Urbe - Associação Cívica de Coimbra

Esclarecimento

A direcção do Núcleo de Estudantes de Gestão e Economia da Associação Académica de Coimbra (NEGE/AAC) vem por este meio informar todos os interessados que, em virtude de tomadas de posição de alguns dos seus membros na edição número 82 do jornal A CABRA, do dia 8 de Outubro, o NEGE/AAC tem uma posição neutral em relação a qualquer eventual lista ou movimento académico. É importante salientar que o NEGE/AAC está disposto a participar activamente na discussão do movimento associativo defendendo o interesse da Direcção Geral da AAC e os estudantes por ela representados, embora achemos importante uma maior mobilização em redor destas problemas problemáticas.

Direcção do NEGE/AAC

A CABRA errou

No número 83, no artigo "Prateleiras Públicas", onde é referido que a Biblioteca Geral da UC é uma biblioteca de leitura pública, deveria ler-se biblioteca universitária. Ainda no mesmo artigo, refere-se erradamente que a Casa Municipal da Cultura é uma biblioteca. Este local é, antes, um espaço municipal de divulgação de eventos culturais onde está sediada a Biblioteca Municipal de Coimbra, cuja extensão está em fase de projecto em Santa Clara.

Jornal Universitário de Coimbra - A CABRA Depósito Legal nº 183245/02 **Registo ICS** nº 116759
Ficha Técnica: Director: Emanuel Graça **Director Gráfico:** Rafael Bidarra Rodrigues **Chefe de Redacção:** João Pereira **Editor de Fotografia:** Jorge Nande **Editor de Universidade e Academia:** Guilherme Oliveira **Editor de Cidade, Nacional e Internacional:** Mário Guerreiro **Editor de Desporto:** João Cortesão **Editor de Cultura:** João Vasco **Secretária de Redacção:** Liliana Guimarães **Redacção:** Adriana Silva Afonso, Aida Lima, Anselmo Câmara, Cecília Santos, Daniela Pereira, Gustavo Sampaio, Hugo Ferreira, Joana Fialho, João Pedro Marques, Jonas Batista, José Manuel Camacho, Kossaqui, Luísa Bourbon, Manuel Eduardo, Marco Carvalho, Maria João Lopes, Marilyne Alves, Nuno Curado, Nuno Dias, Patrícia Batista, Paulo Nuno Vicente, Paula Velho, Pedro Ramos, Rui Caniço, Rui Justiniano, Sara Martins, Sérgio Alves, Sónia Nunes, Sílvia Matos, Tiago Azevedo, Tiago Carvalho, Vânia Correia, Vítor Rodrigues e Oliveira **Colaboradores:** Ana Claúdia Cardoso, Ana Oliveira, António Gil Leitão, Carla Pinto, Carina Valério, Cristina Bastos, Cristina Lopes, Daniela Rodrigues, Diana Mota, Diana Ramos, Leila Campos, Lurdes Lagarto, Margarida Matos, Marília Frias, Marta Varandas, Patrícia Abreu, Pedro Santos, Rita Delille, Rita Loureiro, Sandra Dias, Sara Cardoso, Sílvia Madeira, Sofia Carvalho, Sofia Marques, Soraia Letra, Susana Baptista, Susana Sampaio Dias, Vitor Aires **Fotografia:** Francisca Moreira, Luís Rodeiro, Maryline Alves, Pedro Sá e Sousa, Sofia Cruz **Publicidade:** Pedro Correia, 965821301/239821554 **Impressão:** Coraze S.A. **Tiragem:** 4000 exemplares **Produção:** Secção de Jornalismo da Associação Académica de Coimbra **Propriedade:** Associação Académica de Coimbra **Sede:** Rua Padre António Vieira **Telefone/Fax:** 239821554 **Agradecimentos:** Reitoria da Universidade de Coimbra, Serviços de Acção Social da Universidade de Coimbra.

PUB

durante a latada mais de 50 mil atravessaram o rio.

e tu?

aberto de 4ª a sábado

scotch
coimbra

Academia vive tempos difíceis

Estudantes apostam na constestação

A demissão do reitor foi a consequência mais inesperada da última assembleia magna. Uma reunião cujo principal objectivo foi cumprido: marcar posições e delinear formas de contestação quanto aos cortes orçamentais. Hoje, os estudantes saem à rua, mostrando que continuam descontentes com Pedro Lynce.

Patrícia Santos Batista
Daniela Pereira

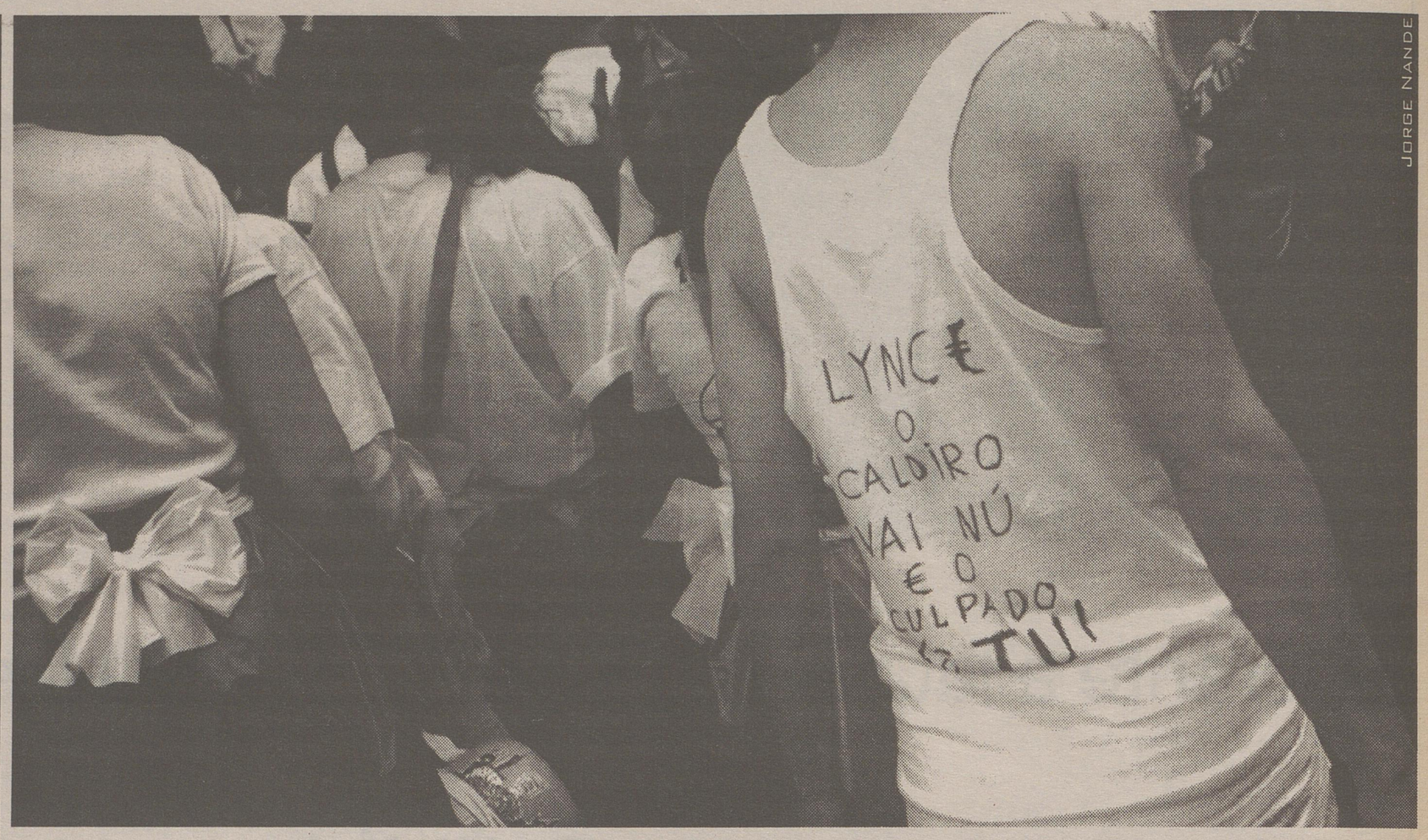
"O Magnífico Reitor reagiu à nossa posição e nós reagimos à política do governo". São estes os principais resultados apontados por Victor Hugo Salgado, presidente da Direcção Geral da Associação Académica (DG/AAC), da última assembleia magna. Convocada para censurar as políticas levadas a cabo por Pedro Lynce, ministro da Ciência e Ensino Superior, a assembleia acabou por levar Fernando Rebelo, reitor da Universidade de Coimbra, a pedir a demissão.

Entre os estudantes, a luta contra a política de Lynce continua. Uma Latada politizada, um abaixo–assinado a ser entregue à Assembleia da República, a continuação do boicote às propinas e uma manifestação de rua, que se irá realizar hoje, foram algumas das formas de contestação definidas pelos estudantes de Coimbra.

Mas nem todos os assuntos discutidos na última assembleia magna reuniram o consenso dos estudantes. O mais polémico foi mesmo a discussão acerca da colocação de câmaras de vigilância no edifício da Associação Académica de Coimbra. A academia mostrou–se dividida e o saldo final foi negativo para os que apoiavam a DG/AAC. As câmaras foram retiradas.

Esta noite, depois da manifestação, irá realizar–se mais uma assembleia magna. "Será no auditório da reitoria e penso que vai estar mais gente do que na última pois é dia de manifestação", prevê o presidente da mesa da assembleia magna, Joel Rocha. Por seu lado, Victor Hugo Salgado espera "que possam ser discutidos os verdadeiros problemas da academia". O rescaldo da manifestação, as novas formas de luta contra os cortes no orçamento da universidade e o pedido de demissão do reitor irão ser alguns dos temas na mesa.

Até lá, o presidente da DG/AAC considera que, em relação ao pedido de demissão do reitor, existe "uma situação de birra" e que "o que se pede é que os estudantes da Universidade de Coimbra percam a sua personalidade própria, o seu espírito crítico, a sua capacidade de contestação, que faz da academia aquilo que é hoje". E deixa uma pergunta no ar: "será que é pedir demais ao Magnífico Reitor que se coloque do lado dos estudantes da Universidade de Coimbra?".



Jorge Nande

Depois da Latada, a contestação estudantil promete voltar a agitar o dia

Latada politizada

Tiago Carvalho e Daniela Osório

A Festa das Latas deste ano foi marcada por um clima de contestação relativamente às políticas governamentais para o ensino superior. Esta acção surgiu por deliberação da assembleia magna e, na perspectiva de Victor Hugo Salgado, presidente da Direcção Geral da Associação Académica de Coimbra (DG/AAC), houve uma adesão significativa por parte dos estudantes.

A DG/AAC levou a cabo várias iniciativas no sentido de demonstrar o descontentamento da academia face aos cortes orçamentais. A primeira dessas iniciativas surgiu com os panfletos que anunciavam a latada e que já faziam alusão aos problemas que afectam a Universidade de Coimbra. A continuação desta campanha deu–se no recinto, onde a passagem sucessiva de um pequeno filme nos ecrãs gigantes e a distribuição de panfletos, autocolantes e cartazes com a imagem do filme do governo: "O senhor dos Cortes, A Irmandade das Tesouras" marcou a contestação. Desta forma, apelava–se à mobilização dos estudantes para estarem hoje presentes na manifestação e na assembleia magna.

No cortejo, foram distribuídas t–shirts e cartazes. Na opinião de Victor Hugo, a utilização da imagem do "Senhor dos Cortes" de forma caricata levou a que as pessoas procurassem os brindes utilizados, demonstrando assim que estavam associados à campanha de contestação. Por outro lado, o presidente da actual DG/AAC considera que a presença de várias faixas e cartazes, com críticas ao governo e à actual situação do ensino superior, elaborados por estudantes, é uma prova de que a mensagem passou, e espera que isso se reflicta na manifestação de hoje.

Muda_AAC mostra–se crítico

"DG/AAC navega à deriva"

Candidato às próximas eleições para os corpos gerentes da Direcção Geral da Associação Académica de Coimbra (DG/AAC), o movimento Muda_AAC tece duras críticas ao mandato de Victor Hugo Salgado.

Os representantes da lista acusam a DG/AAC de "falta de planificação". Para Renato Teixeira, esse "navegar à deriva" está patente na gestão da sede da AAC, onde julga existir "um problema de método". Na questão do bar do edifício, concessionado a um privado, a Muda_AAC reclama que o contrato nunca foi tornado público. Quanto às polémicas câmaras de vigilância, saúda a sua retirada.

A política educativa é, ainda assim, a área mais criticada. No rescaldo da polémica assembleia magna do dia 22 de Outubro e da inesperada demissão do reitor (dois dias depois), Daniel Martins entende que "os estudantes mostraram empenho na luta contra os cortes orçamentais" do Governo. O membro da Muda_AAC julga que "há condições externas para unir esforços" com outras associações estudantis, após a conturbada saída por parte da AAC do ENDA (Encontro Nacional de Dirigentes Associativos). Victor Hugo Salgado é ainda criticado por não dialogar com as faculdades.

Ainda em relação à demissão do reitor, que abalou a academia, Renato Teixeira conclui desta atitude que Fernando Rebelo "não luta pela qualidade do ensino".

A nível de administração interna observa que "os organismos da casa estão em rebeldia porque não são assentidos na administração do edifício".

Para este movimento, a informação é uma prioridade, visto que "a maioria dos estudantes não percebe o que é a AAC".

MSES diz compreender Fernando Rebelo

Reitor foi "bode expiatório"

O Movimento Superior para o Ensino Superior (MSES), candidato às eleições para a Direcção Geral da Associação Académica de Coimbra (DG/AAC), afirma a legitimidade da assembleia magna nas resoluções tomadas. Contudo, aponta também o dedo à política educativa levada a cabo pela actual DG/AAC e a sua quota de responsabilidade na demissão do reitor.

Bruno Rodrigues, membro do MSES, afirma que a DG/AAC usou o reitor como "bode expiatório", sendo a sua renúncia "compreensível, apesar de errada". Segundo este movimento,o reitor sentiu–se "pressionado e chantageado visto terem usado a palavra demissão".

Ainda no rescaldo da magna, a lista é unânime em declarar que foram aprovadas medidas importantes de contestação estudantil, como a manifestação marcada para hoje. No entanto, critica a forma de trabalhar da actual DG/AAC: "tem que haver uma descentralização da DG e uma maior aproximação às faculdades, aos núcleos e ao estudante comum". Somente assim se conseguirá uma progressiva "consciencialização por parte dos estudantes dos reais problemas da academia", assegura João Martins, um outro membro da lista.

Segundo Bruno Rodrigues, a politização da Latada "ficou aquém das expectativas porque falta trabalho anterior".

Promover uma maior abertura da DG/AAC junto da academia, convocar um maior número de assembleias magnas (promovendo a circulação de informação e o debate de ideias no período que as medeia), bem como um modelo de bar mais de acordo com a filosofia da AAC, encontram–se entre os principais projectos do MSES.

Fernando Rebelo explica razões de demissão

Magna pode decidir futuro do reitor

No rescaldo da última assembleia magna, Fernando Rebelo pediu a demissão. Em comunicado oficial aos membros da assembleia da universidade, o reitor demissionário interpreta todo o processo que conduziu à apresentação da sua demissão mas deixa no ar a possibilidade de reconsiderar a sua posição.

Guilherme Oliveira

A crise instalou–se na universidade com a demissão de Fernando Rebelo do cargo de reitor, mas a posição tomada por Fernando Rebelo pode ser reversível se houver, da parte dos estudantes, uma mudança de posição. É pelo menos esta a conclusão de um documento, datado de 28 de Outubro, dirigido aos membros da Assembleia da Universidade de Coimbra (UC).

Segundo o catedrático da Faculdade de Letras da UC, todo o processo teve início na primeira reunião do senado deste ano lectivo. Nesta sessão foram apresentadas duas moções, uma por Victor Hugo Salgado, presidente da Direcção–Geral da Associação Académica de Coimbra (DG/AAC), e uma outra pelo próprio reitor, "explicando até ao mais ínfimo pormenor" a situação orçamental da Universidade de Coimbra. Retirada a primeira, foi aprovada por unanimidade a segunda moção, que foi enviada ao ministro da Ciência e do Ensino Superior e ao presidente da Assembleia da República, bem como a todos os deputados eleitos pelo distrito de Coimbra.

Fernando Rebelo faz também alusão ao discurso que proferiu durante a cerimónia da abertura solene das aulas. Neste discurso, afirmou que problemas orçamentais registados nos últimos anos, "apesar de grandes, nada serão comparados com os que se deduzem a partir dos valores anunciados para 2003". O professor catedrático focou ainda neste discurso a garantia do primeiro–ministro de que as universidades irão funcionar normalmente. Uma garantia que "restitui algum do sossego que perdemos ao saber do crescimento negativo que nos foi imposto".

Nas mãos da magna

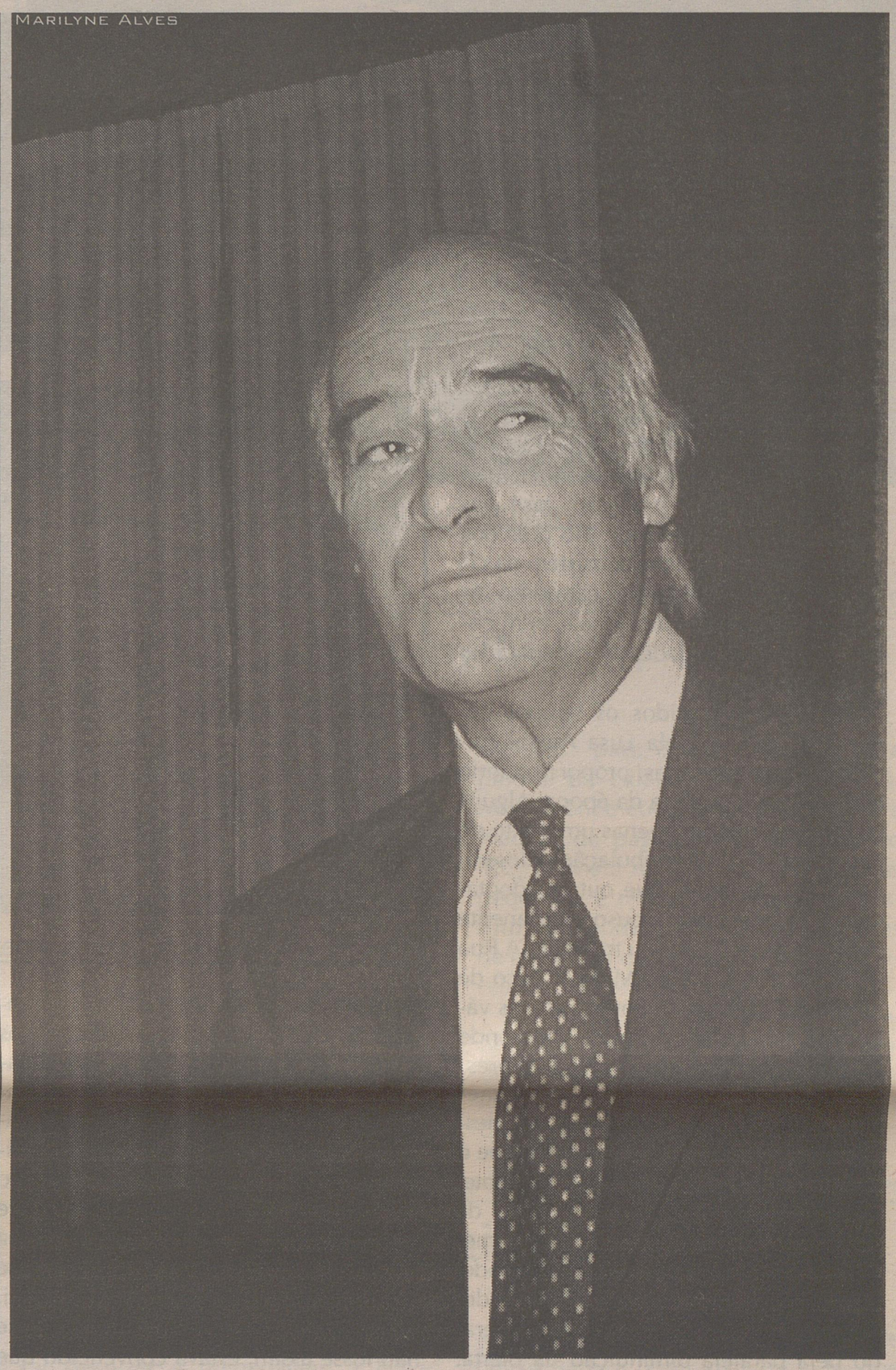
Para Fernando Rebelo a última assembleia magna teve como "finalidade principal atacar o reitor". O presidente da DG/AAC, de acordo com o reitor demissionário, "esqueceu–se completamente de que tinha votado a moção do senado" e que tinha ouvido seu o discurso na abertura solene. Devido a este facto, Victor Hugo fez "perguntas para as quais já tinha resposta", enfatizando que o "reitor teria de se colocar ao lado dos estudantes sob pena de pedir a sua demissão".

Não aceitando "pressões sobre o seu trabalho", "ameaças" e muito menos o tipo de "chantagem" subentendida na moção aprovada na assembleia magna, o professor da faculdade de Letras, consciente que os estatutos da UC permitem "aos estudantes, com a ajuda de um punhado de professores ou funcionários, levarem a cabo o pedido de demissão", antecipou–se e apresentou ele próprio esse pedido em relação ao cargo que ocupava desde Junho 1998. Fernando Rebelo afirma ainda preferir regressar às suas actividades docentes, do que "se sujeitar a ouvir mentiras, insultos e gritos fanáticos que correspondem a uma ingratidão insuportável".

Segundo o reitor demissionário, o seu posicionamento ao lado dos estudantes nunca havia sido antes posto em causa, mesmo nos "tempos de luta contra as propinas, em que suportou todos os ataques sem ter prejudicado um único aluno". Declarando sempre ter aceite as regras democráticas nas reuniões que presidiu, bem como a irreverência académica nas festas estudantis, "em especial nas longas tardes no cortejo da queima", não acredita que sejam estes os aspectos em causa. Para o reitor demissionário, "trata–se de não aceitar uma política agressiva baseada na mentira e no insulto".

Fernando Rebelo "não retira o seu pedido de demissão", que será estudado em reunião da Assembleia da UC, já convocada para quinta–feira. Contudo, deixa a porta aberta à possibilidade de reverter a situação, reservando–se o direito de transformar o seu pedido de demissão em renúncia. Para isso acontecer, será necessária "uma retractação pública satisfatória da parte de quem tão profundamente o ofendeu", afirma, numa clara alusão à assembleia magna de hoje.

Marilyne Alves



Reitor à espera da assembleia magna de hoje

Reitores temem pelo funcionamento das universidades

Lynce mostra as garras

Em resposta à onda de contestação contra os cortes orçamentais que têm agitado o ensino superior, Pedro Lynce, o ministro que tutela esta pasta, afirma que os meios financeiros disponíveis para 2003 "garantem um desenvolvimento normal de todo o sistema".

Cristina Bastos
Pedro Santos

O ministro da Ciência e Ensino Superior defende que é possível promover a qualidade de ensino com menos dinheiro, até porque o número de alunos está a diminuir. No entanto, o primeiro–ministro Durão Barroso deixou a promessa de disponibilizar mais verbas para as universidades, caso o seu funcionamento fique comprometido.

Ainda que Pedro Lynce confesse compreender "perfeitamente" a posição dos estudantes, defende que "eles têm que perceber o esforço feito pelo governo" para equilibrar o défice orçamental, apelando à solidariedade do sector. "Para o ano a situação estará regularizada", desdramatiza o governante. No entender do ministro, este é um "orçamento de rigor", que se enquadra na conjuntura de contenção económica que o país atravessa. Assim, se "o estado assume o dever de financiar o funcionamento dos estabelecimentos públicos de ensino superior", fá–lo contudo "nos limites das disponibilidades orçamentais."

Segundo Luísa Mesquita, deputada do PCP, o ministro "devia lamentar os cortes selectivos", nomeadamente na acção social. Esta área, apontada como prioritária por Pedro Lynce, sofre uma redução de "16 milhões de euros relativamente a 2002", inflaccionando os preços das refeições, alojamento e outros serviços de acção social. Augusto Santos Silva, do PS, criticou a proposta orçamental levada à Assembleia da República por Pedro Lynce, salientando que as verbas para o ensino superior "não são sequer suficientes para cobrir as despesas com o pessoal".

Também o Conselho de Reitores das Universidades Portuguesas anunciou que o montante atribuído às universidades públicas não permite o funcionamento das instituições até ao final do próximo ano, reivindicando assim uma verba mais volumosa, que o governo insiste em não disponibilizar.

Face à irredutibilidade de Pedro Lynce, os reitores ameaçam recorrer a procedimentos jurídicos que poderão impossibilitar o funcionamernto normal das instituições.

Contra–argumentando as acusações de que tem sido alvo, o ministro da Ciência e Ensino Superior critica a má gestão das instituições e a atitude reivindicativa dos reitores. Mostra–se inclusivamente disposto a revelar "as dezenas de milhões de euros" acumuladas nos últimos anos nos cofres das universidades públicas, provenientes do Orçamento de Estado. Pedro Lynce realça igualmente que tem "um programa para cumprir, que foi sufragado pela Assembleia da República" e que pretende conduzir "enquanto merecer a confiança do primeiro–ministro Durão Barroso".

Engraxadores das ruas de Coimbra

Em perigo de extinção

Entre engraxadores de rua e engraxadorias, contavam–se cerca de vinte até aos anos 80, ao passo que hoje em dia não completam a meia dezena. É assim uma das profissões em vias de extinção, não só em Coimbra como também no resto do país, que a CABRA foi tentar redescobrir.

Luísa Bourbon
Sofia Ribeiro

Não há renovação etária na profissão de engraxador

Numa profissão onde já não se verifica uma renovação geracional, são os trabalhadores de há longos anos que ainda dão corpo à profissão. José dos Santos e António Miranda são dois dos engraxadores que ainda subsistem na cidade e que partilharam connosco as suas experiências profissionais, bem como as particularidades e dificuldades deste trabalho.

Estão já esquecidos os tempos em que proliferavam pela Lusa Atenas numerosas engraxadorias, proporcionando muita oferta à procura da época. Alguns faziam de Coimbra apenas um ponto de passagem na sua deambulação pelos vários sítios, ao passo que outros adoptavam a cidade como pouso permanente para a realização do seu trabalho. A Rua da Sofia, a Praça 8 de Maio, o Arco de Almedina, o Largo da Portagem e os vários cafés da cidade eram os sítios onde se concentravam mais engraxadores. *Uns apenas de caixa na mão, outros melhor* apetrechados, partilhavam o mesmo modo de vida numa altura em que o trabalho dava para todos. Actualmente, e embora afirmem que o número de clientes não diminuiu, são muitos menos os que se dedicam a esta actividade, fazendo–nos crer que um eventual decréscimo da procura tenha sido superado pela paralela diminuição da oferta. De um modo geral foram as circunstâncias da vida que os conduziram a esta ocupação, sendo contudo unânime o gosto pelo trabalho que realizam.

Quando questionados acerca da fidelidade dos seus clientes, ambos mencionaram ter vários que lhes solicitam os serviços há longa data, tendo–se *construído gradualmente relações de amiza*de. Outros, que entretanto abandonaram a cidade, fazem questão de os visitar de cada vez que regressam. Quando o cliente tem tempo, conversam sobre futebol, contam anedotas, tudo de forma a manter um ambiente agradável e de camaradagem que agrade a quem lá vai. José dos Santos afirma mesmo que "se não fosse assim, estava convencido que não tinha amigos nem amigas e era capaz de até já nem estar aqui a trabalhar!".

Tratando–se de uma profissão dependente das condições climatéricas, são as mudanças de estação que se revelam de maior procura devido ao característico tempo ameno. É no Inverno rigoroso que há maior dificuldade em sobreviver desta actividade, embora a política adoptada seja guardar das melhores para as piores alturas: segundo José dos Santos "uns dias dão para os outros!". António Miranda corrobora esta ideia, e afirma que "o dinheiro é de quem o poupa, não é de quem o gasta!".

É uma profissão a desaparecer bastante mais rápido das ruas do que do imaginário colectivo. Quando os actuais engraxadores largarem a ocupação terão que se encontrar novas maneiras de mantermos o calçado irrepreensivelmente limpo.

Queima traz mais clientes

É nas primeiras madrugadas de Maio que os estudantes da universidade, não só de Coimbra mas também de outros estabelecimentos de ensino de todo o país, mais procuram os serviços de António Miranda, habitualmente na Praça 8 de Maio. O típico calçado alaranjado, enlameado de argila, procura solução nas mãos deste engraxador que diz estar habituado a este serviço peculiar.

O principal é atrair a atenção do primeiro cliente, porque "se virem um a vir para aqui, vem tudo!". Houve uma manhã que trabalhou das 8h às 12h sem parar.

Cartão dá privilégios para famílias numerosas

Cultura para todos

Câmara Municipal de Coimbra cria cartão de desconto para eventos culturais destinado a famílias numerosas.

Soraia Letra

A Câmara Municipal de Coimbra (CMC) lançou o Cartão Cultural Familiar. Os utilizadores deste cartão, as famílias com três ou mais filhos vão poder beneficiar de descontos de 50% no acesso a museus, equipamentos do município, espectáculos culturais e outros eventos, bem como de reduções em iniciativas de entidades que aderiram ao projecto.

O Cartão Cultural Familiar faz parte de um pacote dirigido aos agregados familiares numerosos e incide, para além do campo da cultura, em outras áreas como o desporto, os transportes públicos e tarifários da água.

O presidente do executivo camarário, Carlos Encarnação afirmou publicamente que este projecto revela uma política discriminatória positiva em relação às famílias numerosas, visto possibilitar o seu acesso à cultura, sendo também um meio de divulgação das instituições. O autarca elogiou ainda o facto da Coimbra Capital da Cultura 2003 se ter associado a esta acção, que poderá contribuir para o conhecimento da "multiplicidade de ofertas de que a cidade dispõe".

Aprovado por unanimidade há alguns meses, este projecto é agora posto em prática, tendo já sido celebrados os protocolos de cooperação com as entidades aderentes e entregues os primeiros cartões. Os interessados neste cartão poderão a ele aceder apresentando a identificação do agregado e justificativo oficial do domicílio no concelho, bem como a sua declaração de IRS.

Inquérito lançado sobre a Ponte Europa

Ponte a meio

O Ministério das Obras Públicas, Transportes e Habitação (MOPTH) instaurou um inquérito às obras da Ponte Europa.

Anselmo Câmara

Após a interrupção das obras por parte do consórcio construtor, é agora a vez do governo lançar um inquérito que visa analisar todas as fases de construção da Ponte Europa. Desde o lançamento do concurso público, passando pela adjudicação, até à fase em que se encontra a obra, tudo será objecto de análise no inquérito do MOPTH.

O despacho foi assinado no dia 29 de Outubro pelo ministro das Obras Públicas, Transporte e Habitação. A principal razão do inquérito prende–se com as sucessivas irregularidades do projecto, comprometendo o avanço das obras.

Segundo nota do Governo Civil de Coimbra, várias são as "vicissitudes" que têm "condicionado o normal funcionamento das obras". Entre outras, encontram–se falhas graves na construção da margem direita que prejudicam os abastecimentos de água, electricidade, gás e comunicações à cidade, um erro que custa cerca de 4,5 milhões de euros ao Estado. Em causa está também a legalidade da suspensão das obras por parte do consórcio, o que, segundo o Governo Civil, "está repleto de irregularidades e ilicitudes", podendo resultar num processo jurídico e respectiva rescisão do contrato.

Carlos Encarnação, presidente da Câmara Municipal de Coimbra, já expressou a sua vontade de ver este processo resolvido o mais rápido possível. As obras da ponte têm condicionado o bom funcionamento de uma das principais artérias da cidade, um fenómeno que tem sido alvo de duras críticas.

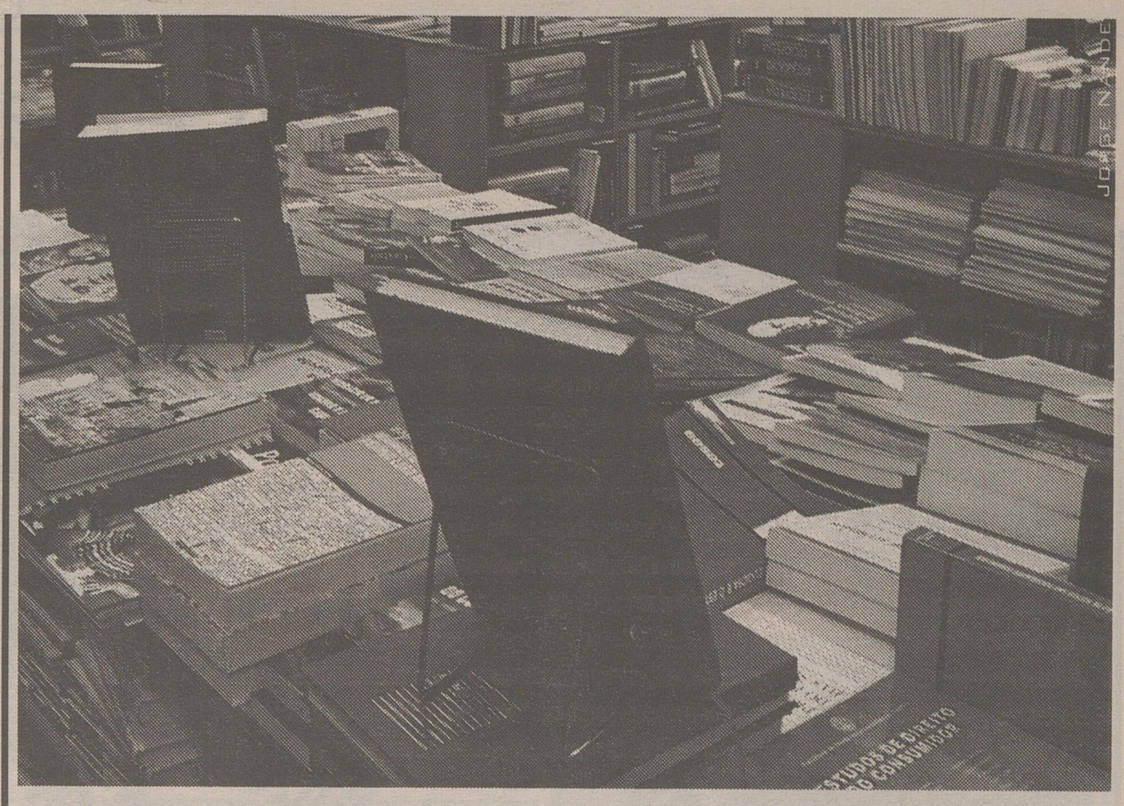
Casa da Cultura recebe mais de 100 editoras

Livros para todos

Até ao próximo dia 17 de Novembro, mais de 100 editoras estão presentes com as suas publicações na Casa Municipal da Cultura. Com preços a variar entre um euro e 50 cêntimos e os 15 euros, a X Festa dos Saldos - Grande Mercado do Livro promete assim trazer o universo do livro às possibilidades económicas de todos e proporcionar aos aficionados da leitura a oportunidade de comprarem verdadeiras pérolas por autênticas pechinchas.

A participarem este ano neste certame destacam–se grandes editoras do livro português como a Caminho, a Campo de Letras, a Verbo, a ASA, a Presença, a Terra–Mar, a Dom Quixote e a Europa–América. No entanto, os alfarrabistas não ficam de fora desta iniciativa e também marcam a sua presença, assim como as editoras conimbricenses. Quanto à organização, apesar das grandes necessidades logísticas e complexidade que um evento deste tipo exige, é garantida apenas por um pequeno conjunto de seis pessoas.

Esta iniciativa, da responsabilidade da Interlivro, conta com o apoio da Câmara Municipal de Coimbra e também do Sindicato dos Professores da Região Centro. Para os amantes da palavra escrita, a feira abre as suas portas ao público todos os dias, das 13h00 às 22h00.



Coimbra rende-se ao livro até ao próximo dia 17

Parceria procura promover comércio tradicional

Baixa ganha novo fôlego

Prevê–se que seja constituída ainda neste mês a Agência de Promoção da Baixa. Trata–se de uma instituição cujos objectivos passam por adaptar o comércio tradicional desta zona da cidade à realidade do quotidiano dos consumidores.

Neste âmbito, os horários de funcionamento dos estabelecimentos serão reformulados. Estes passarão a estar abertos, de segunda a sábado, entre as 10h00 e as 20h00, sem paragem para almoço. Encontram–se também planeados programas de animação de rua, espectáculos e campanhas de promoção. Os comerciantes que aderiram a esta iniciativa procuram combater a concorrência das grandes áreas comerciais existentes na cidade.

Este projecto para a revitalização da Baixa resulta de uma parceria entre a Associação Comercial e Industrial de Coimbra, a Câmara Municipal de Coimbra, uma instituição bancária, a Associação de Industriais de Panificação e uma empresa de segurança, e conta com um capital inicial de 50 mil de euros.

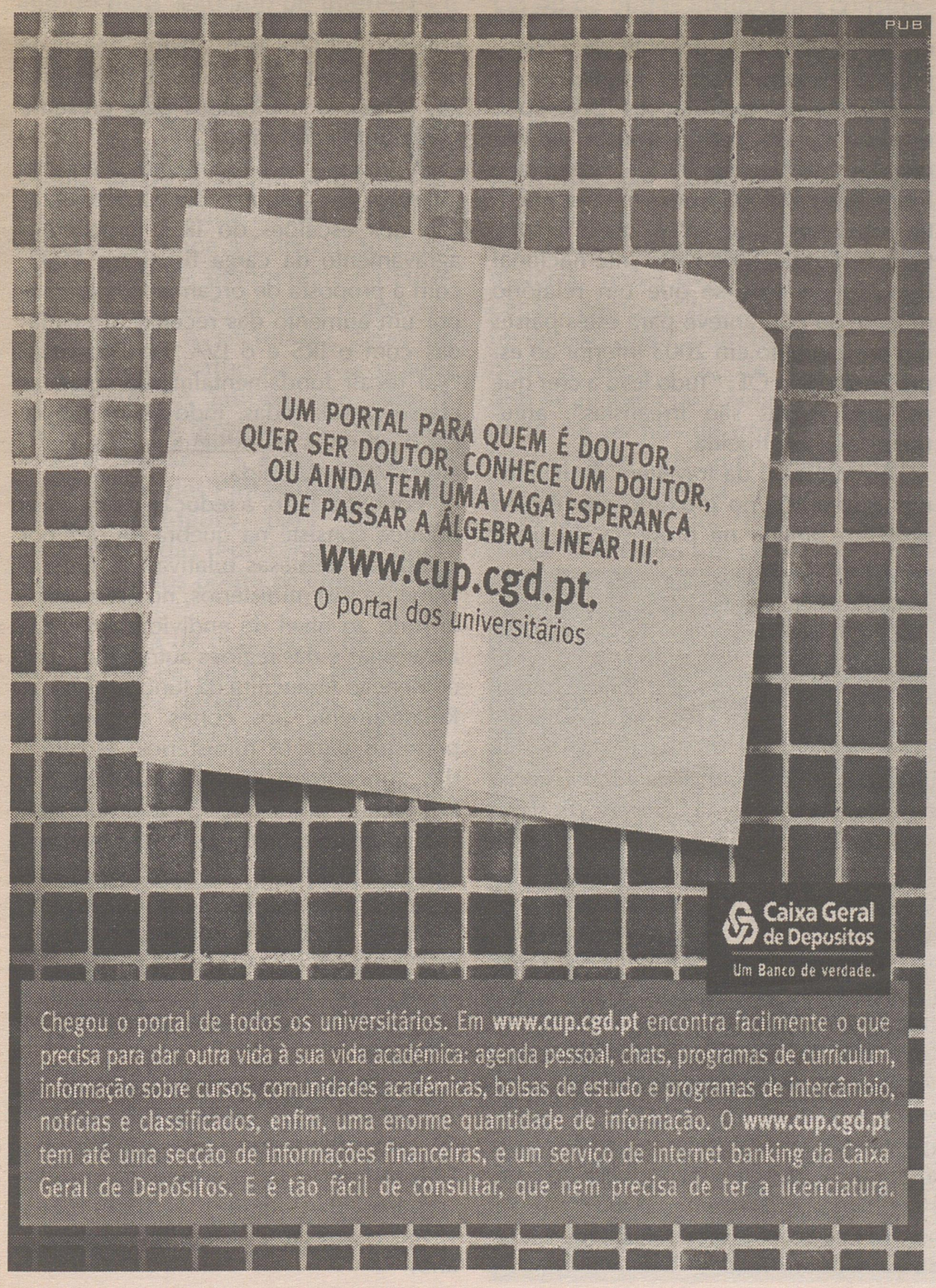
ACIC receia consequências do Orçamento de Estado

Empresas podem fechar

A Associação Comercial e Industrial de Coimbra (ACIC), em comunicado de imprensa divulgado durante a semana passada, manifesta o seu receio pelas consequências que poderão advir do Orçamento de Estado (OE) proposto para o próximo ano fiscal.

Para a ACIC, este documento, actualmente em discussão na especialidade na Assembleia da República após ter sido aprovado na generalidade no final do passado mês de Outubro, pode vir a criar frutos "perniciosos" para o tecido comercial e laboral da cidade. A associação conimbricence considera também que a medida de pagamento por conta do IRC, prevista no OE, vai penalizar as pequenas e médias empresas do distrito, que podem revelar–se incapazes de superar a carga fiscal prevista, e virem inclusivé a encerrar.

Por fim, a ACIC, na sua nota de imprensa, declara–se disposta a "defender" os interesses dos pequenos e médios empresários da região de Coimbra, "até ao limite".



Conjunto de homenagens a conimbricences

Memórias musicais

No próximo dia 10 de Novembro vai decorrer a homenagem a Flávio Rodrigues da Silva, músico que fez história a tocar guitarra de Coimbra e que nunca foi estudante. Esta iniciativa está integrada num conjunto de homenagens a "futricas" que brilharam como cantores e instrumentalistas. Este projecto, para além do apoio da autarquia, conta também com a motivação de um grupo de salatinas em defesa dos valores da Alta antiga.

Este programa, que contempla diversas iniciativas, tem ainda outro objectivo: o de trazer à memória a Alta de outros tempos, degradada pelo regime de Salazar. Para este efeito foi convidado o historiador António Nunes, que irá programar a homenagem e investigar a vida e obra de Flávio Rodrigues, bem como o a época em que este viveu.

Ainda para este dia está programado o lançamento de um livro sobre Flávio Rodrigues, que fará parte de uma colecção de oito obras em reconhecimento às "Vozes e sons de Coimbra".

Postos de trabalho para 150 pessoas

Olympus em Coimbra

A freguesia de Eiras, em Coimbra, foi o local escolhido pela multinacional japonesa Olympus para instalar uma unidade de montagem e reparação de produtos ópticos.

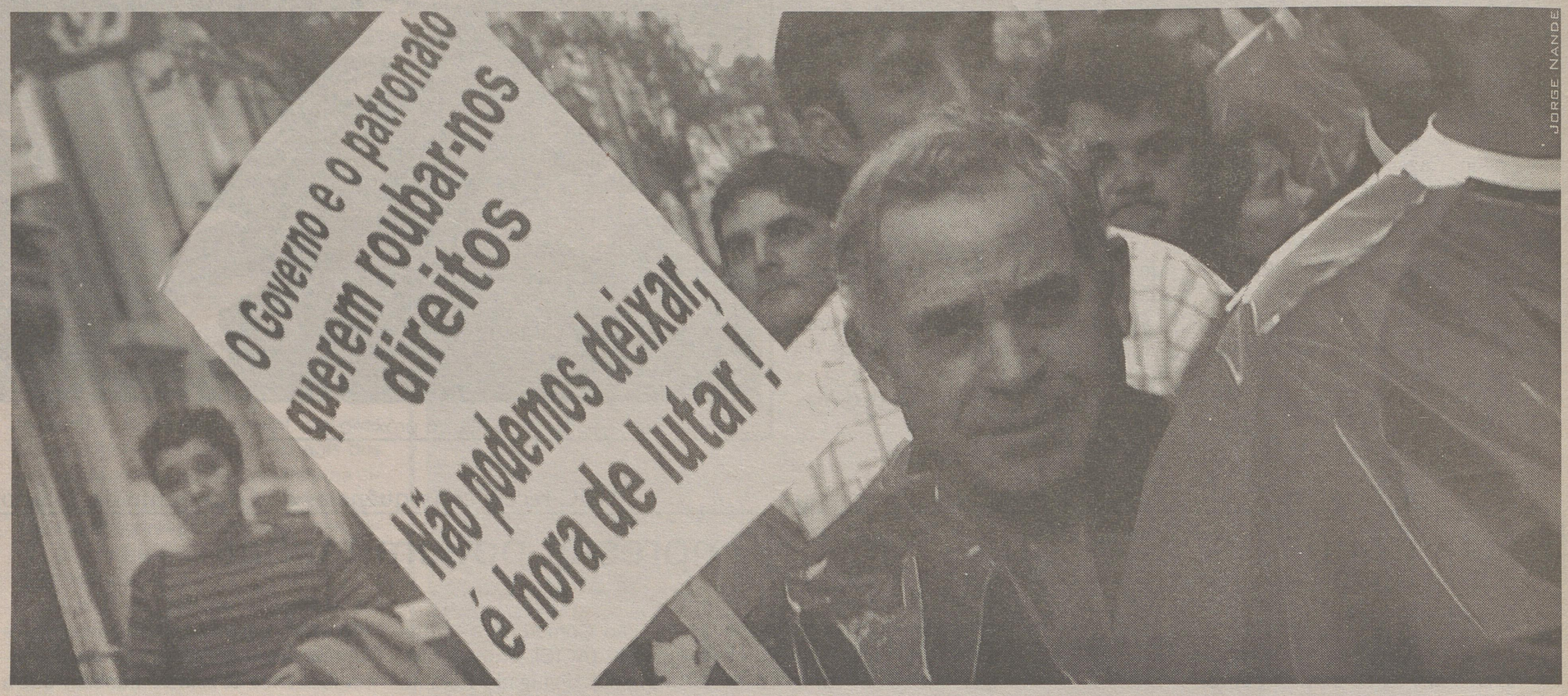
Na sua primeira fase esta unidade vai dar emprego a 150 trabalhadores, estando prevista uma expansão futura, que poderá significar o aumento do número de funcionários para cerca de 300 empregados. A maioria da massa laboral desta unidade da Olympus provirá não só da Universidade de Coimbra mas também dos vários institutos politécnicos existentes na cidade.

A abertura de uma unidade fabril da Olympus na Lusa Atenas é mais uma etapa do processo de reforço da presença desta empresa multinacional de alta tecnologia na Península Ibérica.

A instalação da unidade de montagem e reparação de produtos ópticos nas margens do Mondego decorreu de forma célere. A multinacional entrou em contacto com o executivo camarário conimbricense em Março, que passou a desempenhar o papel de intermediário no processo de licenciamento e consequente instalação da unidade.

Orçamento visa a "recuperação da economia nacional"

Contenção financeira aprovada



JORGE NANDE

Orçamento de Estado aprovado na generalidade no dia 23 de Outubro está a ser bastante contestado pela função pública e estudantes

O projecto de Orçamento do Estado (OE) para 2003 foi aprovado na generalidade, apesar dos votos contrários da oposição. O governo aposta na revitalização económica do país e pretende reduzir o défice público para os 2,4 por cento.

RITA DELILLE
MARÍLIA FRIAS
GUSTAVO SAMPAIO

As propostas de lei do OE para o próximo ano, apresentadas pelo governo no dia 23 de Outubro na Assembleia da República (AR), foram aprovadas na generalidade por uma maioria parlamentar constituída pelos deputados do PSD e do PP. As restantes bancadas parlamentares (PS, PCP, PEV e BE) votaram contra. O documento vai ser agora discutido na especialidade no âmbito das diversas comissões partidárias, estando a sua votação final prevista para o dia 15 de Novembro, coincidindo com a anunciada greve geral dos trabalhadores da administração pública.

No entanto, a sessão parlamentar de aprovação na generalidade deste documento ficou marcada por alguns incidentes no final da votação. Um grupo anónimo de pessoas manifestou–se ruidosamente nas galerias da AR contra a aprovação do projecto orçamental, recebendo o aplauso de todas as bancadas da oposição. A força de segurança interveio de imediato e pôs fim ao protesto, obrigando os manifestantes a recolherem os cartazes que continham palavras de ordem contra a política governamental.

Reabilitação económica

A proposta de OE para 2003 prevê um crescimento das exportações, quebra do investimento, aumento da carga fiscal, redução da despesa pública e novas privatizações. O recuo do défice público para os 2,4 por cento do Produto Interno Bruto (PIB) constitui o objectivo primordial do governo, ao abrigo do Pacto de Estabilidade e Crescimento da União Europeia (UE) que visa a sua extinção até 2006.

O crescimento das exportações, previsto entre cinco a sete por cento, tem em vista a reanimação da procura interna a par do crescimento real do PIB português. A venda de bens e serviços a países estrangeiros é conjecturada como fonte de revitalização da economia nacional. No entanto, segundo a opinião de Vasco Almeida, docente de Economia do Instituto Superior Miguel Torga, o aumento das exportações "pressupõe que os países habitualmente nossos clientes (Alemanha, França, Espanha e Reino Unido) conheçam um crescimento económico superior ao que é previsto pelo Fundo Monetário Internacional (FMI)". Relembre–se que um relatório recente do FMI antevê para estes países um crescimento em 2003 inferior ao especulado pelo OE. "Tudo leva a crer que as expectativas são irrealistas", argumenta Vasco Almeida.

A amplitude da travagem do investimento público no próximo ano é uma previsão omissa na proposta do orçamento. O documento refere apenas a redução do montante destinado ao investimento directo no sentido de uma escolha mais criteriosa dos projectos, com prioridade para os sectores impulsionadores da economia nacional. O objectivo do governo será privilegiar o investimento destinado a captar os fundos estruturais europeus. Contudo, Vasco Almeida ressalva que "a redução do investimento público tem efeitos negativos no crescimento económico e no emprego, já por si debilitados pela presente conjuntura económica".

A previsão de crescimento da taxa de inflação, em conjunto com a actualização dos escalões do IRS, indicia um agravamento da carga fiscal em 2003, com a proposta de orçamento a pressupor um aumento das receitas arrecadadas com o IRS e o IVA. Este aumento "vai recair fundamentalmente sobre as classes assalariadas, indo assim provocar o acentuar da desigualdade social", alerta Vasco Almeida.

Por outro lado, a redução da despesa pública consiste na quebra de dez por cento em despesas relativas ao funcionamento dos ministérios, no crescimento nulo ao nível do endividamento das autarquias e das regiões autónomas e na contenção financeira da função pública. Relativamente aos cortes orçamentais previstos para os ministérios, as descidas concentram–se essencialmente na Educação, Ciência e Ensino Superior, Cultura e Negócios Estrangeiros. Para Vasco Almeida, o "desinvestimento na ciência e os cortes na educação vão contra as evidências apresentadas na literatura especializada sobre a importância crucial daqueles factores para o crescimento e para o desenvolvimento económico".

O governo assume ainda uma aposta nas privatizações, prevendo um encaixe de 1500 milhões de euros. A Portucel, a Galpenergia, a Tap e a rede fixa de telecomunicações constam da lista de prováveis empresas a privatizar no próximo ano.

Discordância da oposição

O Partido Socialista (PS) mostrou–se desfavorável em relação ao projecto orçamental. Ferro Rodrigues, secretário–geral do partido, considera que a redução do investimento acentuará a crise económica e não transmite confiança aos empresários, embora reconheça a necessidade de reduzir a despesa pública. Segundo os socialistas, este OE não promove reformas indispensáveis ao país, não distribui de forma equitativa os recursos do Estado e acentua as desigualdades sociais. Em contrapartida, sugerem alternativas que permitam o aumento da receita, como a flexibilização do levantamento do sigilo bancário e a redução da despesa, nomeadamente no serviço nacional de saúde através da empresarialização de hospitais. Por fim, referem a necessidade de garantia do cumprimento da lei de bases da segurança social, do aumento da capacidade de investimento do Estado e da alteração dos escalões mais baixos do IRS.

Já o Partido Comunista Português (PCP), segundo um documento oficial, defende que a proposta do OE prejudica os grupos sociais de menores recursos, designadamente os trabalhadores e as famílias mais carenciadas. Os comunistas alertam para a política restritiva de cortes acentuados no investimento público, particularmente nas funções sociais do Estado. Em contraposição, apresentam diversas propostas que visam a redução da carga fiscal sobre os trabalhadores dependentes, o aumento da receita fiscal, a defesa dos direitos dos trabalhadores da administração pública e o cumprimento da Lei de Bases da Segurança Social.

Por sua vez, através de um comunicado oficial, o Partido Ecologista "Os Verdes" (PEV) considera que tendo em conta a necessidade de equilíbrio das contas públicas, a prioridade do Governo deveria ser o combate à evasão e fraude fiscais. Na área do ambiente, os ecologistas lamentam o corte orçamental ao nível da conservação da natureza e a omissão sobre a gestão e tratamento de resíduos industriais e hospitalares.

Quanto ao Bloco de Esquerda (BE), pela voz de Francisco Louçã, opõe–se ao que considera ser uma "lei brutal em relação aos mais fracos na sociedade portuguesa e facilitista em relação aos poderosos". Na opinião de Louçã, a proposta de orçamento representa um novo aumento de impostos e o agravar da crise, "destroçando o investimento público". Como alternativa, o BE propõe o fim do imposto de sisa, a criação de um imposto municipal imobiliário e o ataque à fraude fiscal.

Primeiro Fórum Social Europeu começa esta semana

Destino: Florença

A primeira edição do Fórum Social Europeu (FSE), a ter lugar de 6 a 10 de Novembro na cidade italiana de Florença, promete ser um marco na recente história do chamado movimento antiglobalização.

SARA CARDOSO
MÁRIO GUERREIRO
DIANA RAMOS

O FSE, que se inicia a partir de amanhã, em Itália, é um evento integrado no movimento mundial que reclama uma globalização alternativa. Anti–capitalistas, ambientalistas, sindicalistas, socialistas e muitos outros debatem questões como o terrorismo internacional, a tensão Iraque/EUA, o liberalismo selvagem, e os direitos sociais. Este primeiro FSE foi proposto, a par de outros fóruns regionais como o africano ou o pan–amazónico, no segundo Fórum Social Mundial (FSM), realizado em Fevereiro em Porto Alegre, no Brasil.

O programa do FSE está dividido em diversos formatos que se repartem em três·áreas temáticas centrais: "Globalização e Liberalismo", "Guerra e Paz" e "Direitos, Cidadania e Democracia". Os temas serão desenvolvidos em conferências matinais, seminários, cerca de 50 por dia, e plenários nocturnos que permitirão às diversas organizações europeias a troca de ideias e informação num âmbito mais alargado de interesses e preocupações. Para dia 9 está agendada uma grande manifestação continental contra a guerra.

Entre os representantes portugueses neste fórum, Boaventura Sousa Santos estará presente numa conferência subordinada ao tema "Da Declaração de Nice à Convenção Europeia: a crise da democracia na Europa e a luta pela cidadania mundial", assim como o secretário geral da CGTP–IN, Carvalho da Silva, orador no debate: "A Europa não está· à venda: novos direitos por um novo sistema social". A estes juntam–se Maria de Lurdes Pintassilgo e Miguel Urbano Rodrigues, para além dos anónimos e das representações oficiais de partidos políticos como o PCP e o BE.

Esta ideia de realização de fóruns sociais nasceu quando os países pobres e menos desenvolvidos, bem como algumas organizações com preocupações sociais, começaram a encarar o Fórum Económico Mundial (FEM) como gerador de assimetrias sociais, culturais e económicas. Nascia então o FSM, como contraponto ao FEM, que reunia pela primeira vez em Porto Alegre, em 2001. Da primeira edição, à qual compareceram organizações não governamentais, movimentos sociais, políticos e de cidadãos, saíu a carta de princípios do fórum que o consagrava como: "um espaço aberto a reflexões, debate democrático de ideias, livre troca de experiências e interacções entre movimentos e grupos opostos ao neoliberalismo, ao domÌnio do mundo pelo capital ou a qualquer forma de imperialismo". O FSM propunha–se a criar "uma sociedade planetária direccionada às relações frutuosas entre toda a humanidade e entre esta e a Terra".

A diversidade do fórum

O chamado movimento antiglobalização engloba vários interesses, algumas vezes contraditórios e sempre diversos. Como tal, a definição do termo torna–se bastante complexa, dado que muitos dos grupos que constituem este movimento se declaram, não contra o conceito de globalização, mas contra "esta globalização".

Os grupos ecologistas são, habitualmente, dos mais imaginativos nas formas de apresentação de ideias e contestação adoptadas. A sua causa é a denúncia da progressiva destruição do meio ambiente, sendo o Greenpeace, a PETA e os Amigos da Terra, as organizações ambientalistas mais relevantes em termos de actividades e número de membros.

Também os sindicatos europeus são presença certa em Florença, onde mais uma vez reafirmarão o seu protesto contra o desrespeito dos direitos dos trabalhadores por parte do sistema capitalista preconizado pela globalização económica.

Os protestos violentos que, normalmente, marcam as reuniões do G8 ou de outras instituições consideradas ao serviço do neoliberalismo "selvagem", são geralmente atribuídos aos anarquistas, que no entanto, as refutam. Em território italiano, as preocupações de segurança devem, mais uma vez, recair em grande parte no grupos de anarquistas italianos. Os grupos anarquistas são, na sua maioria, redes flexíveis de comunicação, como o "black block" (termo inventado pela polícia alemã para nomear uma rede de anarquistas) que se evidenciam pela sua criatividade em termos de protestos. O colectivo "new kids on the black block" (criado como forma de aproveitar a popularidade do termo "black block") tem sido um agente de renovada fantasia na contestação, à semelhança dos situacionistas do Maio de 68.

A par dos grupos e movimentos referidos, existem instituições políticas, como a Associação para a Tributação das Transacções Financeiras para Ajuda aos Cidadãos (ATTAC). Esta associação é responsável pela proposta de criação da Taxa Tobin, que consiste na tributação de 0,1 por cento de todas as transacções dos mercados financeiros. O objectivo é a estabilização dos mercados e a obtenção de receitas para a comunidade internacional, nomeadamente para os países mais necessitados. A taxa, se fosse aprovada por todos os agentes comerciais, permitiria arrecadar, anualmente, 166 milhares de milhares de dólares, o que representa o dobro da soma necessária para a erradicação da pobreza.

Países mais pobres do globo

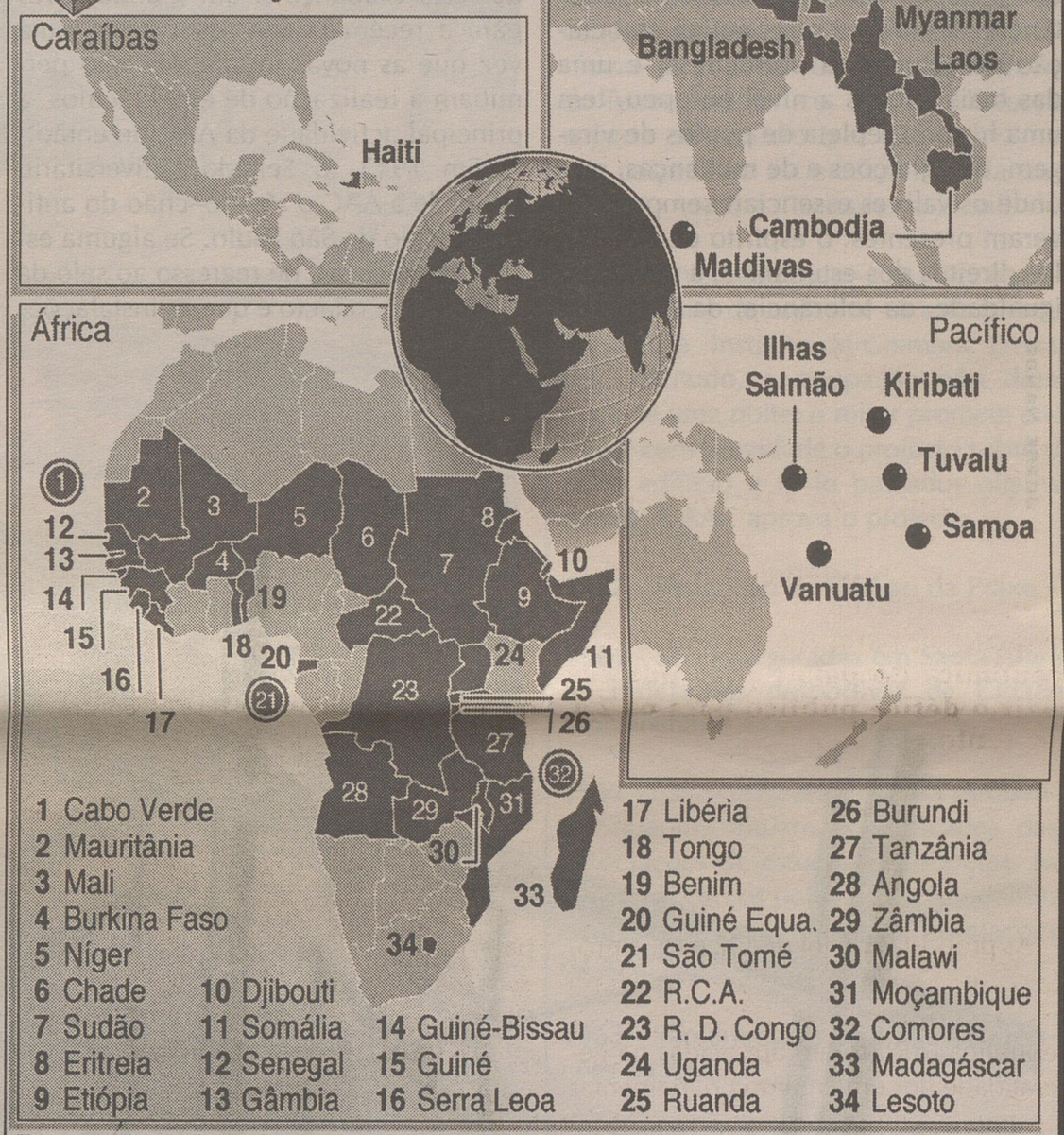
Mais de 10 por cento da população mundial – 610,5 milhões de pessoas – vivem nos 49 países mais pobres do globo, que por sua vez representam apenas 0,7 por cento do Produto Nacional Bruto mundial. O número de "países sub-desenvolvidos" duplicou nos últimos 20 anos - a maioria situa-se em África, onde uma em cada seis crianças morre antes dos cinco anos.

Os países sub-desenvolvidos:

Receitas: A maioria da população vive com menos de um dólar por dia

Economia: Vulnerabilidade à instabilidade das trocas industriais e agrícolas

Recursos humanos: Baixo investimento na saúde e educação. Esperança de vida baixa



Fonte: Nações Unidas

© GRAPHIC NEWS

As instituições criticadas

Os movimentos antiglobalização encaram várias instituições como os braços da globalização desregrada, e de um neoliberalismo selvagem propiciador de clivagens e desigualdades sociais.

O FMI, a Organização Mundial de Comércio e o Banco Mundial são os principais alvos das críticas. Estas instituições, criadas em 1944 pela conferência de Bretton Woods, tomaram em mãos a reconstrução da malha financeira europeia do pós–guerra.

O aumento da pobreza, as elevadas taxas de desemprego e toda uma economia mundial em colapso constituíam a realidade pós-1945. O FMI inicia a sua intervenção dois anos após o término da guerra, com o objectivo de conseguir a estabilidade económica e o desenvolvimento do comércio a nível mundial. Actualmente, são 183 os países membros da organização. O funcionamento do FMI baseia–se na atribuição de quotas de direitos especiais de saque (que constituem as unidades de medida do FMI) aos países membros. Essas quotas são determinadas pelo peso que cada país tem na economia mundial, sendo depois atribuído o número de votos que cada país influi nas tomadas de posição da instituição. Os EUA, Japão, Alemanha e Reino Unido (todos pertencentes ao G8) controlam 40 por cento da totalidade dos votos.

O Banco Internacional para a Reconstrução e Desenvolvimento foi igualmente importante para o reabilitar da economia mundial no pós–guerra. A partir dos anos 60, sofre uma reorientação da sua acção para os países do terceiro mundo, onde passou a ser conhecido como Banco Mundial. Algum tempo depois foi ensombrado pelas dificuldades de pagamento das dívidas contraídas pelos países menos desenvolvidos.

O General Agreement on Tariffs and Trade foi criado também em 1947 e propunha–se a eliminar os entraves ao comércio internacional. Em 1994 dá lugar à OMC, hoje com 137 países membros.

Outras instituições merecedoras de críticas por parte dos vários fóruns são a UE, a Associação de Livre Comércio das Américas, o Fórum Económico Mundial , a Organização de Cooperação e de Desenvolvimento Económico e o governo dos EUA.

Onze décadas e meia repletas de história(s) e de luta

AAC sopra 115 velas

A academia dos estudantes da Universidade de Coimbra está de parabéns. Cento e quinze anos depois da sua fundação pode orgulhar–se de uma história rica em conquistas e sucessos e de ocupar ainda uma posição única no panorama cultural e desportivo da região e do país.

João Pedro Marques
Sandra Dias
Vitor Aires

A Associação Académica de Coimbra (AAC) comemora 115 anos de existência. A maior e mais antiga associação de estudantes portuguesa, e uma das mais antigas a nível europeu, tem uma história repleta de pontos de viragem, de agitações e de mudanças, mas onde os valores essenciais sempre estiveram presentes: o espírito de luta pelos direitos dos estudantes, a defesa da igualdade, da tolerância, da democracia e dos direitos humanos. Um espaço que sempre foi de liberdade mesmo quando esta não existia fora das suas portas. Uma verdadeira escola para a vida.

Resenha histórica

A AAC é fundada a 3 de Novembro de 1887, depois de mais de meio século de inúmeras dissidências e fusões de grupos académicos de Coimbra. Logo em 1889 a AAC é forçada a abandonar as instalações do Teatro Académico e transfere–se para o Colégio da Trindade. Esta mudança é um grande revés para a recém–criada associação, uma vez que as novas instalações não permitiam a realização de espectáculos, a principal actividade da AAC de então.

Em 1913, o Senado Universitário concede à AAC o rés–do–chão do antigo Colégio de São Paulo. Se alguma estabilidade estava de regresso ao seio da associação, o facto é que as instalações continuam a ser limitadas para albergar toda a actividade académica. Cansados de esperar por instalações definitivas, sempre prometidas mas nunca disponibilizadas, os estudantes resolvem ocupar pela força a restante parte do edifício na noite de 24 para 25 de Novembro de 1920, um acontecimento que ficou conhecido como a "Tomada da Bastilha". O dia do aniversário da "Bastilha" passou também a ser comemorado como o Dia do Estudante até à crise académica de 1962.

O período de properidade potenciado pelas novas instalações, a que se deve acrescentar também a cedência do terreno e a construção do campo de jogos de Santa Cruz, traduz–se numa maior adesão dos estudantes à AAC, seduzidos por novas e maiores oportunidades de intervenção e formação. A tal ponto que as instalações ocupadas começavam a não ser suficientes para albergar todas as actividades da associação. Com as demolições da velha Alta de Coimbra a sede é também atingida: no Verão de 1949 é transferida para o Palácio dos Grilos. As promessas de um espaço definitivo só se materializam em 1963, quando são finalmente entregues as actuais instalações da AAC.

Alguns dos mais marcantes acontecimentos da academia têm que ver com os movimentos de contestação estudantil dos quais se destaca a crise académica de 1969, que despoletou a maior assembleia magna de sempre, registou verdadeiras lutas campais entre os estudantes e as autoridades e e teve consequências políticas da maior importância, a culminar com a demissão do ministro da Educação. Como alguém disse: "Tudo o que se passa na assembleia magna tem repercussões no país."

Hoje em dia, a AAC continua a poder afirmar–se como uma referência na defesa dos direitos dos estudantes da sua universidade e como um pólo cultural e desportivo de excelência.

Jorge Nande

O que se passa nos corredores da AAC reflecte-se na vida da cidade e do próprio país

Caras da Academia

Existem algumas personagens que toda a Coimbra estudantil conhece, sendo já parte integral da mitologia boémia que rodeia a cidade, a universidade e sobretudo a AAC. Agora que se festejam os 115 anos da Academia, fomos ao encontro de algumas delas.

João Luís Jesus, o Dux Veteranorum, representante máximo do Conselho de Veteranos, é a figura mais conhecida da praxe conimbricense. Entrou para a universidade em 1989, sendo esta já a sua décima quarta matrícula. Graças à sua presença activa na AAC, crê que "houve uma grande evolução nas actividades culturais e desportivas" nesta última década, com a abertura de novas secções e a criação de novas actividades."

O Dux é da opinião que as relações entre a Universidade e a AAC têm vindo a degradar–se cada vez mais. A abertura de novos institutos superiores em Coimbra acabou, diz, "com a posição da AAC como a única voz dos estudantes", pois instituições conseguem mobilizar de forma mais efectiva os seus estudantes. Por outro lado, João Luís olha com preocupação a diminuição da actividade reivindicativa estudantil, considerando-a como um sintoma da "distância criada entre os alunos e a Associação Académica". Desta forma, explica a menor adesão dos alunos às iniciativas da AAC, "exceptuando, claro, as festas". Contudo, defende que os novos estudantes "não são conformistas - os estudantes nunca são conformistas, mas sim desinteressados, o que acaba por ser um reflexo da sociedade."

Outro emblema da Associação Académica, do seu bar, é o Sr. Coelho. Natural de Braga, foi com 14 anos para Lisboa. Após voltar da guerra do Ultramar, "passei aqui por Coimbra e fiquei por cá." Trabalhou em vários cafés na cidade, antes de entrar como efectivo no bar da Académica em 1988. Contudo, ainda antes desta data, fazia já "serviço de férias e licenças" no bar.

"Hoje, Coimbra não é aquilo que era antigamente.", confessa muito pessimista. A actividade estudantil diminuiu claramente e "Coimbra deixou–se ultrapassar" por outras universidades, com menores tradições, mas situadas em cidades mais desenvolvidas. A razão por ele apontada é a jovem idade dos estudantes, que "vêm para aqui com 17 ou 18 anos". Eles sentem muitas dificuldades em compreender "o espírito académico" que ele reconhecia nas gerações universitárias anteriores. Contudo, a estas aponta uma certa indiferença quanto à cidade onde estudaram, logo que "recebem o seu canudo" -só "entidades competentes" poderão auxiliar o desenvolvimento da cidade e, consequentemente, o crescimento da universidade e da AAC, acrescenta.

SÁ E SOUSA

Após 115 anos de uma história ímpar, a AAC continua a manter a vivacidade de outros tempos

Academia de desporto

Desde há muito que o desporto da academia ultrapassa as fronteiras do universo estudantil. As secções desportivas concedem a primazia à formação do indivíduo como elemento cívico e humano, formação esta que se sobrepõe muitas vezes à mera obtenção de títulos desportivos. Por isto e pela estreita ligação que cidade e academia sempre desenvolveram, torna–se por demais evidente que as secções desportivas da AAC representam, para Coimbra e para os estudantes, aquilo que mais nenhum clube desportivo representa para a sua região.

Esse espírito que distingue a AAC das demais associações desportivas, arrancou a partir dum número reduzido de secções, que foram crescendo, e passou pela nascimento de muitas novas secções, até se chegar às vinte e quatro que existem actualmente. No entanto, o espírito de voluntariado e irreverência manteve–se, e hoje continua a fazer a diferença. Até porque poucos serão os portugueses que não reconhecem no losango da AAC a tal mística conservadora de ideais quase totalmente ausentes dos dias de hoje.

Para que esse ideal sobrevivesse foi importante a reorganização da casa em termos financeiros de modo que o crescimento posterior pudesse ser sustentado. Para além disso, é preciso ainda referir a importância da organização dum prémio como o Prémio Salgado Zenha em que se procura lembrar e reconhecer o trabalho daqueles que de alguma forma se destacaram na sua dedicação à causa da academia.

No entanto, o crescimento das secções e do desporto académico em geral tem sido acompanhado por algum desinteresse por parte do público estudantil. Ao nível do dirigismo, e não tanto ao nível da prática efectiva do desporto, sente–se cada vez maior dificuldade em cativar os estudantes para cargos como a presidência de secções. Valores doutrinários e nobres como os que a associação académica em geral, e as secções desportivas em particular, procuram veicular são hoje relegados para outros planos nas intenções diárias daqueles que são os sócios de pleno direito da AAC.

Cultura e AAC

É inquestionável o contributo que o conjunto das secções culturais tem dado para o crescimento da dinâmica cultural da academia, da própria cidade de Coimbra e do país. Desde o Centro de Estudos Cinematográficos (CEC), passando pela Secção de Defesa dos Direitos Humanos, até à Secção Filatélica, não esquecendo ainda os diversos organismos autónomos culturais, são hoje muito diversas as feições com que a efervescência cultural da academia se reveste. Diversidade esta que toma, no entanto, a forma de um todo exemplar perante o olhar atento de estudantes e demais cidadãos.

Num passado mais remoto, no âmbito das secções culturais, a Secção de Fado foi e continua a ser a que mais projectou o nome da academia dentro e fora de portas. No entanto, com o passar dos anos, secções como a RUC ou o CEC entre muitos outras, souberam desenvolver uma actividade constante, empreendedora e merecedora de particular reconhecimento por parte da cidade e do próprio país. Assim, as secções culturais da AAC cresceram, especializaram–se e alcançaram um nivelamento mais equilibrado. Especialização esta que tem, no entanto, vindo a ser acompanhada por uma menor participação e interesse pelas coisas da academia por parte dos estudantes. São hoje muito menos aqueles que decidem dedicar parte da sua vivência estudantil às actividades da AAC.

A criação de um Conselho Cultural (CC) constitui um dos marcos mais importantes na história das secções culturais da AAC. É com ele que a diversidade conhece a unidade e a força necessária para fazer frente à crescente necessidade de apoios financeiros essenciais à sobrevivência de qualquer organismo. Uma secção por si própria não consegue representar o peso duma instituição cultural como a AAC, tornando–se por isso necessária a assunção desse mesmo peso num só bloco. É ao CC que cabe o angariamento de fundos em conjunto.

Algumas datas relevantes

3 de Novembro de 1887 - É fundada a Associação Académica de Coimbra. O primeiro espaço da sede da AAC é o Teatro Académico, situado no antigo Colégio de São Paulo, o Apóstolo.

1889 - Mudança da sede para o antigo Colégio da Trindade. Início de três anos de paralização, face à escassez de espaços.

1913 - O Senado Universitário concede à AAC o rés–do–chão do antigo Colégio dos Paulistas.

25 de Novembro de 1920 - A academia, cansada de esperar por instalações definitivas prometidas desde a demolição do Teatro Académico, ocupa pela força a parte do edifício que não estava na sua posse. Este acontecimento fica conhecido como a "Tomada da Bastilha".

1954 - A história repete–se e, face à persistente falta de espaços, os estudantes, ocupam o Instituto de Coimbra. Desta vez, contudo, a ocupação não dura mais de uma noite: o reitor promete entregar com brevidade o projecto sobre o novo edifício e fá–lo passados alguns meses. A AAC aprova o projecto.

1957 - Redacção do Código da Praxe

1961 - São inauguradas em Santa Clara as instalações desportivas da Cidade Universitária.

1962 - São presos em Coimbra estudantes que distribuíam comunicados das associações de estudantes lisboetas. Apesar dos cercos policiais, os estudantes ocupam sucessivamente as instalações da AAC.

1963 - São entregues as actuais instalações da AAC.

1969 - Ano da mais grave crise estudantil. A palavra é negada a Alberto Martins, presidente da DG/AAC, aquando da inauguração do edifício das Matemáticas, que contava com a presença do Presidente da República. O dirigente estudantil é detido pela PIDE nessa noite. Registam–se confrontos entre os estudantes e as autoridades. Numa magna é decretado o luto académico e a greve às aulas. Face à repressão governamental, que leva à explusão de alguns estudantes, realiza–se a maior assembleia magna de sempre, com 6000 estudantes presentes, a 28 de Maio. A Praxe e a Queima das Fitas são suspensas pelos estudantes como sinal de luto académico e só regressam passados dez anos. É decretada a greve aos exames. Nova vaga de repressão policial e graves confrontos nas ruas. Os exames acabam por se realizar mas o ministro da Educação demite–se.

1974 - O 25 de Abril tem efeitos profundos na AAC. A politização da vida académica é omnipresente, com listas eminentemente partidarizadas. A Secção de Futebol de então abandona a AAC, alegadamente por motivos políticos. Dez anos mais tarde regressa mas como organismo autónomo.

CIÊNCIA

A Europa à descoberta do universo

Viagem ao planeta vizinho

A Mars Express será a primeira missão ao planeta Marte levada a cabo por países que não os Estados Unidos da América ou a União Soviética.

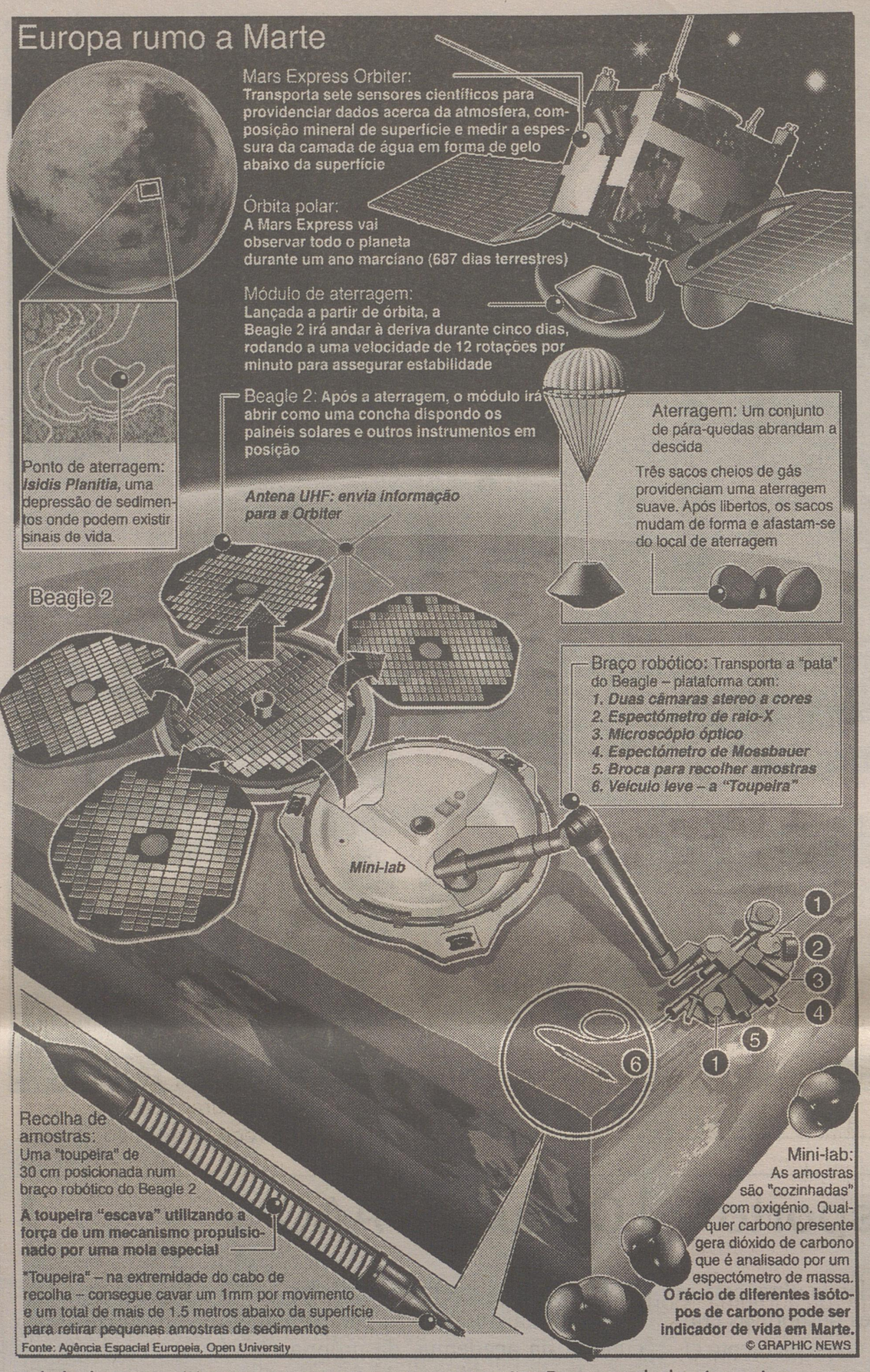
LURDES LAGARTO

Em Junho de 2003, vai ser lançada da base russa em Baikonur, no Cazaquistão, o foguetão Soyuz/Fregat. Terá assim início a primeira missão de exploração planetária da Agência Espacial Europeia (ESA), com chegada prevista a Marte em Dezembro de 2003. O projecto é financiado por 15 países, incluindo Portugal, que actualmente vê o pagamento das suas quotas da ESA ameaçado pelos cortes orçamentais.

Esta missão, denominada "Mars Express", será um marco não só por ser a primeira missão europeia a Marte, mas também pelos seus custos reduzidos (cerca de 44 milhões de euros), comparativamente com a última missão da NASA àquele planeta (aproximadamente 165 milhões de euros).

O objectivo da Mars Express é possibilitar um melhor conhecimento de Marte. A sonda orbital deverá analisar a atmosfera e fazer mapas de relevo do planeta durante os dois anos que ficará em órbita. Um pequeno robot de exploração, o Beagle 2, irá separar–se da orbital e fixar–se na superfície, onde vai analisar amostras de solo e rocha. Com estas análises, *procuram–se indícios de vida* no planeta, como a presença de carbono 12 - elemento associado ao desenvolvimento biológico na Terra. Por outro lado, esta viagem deverá ainda comprovar a presença de água congelada a um metro abaixo do solo, detectada em Maio pela sonda americana "Marte Odisseia 2001".

Quanto a viagens tripuladas ao planeta vermelho, para Augusto Matos, especialista na área de astronomia, enviar humanos a Marte é, hoje, quase uma utopia. Para este cientista, "não é possível enviar astronautas a Marte antes de 2020, 2030, talvez em 2040, se formos realistas". Segundo explica, apesar de existir água em Marte, esta encontra–se misturada com terra - uma espécie de "lama gelada" - e, neste momento, não existe tecnologia para proceder à sua separação. Por outro lado, é preciso ter em conta que uma viagem de ida e volta demoraria entre 18 e 24 meses, expondo os astronautas a radiações perigosas.



Investigação do cancro milionária

Governo de Singapura investe na área da ciência e anuncia programa de pesquisa sobre o cancro.

JOANA FIALHO

Num país em que a principal causa de morte é o cancro, o governo singapurense anunciou que está a desenvolver um projecto multimilionário para a investigação sobre esta doença. Esta tentativa de diminuir a grande dependência nacional da indústria electrónica procura assim dar continuidade a um crescente investimento na área das ciências da vida levado a cabo nos últimos anos pelo governo deste país do sudoeste asiático.

Elaborado por um conjunto de cientistas de renome internacional, de entre os quais se destaca Sydney Brenner, prémio Nobel da Medicina de 2002, e sob direcção de Edison Liu, antigo director do Instituto Nacional do Cancro norte–americano, este programa dispõe de 43 milhões de euros para os primeiros cinco anos de pesquisas. O governo desta cidade–estado encarregou ainda uma equipa internacional de cientistas de canalizar o dinheiro necessário para outros projectos científicos meritórios.

A nível mundial, o índice de incidência do cancro aumentou significativamente nos últimos 20 anos e estima–se que duas em cada cinco pessoas sejam afectadas em alguma fase das suas vidas por esta patologia. O cancro não é apenas uma, mas sim várias doenças, todas com características semelhantes mas peculiaridades distintivas que variam consoante o tipo e a sua localização. Existem cerca de 200 variantes, e todas começam pela reprodução descontrolada de células anómalas que formam tumores. Quando malignos, estes tumores podem dispersar–se e invadir diferentes partes do corpo, impedindo–as de funcionar normalmente.

Neste momento, a ciência está a tentar equiparar esta patologia à hipertensão - uma condição preocupante que requer tratamento, mas fatal apenas em alguns casos pontuais. Com o desenvolvimento das novas terapias em estudo, o número de mortes precoces pelo agravamento da doença deverá diminuir. No entanto, o conceito de uma cura total será esquecido e os pacientes afectados deverão aprender a viver com a sua condição.

Actualmente, os pacientes dispõem de tratamento por cirurgia, radioterapia, quimioterapia e outros tipos de terapêutica, entre os quais terapia hormonal e transplante de medula óssea. Além de poderem afectar células saudáveis, a maioria destas terapias tem efeitos secundários que impossibilitam o doente de manter uma vida normal. Se os avanços esperados para os próximos 20 anos se concretizarem, as terapêuticas altamente desagradáveis e destruidoras podem ser esquecidas.

Cigarros matam diariamente

Um vício fatal

Fumar activa e passivamente pode matar, como de resto já alertam os slogans das tabaqueiras. Não só de cancro morre o fumador, mas de muitas outras doenças.

VÂNIA CORREIA

Todos os dias, em Portugal, morrem 30 pessoas devido ao consumo de cigarros. Segundo dados do Instituto Nacional de Câncer brasileiro (INCA), o tabagismo é directamente responsável por 30 por cento das mortes por cancro em geral, 90 por cento por cancro de pulmão e 25 por cento por doença coronária.

Ilda Ferreira, pneumologista nos Hospitais da Universidade de Coimbra (HUC), esclarece que os cigarros não são só feitos de tabaco. Um cigarro é uma mistura de mais de 4000 substâncias diferentes, fruto de uma deturpação no seu fabrico para uma maior dependência. Os compostos mais conhecidos são a nicotina, o alcatrão e o monóxido de carbono. Este último é o grande responsável por problemas cardíacos e vasculares, enfartes, hipertensão, arritmias, enfizemas e vários cancros.

Na realidade, um só cigarro contém mais de 400 substâncias cancerígenas, assim como o próprio papel que o envolve. O filtro, segundo Ilda Ferreira, "é uma armadilha para o fumador, porque filtra as substâncias de tal forma que provoca cancros cujos sintomas não se fazem sentir". O maior problema é a nicotina porque, segundo esta pneumologista, "dá mais dependência do que a cocaína e a heroína". Esta dependência processa–se a dois níveis: ao nível farmacológico e psicológico. O primeiro está ligado à dose consumida, ou seja, os neuroreceptores vão libertar substâncias químicas que provocarão prazer e, caso não se fume, desprazer. É este jogo, igual ao das outras drogas, que faz com que as pessoas continuem a fumar. O nível psicológico relaciona–se com os gestos e toda uma espécie de "ritual" que circunda o acto de fumar, num acto de imitação de uma pessoa mais velha ou numa tentativa de integração social.

Ilda Ferreira acrescenta ainda o facto dos "jovens não se preocuparem com as possíveis doenças de que podem vir a padecer, pois pensam numa perspectiva de presente", até porque a patologia cancerígena surge normalmente a partir dos 40 anos. "O que mais os assusta é a dependência, a perda da liberdade", confessa a médica pneumologista.

Todos os fumadores que queiram deixar de o ser, podem dirigir–se aos HUC à consulta de Desabituação Tabágica (Desabit) às segundas e terças feira à tarde, orientada por Ilda Ferreira e Benedita Paiva.

Em jogo de nervos escondidos a Briosa mostra atributos

À nona foi de vez

Académica arrecadou o seu primeiro triunfo no passado domingo

Dário foi a figura em destaque no jogo que marcou a primeira vitória da Académica na Superliga. Um jogo de sofrimento onde os estudantes foram mais fortes que a equipa da cidade do Lis.

PAULO ALEXANDRE TEIXEIRA

Pela primeira vez na época 2002/2003, a Académica venceu na Superliga. Esta vitória chega numa altura em que a instabilidade já ameaçava o grupo de trabalho. Num dia agradável, que levou muita gente ao Estádio Municipal de Tábua, a Briosa começou o jogo a sofrer o primeiro golo do União de Leiria, marcado aos 2 minutos pelo ex–Académica Kibuey.

A Briosa acusou o golo e tentou reagir mas as suas iniciativas de ataque foram anuladas eficazmente pela defesa da cidade do Lis. Contudo, aos 11 minutos, Dário começa a dar um ar da sua graça, ao fazer o cruzamento que resultou no segundo golo do encontro, com Renato a introduzir a bola na sua própria baliza. Com o empate, a Académica galvanizou–se e passou não só a anular as iniciativas atacantes do União de Leiria como também a rondar perigosamente as redes de Costinha. Contra a corrente do jogo, o Leiria, num rápido lance de contra–ataque, colocou–se de novo em vantagem aos 37 minutos, por intermédio de Silas.

A Académica partiu para a frente e, pouco depois, Dário volta a brilhar, num lance individual em que não deu hipóteses a Costinha. Nos minutos finais da primeira parte, a Académica encostou o adversário "à parede", com sucessivos lances de perigo, tendo desperdiçado uma oportunidade soberana para chegar ao 3-2.

Com o início da segunda parte, após suster o ímpeto inicial da equipa visitante, a Académica decidiu que queria vencer o jogo. Primeiro, com Pedro Roma a defender os remates dos avançados leirienses, depois com Binho e Xano a carregarem a equipa para a frente e a protagonizarem os lances de maior perigo. Finalmente, aos 65 minutos, a Académica passa para a frente do marcador, com um lance individual de Binho, que cruza para Dário. Este, sozinho perante Costinha, confirma o golo.

A partir daí e até ao final da partida, tirando uma "bomba" de Dário que bateu estrondosamente na trave, a partida perdeu qualidade, talvez devido ao facto da luz natural começar a desvanecer–se no recinto do jogo. A poucos minutos do final, Manuel Cajuda ainda tentou alterar o rumo, fazendo entrar dois avançados. De regresso ao convívio da Briosa, o fantasista Alhandra não foi feliz, talvez devido à recepção ruidosa de que foi alvo pelos adeptos da Briosa. Por outro lado, Dário, o homem do jogo, foi substituído perto do fim, debaixo de uma merecida chuva de aplausos. No final, nenhuma das equipas merecia a derrota, mas à Briosa ficam–lhe bem os três pontos, pelo facto de nunca ter baixado os braços à adversidade. A arbitragem de Lucílio Baptista esteve em bom plano.

Andebol

A Académica, depois da derrota na jornada inaugural, e da vitória convincente na última jornada frente ao 1º de Maio, alcançou agora mais uma grande vitória frente à equipa da Estação por 25-20.

O triunfo foi registado este fim-de-semana no Pavilhão 3 do Estádio Universitário e permitiu que a equipa do treinador Horácio Poiares conquistasse os três pontos. Num jogo registado a bom ritmo, o saldo foi positivo para a equipa de Coimbra, no dia em que o treinador completou 55 anos.

Sem nunca serem apontados como favoritos, a Académica está a fazer um bom início de campeonato com uma derrota e duas vitórias. Tendo uma formação apenas constituída por estudantes, os objectivos da equipa de Coimbra passam sobretudo pela manutenção.

Voleibol

A primeira jornada do campeonato nacional da divisão A1 de voleibol terminou com uma grande vitória para a equipa da Académica, que derrotou no passado sábado o Benfica por 3-2.

O Pavilhão 3 do Estádio Universitário esgotou, e a equipa de Coimbra fez uma boa exibição, demonstrando muita arte na circulação de bola.

A Académica já não se encontrava na 1ª divisão há 21 anos, tendo arrancado uma grande vitória onde se destacaram pela positiva o jogador André Lopes e o brasileiro Silfaney Assis.

Rui Castro e António Carlos Gomes, técnicos da Académica, escalaram uma equipa que já demonstra um colectivo muito forte.

No próximo fim-de-semana a Académica desloca–se a Espinho para defrontar o Sporting local.

Académica B

Após o empate consentido na última jornada frente ao Caldas, a Académica B não conseguiu passar o teste na Sertã perdendo por 0-2 frente ao Sertanense.

Esta foi a quarta derrota da equipa dos estudantes na II Divisão B zona Centro. A equipa da Sertã primou pela eficácia ofensiva, tendo aproveitado uma falha de marcação para chegar ao golo aos 42 minutos. A Académica B teve quase sempre o domínio territorial do campo mas nunca conseguiu criar oportunidades flagrantes de golo. Para agravar esta situação a Académica sofre um golo no segundo tempo, fruto da passividade da defesa academista.

Nos estudantes, destaque para Valeri, que actuou na equipa inicial. A turma de Coimbra nunca teve a tranquilidade necessária para dar a volta a um resultado que parecia estar destinado.

BOLA AO AR JOÃO CORTESÃO

Formação?

Um golo bastou para que o puto Xano passasse de ilustre desconhecido a destaque de jornais desportivos. No encontro que opôs a Académica de Coimbra a uma equipa que em tudo se parecia com o Sport Lisboa e Benfica, o jovem valor saltou do banco e podia ter feito a diferença, não fosse a irregularidade a que a defesa da Briosa já nos habituou neste início de Superliga.

O percurso do Xano podia ser igual a muitos outros, mas não é. Este não é apenas mais um jogador a sair das camadas jovens da Académica. Numa cidade de "doutores", este puto reguila da Rua Direita desde cedo foi obrigado a ultrapassar obstáculos bem mais complicados que os defesas do Benfica. Desde novo que foi criado pelos tios depois de ter sido abandonado pela mãe, tendo dado os primeiros pontapés na bola aos oito anos de idade no clube que, por enquanto, ainda é o do seu coração.

Depois do golo vão chegar propostas tentadoras e, caso saia da Briosa, vai ter que mudar não apenas de camisola, mas também de discurso e de paixões. A profissão a isso obriga...

Desde os primeiros tempos do futebol que os jogadores são profissionais sem formação e sem vontade própria. Hoje em dia, as coisas continuam sem mudar, continuando a ser poucos aqueles que conseguem ter uma "vida própria" fora das quatro linhas e longe do absorvente mundo do futebol.

> Agora, como no passado, os jogadores continuam a ser meros figurantes

Os empresários escolhem o melhor rumo para a carreira de qualquer jovem com alguma aptidão para o futebol. Cada vez mais, os jovens são "acompanhados" desde muito cedo. Não pelos pais, mas sim por agentes desportivos que procuram o melhor para eles, desportivamente, claro...

Agora, como no passado, os jogadores continuam a ser meros figurantes num jogo de bastidores que não controlam e que muitas vezes nem sequer conhecem. Continuam a ser pessoas sem instrução e sem horizontes de futuro. Porquê? Porque sim e porque... assim é melhor.

Pode parecer demasiado forte comparar um empresário de futebol a um parasita, mas não me ocorre nada melhor. Não consigo deixar de ver estes indivíduos de fato e gravata como alguém que vive dependente de outrém, que ganha dinheiro com um trabalho que não é o seu. Se o mundo fosse justo esta situação não acontecia... Como o futebol é um mero reflexo do mundo, esta não passa de uma situação banal em que ninguém repara.

Ver os empresários como mais uma roda na engrenagem é a saída mais fácil desta realidade. Uma realidade em que os jornalistas apenas podem trabalhar se pagarem, como aconteceu há poucos dias num encontro a contar para uma taça europeia. O futebolista é um atleta, o jornalista é um trabalhador assalariado, um empresário... conhece as pessoas certas.

E depois de 2004, o que será do Desporto em Coimbra?

Para além do Euro

O Euro 2004 abriu as portas a uma imagem diferente do concelho. Mais que uma cidade construída sobre dois milénios de história ou sobre o prestígio de uma universidade que continua a ser o seu ex–líbris, Coimbra propõe–se a fazer do desporto a sua imagem de marca. Relvados, piscinas, pavilhões - infra–estruturas desportivas com que a autarquia conta para transformar a cidade numa "Cidade do Desporto".

Marco Carvalho
Rui Pestana

A janela, entreaberta, deixa passar um rasgo de luz amarelecida e na rua ecoam "eferreás" e esvoaçam capas negras. São nove da noite e os estudantes reúnem–se frente aos paços do concelho, preparando–se para jantar num dos muitos restaurantes da baixa. Para Nuno Freitas, vereador de desporto da Câmara Municipal de Coimbra, a hora de jantar ainda vem longe. Detalhes a ultimar, pormenores a precaver (porque é véspera de visita da comissão da UEFA ao Estádio Municipal de Coimbra) prendem Nuno Freitas ao edifício da Praça 8 de Maio.

Ainda assim, o vereador de Desporto acede sem agravo a dez minutos de conversa. Em pano de fundo, o futuro do desporto em Coimbra. Arrumado a um canto, disposto quase estrategicamente nas prateleiras de um escaparate, um cachecol com as cores de Portugal e a alusão ao Euro 2004 antecipa o diálogo e sugere um ponto de partida. E é do Euro 2004 - e das suas implicações no futuro da cidade - que se fala.

O projecto do topo norte do Municipal de Coimbra, que prevê como contrapartida da cedência da exploração da zona do Calhabé ao consórcio Eurostadium a construção de um complexo de piscinas e de um pavilhão multidesportos, irá dotar a urbe de recursos importantes na tarefa de transformar Coimbra numa cidade de oferta desportiva variada. Mas o desequilíbrio entre a oferta de Coimbra–cidade e a oferta de Coimbra–concelho é notório.

O novo complexo de Taveiro, construído em tempo recorde, surge como o primeiro passo para colmatar esse desequilíbrio. Mais que uma solução provisória, a autarquia pretende fazer de Taveiro "um pólo desportivo, para onde se prevêm piscinas, infra–estruturas para desportos "indoor", um circuito de manutenção ou mesmo um centro de estágio e formação".

O objectivo do executivo camarário vai muito para além do Euro 2004 e não se restringe ao futebol. A construção do Pescódromo do Mondego, que recebeu em Setembro o Campeonato do Mundo de Pesca Desportiva por equipas, abriu as portas a uma série de iniciativas que pretendem lançar Coimbra na alta roda do desporto mundial. Em estudo, encontra–se a candidatura possível da cidade a provas internacionais de râguebi e de natação. Delineia–se também, ainda que remotamente, a possibilidade de se construir na zona do Estádio Universitário uma espécie de "aldeia olímpica", um mega complexo desportivo que possa acolher modalidades sem grande expressão em Portugal. Uma aposta pessoal de Nuno Freitas, que sorri e gesticula enquanto apresenta o projecto.

"Uma aposta difícil, mas possível", conclui Nuno Freitas. Da rua já não sobem "eferreás" e os dez minutos de conversa há muito que se transformaram num diálogo animado. É véspera de visita da UEFA e Nuno Freitas já sonha com a Itália a dar chutos na bola ali para os lados do Calhabé.

Há muito a fazer no desporto

"Não acho que o desporto em Portugal tenha dinheiro a mais". Para Nuno Freitas todo o dinheiro empregue em infra–estruturas desportivas é dinheiro bem empregue. Médico de formação, o vereador de Desporto do executivo de Carlos Encarnação, é peremptório em afirmar que muito há ainda a fazer no que respeita ao desenvolvimento desportivo do município. Apesar de existirem por todo o concelho mais de 350 instalações desportivas - um número a que se chegou depois do gabinete de Nuno Freitas ter procedido à elaboração da carta dos equipamentos desportivos do concelho - o investimento no desporto tem vindo a criar desequilíbrios evidentes: "toda a margem esquerda tem tido de facto muito menos investimento do que a margem direita".

No intuito de diminuir as assimetrias, o pelouro de Desporto da Câmara Municipal de Coimbra tem vindo a trabalhar no Regulamento Desportivo Municipal, um documento que clarifica as regras de planeamento e de gestão das infra–estruturas desportivas do concelho, no sentido de tornar a prática desportiva acessível a um maior número de munícipes.

Opinião

O circo e a "raça"

O futebol não é apenas um jogo cujos intervenientes são os jogadores. Tem o público que lhe dá alma, colorido e acaba por ser aquilo que o torna um verdadeiro espectáculo.

António Gil Leitão

Confesso que não vi garrafões de vinho, nem grandes paragens nas estações de serviço da A1, nem tão pouco aglomerados de adeptos a mordiscarem a sua "sander" - enfim, a romaria não era grande. Estranhei. Afinal de contas era dia de jogo na Catedral da Luz (como chamam os adeptos do Benfica ao seu estádio em ruínas) e faz parte do ritual sagrado todo o convívio à base de tinto, porco e derivados.

Mas prossegui na esperança de ver algo que identificasse o local e o acontecimento aos relatos que tinha tido sobre o clube e o estádio em questão - aquilo que o Artur Jorge chamou em tempos de "circo".

Esperava, no fundo, assistir a atitudes "raçudas" porque as pessoas garantiam–me que o Benfica era composto por pessoas com essa característica.

Mas convém explicar o conceito. "Raçudo", como a própria palavra indica, é aquele que tem raça. Em "futebolês", é utilizado para designar pessoas que fazem as coisas mais desproporcionadas sem o menor pudor. E porque o fazem de forma tão descarada, fazem–no com raça. Pode–se dizer, para concluir, que ser "raçudo" é um estado de alma, um sentimento. Assim como a "saudade" é um sentimento nacional, também o ser–se "raçudo" é algo de imanente ao verdadeiro adepto de futebol. Normalmente os "raçudos" têm barriga proeminente, bigode farfalhudo, e muita alma na forma como se expressam - e expressam–se normalmente contra algo ou alguém: árbitro, equipa que apoiam, equipa adversária, jogador "dos nossos", jogador "dos outros", treinador (este é sempre o "nosso"); ou então expressam–se contra tudo e todos. Expressar–se é afinal a característica principal dos "raçudos".

A primeira atitude "raçuda" foi–me dada a assistir pelo pessoal das obras. Poucos minutos antes de começar o jogo, era vê–los debruçarem–se sobre os andaimes que davam melhor vista para a partida. Concluí que nem só nos dias de chuva as obras param no "novo" estádio da Luz. Em dias de jogo, ver a bola é o mais importante. Ora nem mais!

E o que não só os trabalhadores do novo estádio viram, mas todos os que se deslocaram ao estádio, foi a Académica demonstrar que tem lugar nesta "Superliga". Grande exibição da Briosa, com muita segurança, muita determinação e quase sem falhas. Pode–se mesmo dizer que foram os mais "raçudos" do dia.

No final da partida, a festa foi da "malta". Aos benfiquistas apenas restou insultarem–se uns aos outros. O alvo principal acabou por ser Féher, a quem os adeptos pediam para "ir distribuir cabeçadas na sua terra".

É preciso compreender que o ritual do adepto de futebol que se desloca ao estádio não fica completo sem antes insultar alguém no final da partida. Esperar pela saída dos jogadores adversários (quando se ganha), pelos jogadores da nossa equipa (quando não se ganha) e pelo árbitro (em qualquer circunstância) é tão ou mais importante do que ver o jogo desde o início. É claro que no meio destes grupos há sempre os mais conscientes, mas acabam por ser dominados pelo instinto "raçudo" que transportam nos seus genes. Começam por propor aos seus amigos a retirada, quase em desespero, porque "não estão ali a fazer nada". Andam para a frente e para trás, simulam a partida, mas não sendo seguidos regressam, e se por acaso passa algum dos "alvos" do dia, atiram–lhe com dois ou três "desabafos" que deixam todos satisfeitos. Partem já a pensar no próximo treino do seu clube.

Por vezes, a "mística" do futebol (que é quase um sinónimo para "raçudo"), chega à presidência do seu clube. E aí, é o delírio.

Em tempos, o presidente do Sporting foi um senhor chamado Sousa Cintra. Este magnata das águas (na altura), natural da Raposeira, concelho de Vila do Bispo, Algarve, ficou célebre pelas suas tiradas à imprensa e não só. Disse, com o seu sotaque algarvio, que o "Figue fica". Passados uns dias o Figo não tinha um, mas dois contratos assinados para sair do Sporting. E saiu, claro.

Outro tipo de "raça" futebolística encontramos nas vilas e pequenas cidades do país. Nesses locais o futebol é vivido com a mesma emoção mas com mais taças de vinho. E nesses locais até a força policial é peculiar. Na II Liga, cada saída da Académica era uma aventura - e bem regada com vinho. Este ano nem precisamos de jogar "fora" para sentir essa "raça". Basta irmos a Tábua. E se for como no domingo, vale a pena! Primeira vitória no campeonato, frente ao Leiria por 3-2.

Claro que não se esperou por ninguém (jogadores ou árbitros), e fomos logo directos ao "tasco" mais próximo beber um "copo de três"...

FEIRA DE EMPREGO E EMPRESAS 2002
PRAÇA DA REPÚBLICA
3 A 10 DE NOVEMBRO
SESSÕES DE RECRUTAMENTO __ TÉCNICAS DE PROCURA DE EMPREGO __ COLÓQUIOS

Um novo olhar, 500 anos depois

Gil Vicente revisitado

Com base na obra do primeiro dramaturgo português, o "Auto da Revisitação" culmina na junção de teatro vicentino com teatro contemporâneo. Integrado na programação Coimbra Capital Nacional da Cultura, estreia na cidade já a 7 de Novembro.

Rita Loureiro
Diana Mota

Gil Vicente promete regressar aos palcos. Quinhentos anos depois, o mestre do drama português volta à cena, desta vez pela mão do encenador António Fonseca. A peça, a ter lugar no Mosteiro de Celas, de 7 a 16 de Novembro, está inserida no Projecto Vicente - 500 anos da representação do "Monólogo do Vaqueiro" da Coimbra Capital Nacional da Cultura e esteve até ao passado dia 26 no Teatro Nacional S.João, no Porto.

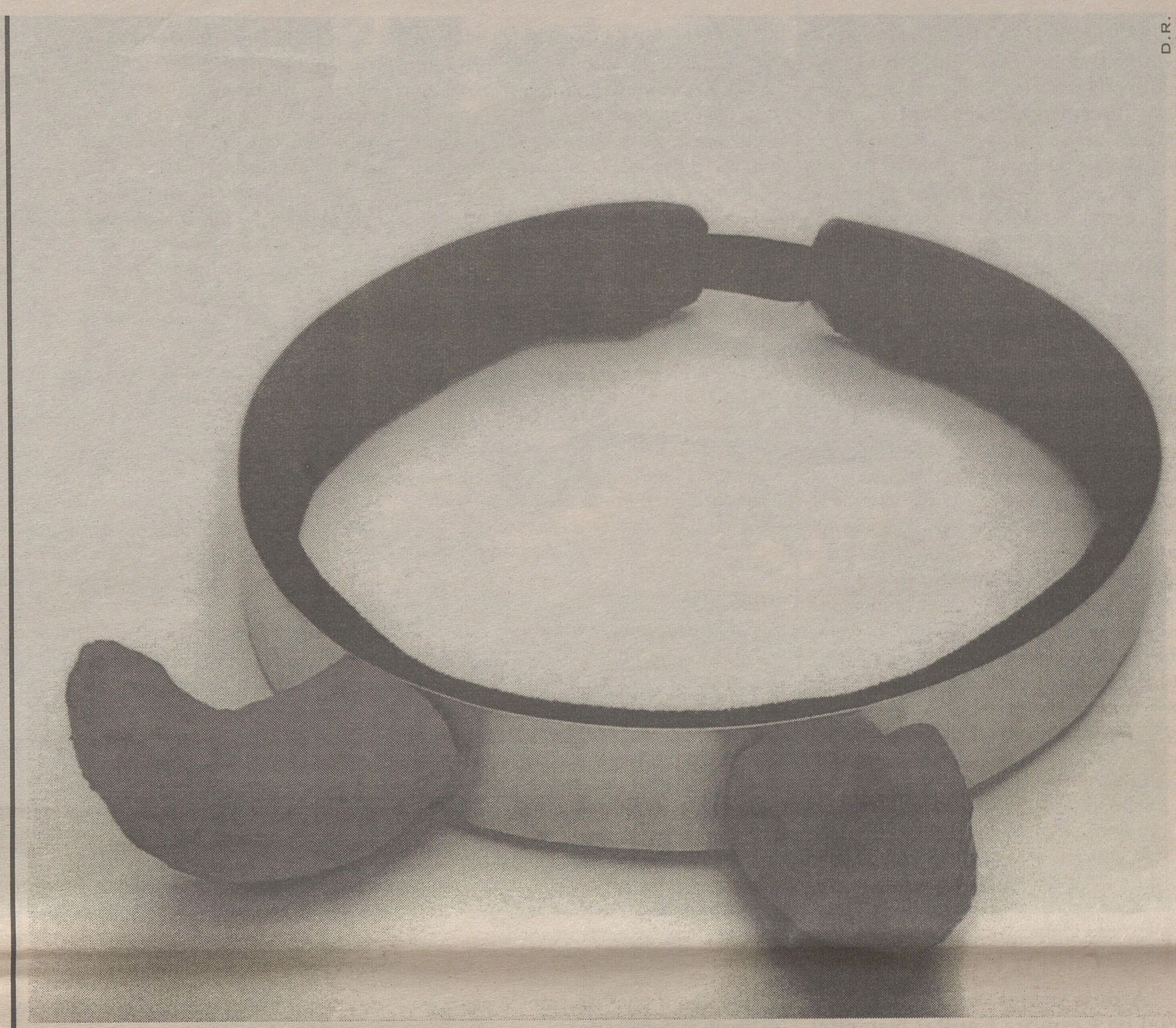
Para os cépticos, esta não é uma peça vulgar: a cada minuto surgem novas falas, novos assuntos, que transformam consecutivamente todo o sentido da diegése. A própria encenação é tripartida, compreendendo três objectivos fulcrais: citar o "Monólogo do Vaqueiro"; dialogar com obras de Gil Vicente através de várias valências como a música, a dança, a escrita e a realização plástica; e obter um diálogo com a herança cultural, artística e literária do dramaturgo.

O diálogo, a interacção com o público, a abordagem de um imaginário medieval que ronda temas como a morte, Deus e o sentido da vida, são as principais imagens de marca do "Auto da Revisitação". Viaja-se através de "Édipo", "Romeu e Julieta" ou "À espera de Godot" que, relacionados com o "Monólogo do Vaqueiro", "permitem ao espectador abrir os caminhos da imaginação e criar uma continuidade na peça".

Num cenário propositadamente despojado de aparato cénico, pretende-se aproximar a forma como o próprio Gil Vicente muitas vezes apresentou as suas peças na corte. De uma forma desprovida de formalidades, quase não é perceptível o começo do espectáculo. A ideia é a de entrar na peça como se de um ensaio se tratasse. O rumo muda a cada instante que passa. Os actores riem, choram, afligem, gritam, num misto de emoções através das quais também o público é arrastado.

Em conversa com o Jornal Universitário de Coimbra, o encenador do espectáculo, António Fonseca, explica que "foram 'trituradas' várias obras de Gil Vicente e, do seu resultado, extraídos excertos a que foram adicionados factos contemporâneos". Segundo o encenador, "o principal objectivo a atingir é a aprendizagem da obra de Gil Vicente", através de um contacto intenso com o público, sempre com boa disposição, fugindo assim às representações tradicionais dos textos vicentinos.

O texto foi escrito por Pedro Eiras e Jorge Louraço Figueira, dois jovens docentes universitários, que recriaram o "Auto da Revisitação" com grande espírito imaginativo. Apesar das novidades serem muitas, a peça realça o que nunca mudou ao longo de 500 anos e dificilmente mudará - o espírito artístico de Gil Vicente.



D.R.

Gil Vicente de volta aos palcos de Coimbra no próximo dia 7

Bonifrates, a paixão pela arte

De depósito morto a teatro-estúdio

Após dez anos de funcionamento, o protocolo entre Câmara Municipal de Coimbra e Bonifrates deve ser renovado em 2003. A CABRA entrou na sala de ensaios e foi descobrir o que é ensaiar num depósito morto convertido.

Margarida Matos
Carla Pinto

A paixão pelas artes do palco assim o determinou. Desde 1993 a trabalhar e actuar num salão da Casa Municipal da Cultura que funcionava anteriormente como depósito morto, a Cooperativa Bonifrates não se rendeu. Apesar da escassez de espaços culturais na cidade, este teatro-estúdio foi cedido, gratuitamente, pela Câmara Municipal de Coimbra ainda durante a época de Manuel Machado, mediante a troca de espectáculos. O protocolo, efectuado em 1993 e com uma validade de 10 anos, deverá ser renovado no próximo ano, possibilitando assim à companhia Bonifrates um certo "à vontade" a nível de espaços físicos.

Face aos problemas económicos com que se debatia a companhia, a cedência do salão permitiu assim que a Cooperativa Bonifrates continuasse a desenvolver as suas actividades teatrais e culturais. Em troca, a companhia teatral comprometeu-se a realizar 20 espectáculos anuais de produção teatral própria, nomeadamente sob a forma de cafés-concerto, sessões de vídeo, conferências, debates e sessões de poesia. A cooperativa comprometeu-se ainda a equipar o teatro-estúdio, assim como os espaços anexos, contando para tal com o apoio da Fundação Calouste Gulbenkian.

Segundo o encenador João Paulo Janicas, "este espaço foi adaptado à dimensão do público e do trabalho aí desenvolvido, dado que, originariamente, não tinha sido construído para tal". O mesmo acrescenta também que "foi apresentada uma proposta de remodelação, de modo a que o espaço seja mais acolhedor e confortável para o público".

Um dos entraves com que o grupo se debate actualmente são as condições técnicas, nomeadamente a impossibilidade de conciliar o espaço com a realização de duas peças em simultâneo. No entanto, apesar da limitação do teatro-estúdio, esta cooperativa, constituída por actores amadores, pensa que a paixão pela arte não a impossibilita de ensaiar, nem de actuar, já que encara a sua actividade como uma forma de intervir directamente na sociedade.

Oficina Municipal do Teatro inaugurada

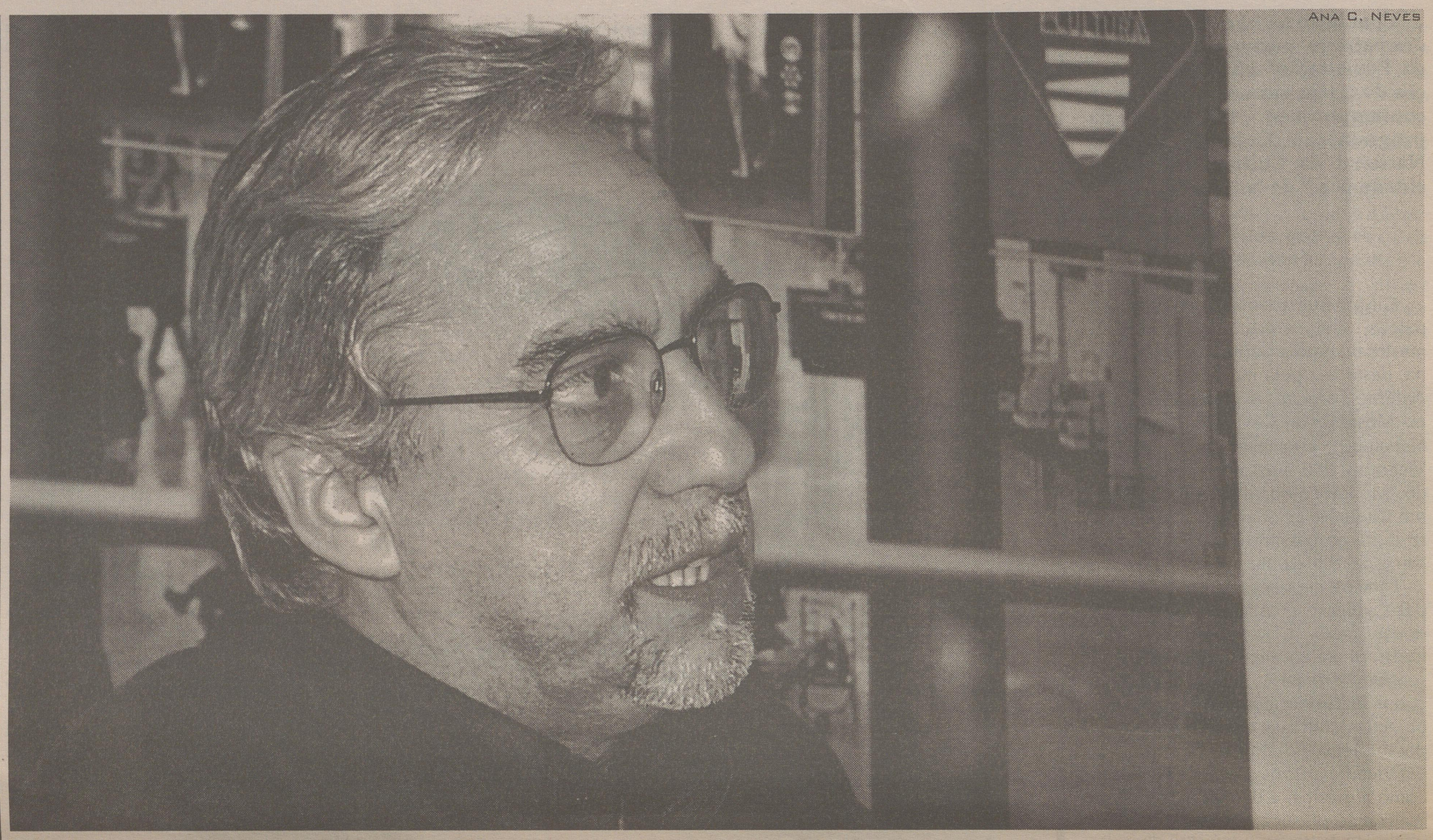
No passado dia 28 de Outubro foi inaugurada a Oficina Municipal de Teatro. Este projecto foi o resultado de um protocolo estabelecido entre a Câmara Municipal de Coimbra e a companhia de teatro Teatrão, que englobava a atribuição de um subsídio e de uma parcela de terra pela entidade municipal, ficando reservada ao Teatrão a programação cultural. Segundo Deolindo Pessoa, director do Teatrão, este espaço tornar-se-á "um centro de artes do espectáculo através da realização de ateliers de iniciação teatral e musical para jovens entre os 6 e os 16 anos".

Por sua vez, João Encarnação, director d'A Escola da Noite, acrescentou que "a construção deste edifício é de extrema importância, não só pelo facto de apenas existir o Teatro Académico Gil Vicente, mas também porque Coimbra vai receber a próxima capital nacional da cultura, em 2003".

Abílio Hernandez em discurso directo

"Ainda há muito a conquistar em matéria

ANA C. NEVES



"É importante que o Ministério da Cultura deixe de ser o ministério com o orçamento mais baixo"

A dois meses da abertura oficial da Coimbra Capital Nacional da Cultura 2003 (CCNC), o principal responsável por esta iniciativa fala–nos das contrariedades inerentes à organização de uma iniciativa deste género em Portugal.

JOÃO VASCO
PAULO NUNO VICENTE

A falta de autonomia na gestão financeira e a escassez de equipamentos disponíveis são as grandes preocupações de Abílio Hernandez. Apesar de tudo, o presidente da CCNC está optimista quanto ao sucesso deste grande projecto consagrado à "Cultura, Ciência e Cidadania".

Coimbra tem condições para receber um evento da amplitude de uma capital da cultura?

Coimbra tem condições para criar eventos que mereçam a sua dimensão. A ideia é fazer da cidade não apenas um lugar de acolhimento de projectos, mas um lugar de produção de acontecimentos. Não nos limitamos a acolher actividades em função de um orçamento, mas procuramos começar por criar eventos que consideramos importantes nas diferentes áreas e depois integrá–los numa ideia de programação.

Acho que temos condições. Não teremos eventualmente o maior orçamento do mundo, e é óbvio que gostaríamos de ter mais dinheiro, mas estou convencido que com o orçamento que existe temos condições para fazer uma boa capital nacional da cultura.

Quanto a equipamentos e espaços: existem os necessários?

É complicado. Coimbra é uma cidade dramaticamente carenciada a nível de espaços. Toda a gente sabe que só temos um teatro, o TAGV. Desde o dia 28 de Outubro, existe uma estrutura muito interessante que é a Oficina Municipal do Teatro, que não é um teatro convencional e é um tipo de recinto que pode ser exemplar para cidades de média ou pequena dimensão.

Até ao final da CCNC vamos ter mais algum equipamento: o Pavilhão de Portugal, que esteve na exposição de Hannover, da autoria de Siza Vieira e de Souto Moura, e cuja conclusão deverá estar pronta para 30 de Abril. Todavia, vai aparecer numa fase do Programa Pólis que não está acabada, o que supõe que não tenhamos este espaço disponível para programação antes de meados de Junho. Está já em reinstalação o Teatro da Cerca de São Bernardo mas não tenho esperança que esteja pronto antes do final de 2003. Também não será possível aproveitar a recuperação do Convento de São Francisco, que incluirá um grande auditório para cerca de 1500 pessoas. Se este espaço estivesse disponível a tempo teríamos todos os problemas resolvidos.

Nesse sentido, a CCNC 2003 será equiparável ao Porto Capital Europeia da Cultura...

Em Coimbra o caso é mais grave. O Porto, por altura da Capital Europeia da Cultura, já tinha muitos equipamentos culturais. O que não ficou pronto no Porto 2001 foram as intervenções em matéria de renovação urbana e o grande equipamento emblemático que é a Casa da Música. O que acontece aqui é que vamos tentar descobrir espaços que não foram pensados para espectáculos. O futuro Museu dos Transportes vai acolher já este ano a Semana dos Sete Ofícios, dedicada ao artesanato. Para além deste, há o espaço onde funcionou em tempos a Fábrica dos Mirandas, mas que precisa de uma intervenção ao nível da recuperação.

Temos ainda os espaços que pertencem ao nosso património histórico e cultural que vamos aproveitar para eventos artísticos: a Sé Nova, a Sé Velha, a Biblioteca Joanina, o Jardim da Sereia, a Praça da República, o Jardim Botânico e a Praça 8 de Maio. Vamos, portanto, tentar animar os espaços públicos da cidade.

Como funciona o modelo de gestão e financiamento da CCNC?

Não existe um financiamento directo à CCNC. Foi o modelo de gestão determinado pelo governo socialista que não nos reservou autonomia administrativa e financeira. O ministro José Sasportes planeava criar uma sociedade anónima mas, com a situação em que o país entrou, isso não foi possível. É evidente que é uma enormíssima contrarieadade ter que gerir um projecto destes com este modelo de gestão. Portanto, não temos um orçamento que possamos gerir livremente. Temos financiamento que vem até agora exclusivamente do Ministério da Cultura, nomeadamente através do Programa Operacional da Cultura e do PIDDAC. Digo "até agora", pois estamos à espera de receber a resposta de outros ministérios e ainda de alguns financiamentos privados.

Preocupa-o o Orçamento de Estado para 2003?

Os cortes são gerais e preocupam–me nomeadamente se forem cegos. Se tiver de haver cortes que sejam justos. Estou de acordo que seja imperioso diminuir os custos desnecessários. Na cultura há coisas graves, nomeadamente aquilo que está a acontecer na cidade do Porto. Depois do evento excepcional que foi a Porto 2001, verifica–se um período de depressão cultural no Porto que é preocupante. Nós devemos ter isso bem presente aqui em Coimbra para que não aconteça o mesmo em 2004.

Do ponto de vista do orçamento do PIDDAC para 2003, a CCNC não foi prejudicada. Penso que o ministro da Cultura defendeu bem o nosso projecto e é dentro destas circunstâncias uma verba que me parece razoável.

Há a preocupação de chegar a públicos mais jovens?

Chegar aos públicos mais jovens penso que não é difícil porque o público da cultura em Coimbra é jovem, salvo as excepções da música e dança clássicas. No TAGV, por exemplo, mais de 90 por cento do público é jovem, por volta dos 20 anos, quase todos universitários. Os outros 10 por cento são constituídos por pessoas de meia idade, sobretudo professores do ensino secundário. O grande problema do público jovem são naturalmente os preços dos espectáculos, mas em 2003 vamos tentar fazer uma política de preços baixos.

de cidadania cultural"

E como conseguirá a CCNC chegar a novos públicos?

É preciso dar informação aos cidadãos que geralmente estão afastados dos espectáculos, nomeadamente os da periferia, os das zonas rurais e suburbanas e os que pertencem a etnias que não estão ainda suficientemente integradas. Coimbra é, neste momento, uma cidade que tem uma variedade extraordinária de culturas e de modos de viver. Mas Coimbra conhece-os? Eu acho que não.

Por outro lado, é preciso permitir a outro tipo de cidadãos o acesso aos bens culturais. Refiro-me aos cidadãos deficientes. Em 2003 celebra-se o Ano Europeu do Cidadão com Deficiência e a cidadania é um ponto fulcral da CCNC. É importante que a cidade dê sinais de que também está a trabalhar para esses concidadãos, cumprindo a lei. É certo que não podemos fazer mais do que o possível, mas devemos estar atentos a estas situações e a procura de novos públicos passa por coisas como estas.

Até agora foram poucos os espectáculos que já se realizaram...

Ainda não entrámos propriamente na CCNC, mas posso adiantar que a abertura oficial será na segunda quinzena de Janeiro. Gostaríamos que estivesse cá o Presidente da República, o primeiro-ministro e o o ministro da Cultura. Temos, por isso, que atender às respectivas agendas. O dia de abertura será, em princípio, marcado por um acontecimento musical.

Com fogo-de-artifício à meia-noite?

Não sou um grande entusiasta dos fogos-de-artifício (risos). São bonitos e dispendiosos, mas acabam num instante, com a agravante de que levamos, por vezes, com umas canas em cima... O que me preocupa na cerimónia de abertura é o espectáculo e a quantidade de público. Se tivermos um concerto com uma grande orquestra ou um grande solista, onde é que o fazemos? No TAGV, que tem 787 lugares? Boa parte dessas pessoas estão ali por convite, é inevitável. Ora, só 400 pessoas, que pagaram o seu bilhete, é que vão assistir à cerimónia de abertura? Isto é que me preocupa.

Outro grande desafio será o de aliar a chamada cultura popular à cultura erudita. Há, por um lado, quem afirme que o programa é dirigido às elites e, por outro, quem diga que não é intelectualmente motivante.

A questão das elites é sempre muito complicada. Não tenhamos dúvida que quem vai aos espectáculos é uma elite. Quando digo que o público do TAGV é um público formado na sua larga maioria por estudantes falo de uma elite. Agora, para conquistarmos novos públicos não temos que descer o nível, temos sim de tornar o espectáculo intelectualmente estimulante, procurando que as pessoas descubram coisas. Porque é que todo o português é capaz de falar sobre futebol? Porque é mais fácil que qualquer outro fenómeno? Não é. O facto é que existe uma informação espantosa sobre futebol. O que é importante é que a música, a dança, o teatro, a pintura ou a escultura tivessem nos grandes meios de comunicação, sobretudo na televisão, uma maior visibilidade.

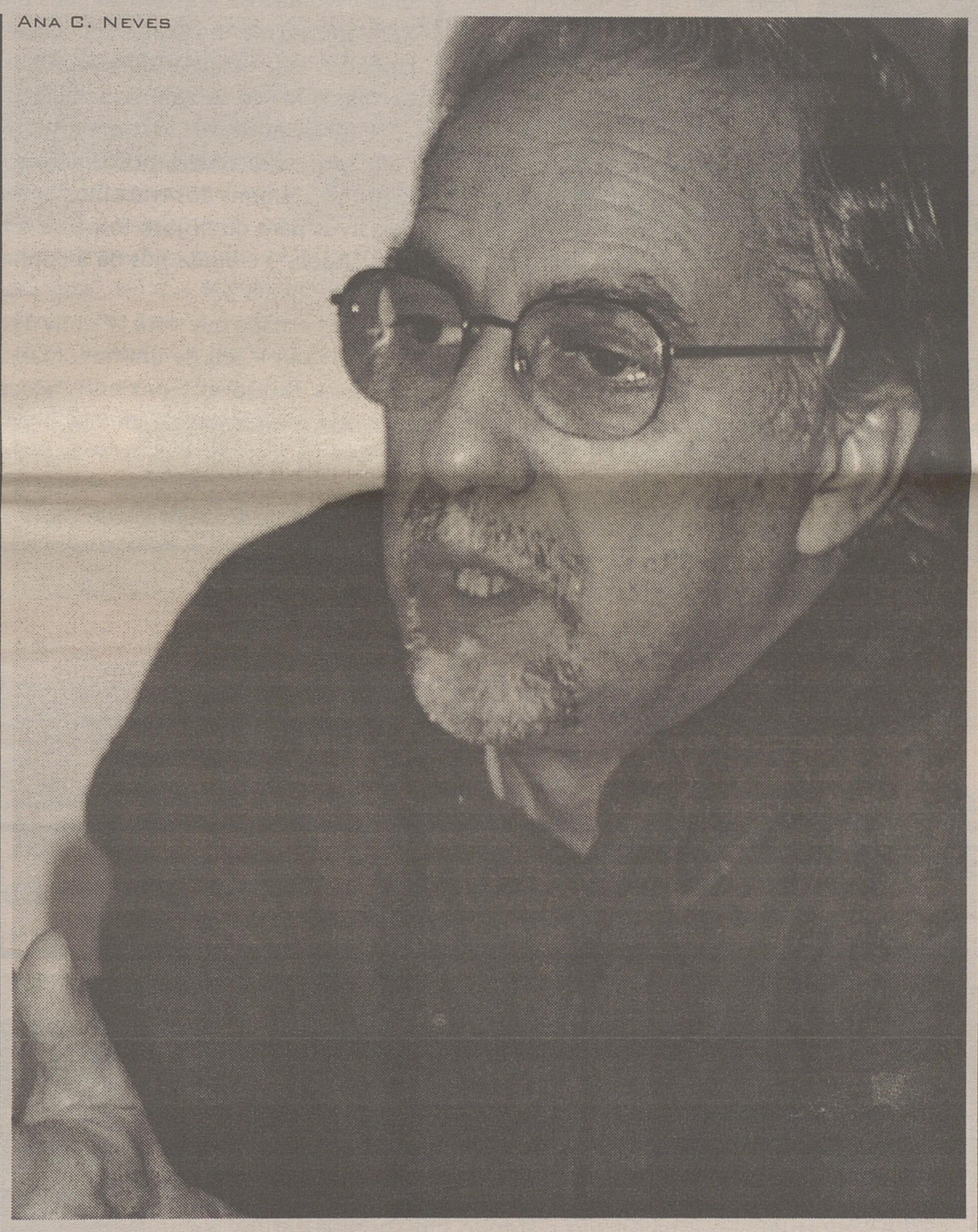
A cultura aparece relegada para segundo plano...

O bem cultural é tão importante como outro bem qualquer e os nossos direitos culturais são tão importantes como os direitos sociais, políticos ou económicos. Ainda há muito a conquistar em matéria de cidadania cultural. É importante que o Ministério da Cultura deixe de ser o ministério com o orçamento mais baixo. Se calhar é muito mais importante termos mais cultura e menos helicópteros, tanques ou metralhadoras, não é verdade?

Não está previsto haver uma capital da cultura para 2004. A CCNC não corre o risco de ser um fenómeno isolado?

Penso que o interessante desta iniciativa é que ela continue. E podem ser cidades muito mais pequenas do que Coimbra. Não têm que ser capitais de distrito. O ministro Pedro Roseta já disse que o projecto é para continuar. Penso que não será muito boa opção termos uma capital cultural cada ano, porque isso é meio caminho andado para fazermos só meia coisa. Ter uma capital nacional da cultura de dois em dois ou de três em três anos será o ideal, pelo menos até que o país esteja financeiramente estabilizado. Deve haver uma planificação em que o Estado assuma a responsabilidade de disseminar o acesso à Cultura, de uma forma equilibrada, por todo o país.

ANA C. NEVES



"Coimbra é uma cidade dramaticamente carenciada a nível de espaços"

Por meias palavras

José Sasportes?

Não tinha jeito nenhum para ser ministro.

Augusto Santos Silva?

Escreveu textos notáveis sobre a responsabilidade do Estado no que toca a matéria de arte. É uma pessoa com uma grande perspicácia, para além de ser um indivíduo muito culto. Apesar disso, não foi o ministro da Cultura que eu gostava que ele tivesse sido. Limitou-se a gerir um mau orçamento para a sua tutela num governo que se encontrava na sua fase descendente.

Pedro Roseta?

É um cavalheiro. Pela cultura que tem, pela pouca preocupação com o mediatismo, tem condições para ser um bom ministro da Cultura.

Fernando Rebelo?

É um grande amigo que tomou uma má opção. Deixou-se levar por uma reacção afectiva. Fui presidente da assembleia magna, em 1965, e reconheço que os estudantes têm todo o direito de aprovar as moções que bem entenderem. Mas não concordo com a moção de censura: é demasiado simplista.

A METAMORFOSE
GUSTAVO SAMPAIO

Existencialismo

A guerra, com toda a sua violência, irrompe na consciência colectiva da geração actual, comprometendo a nossa liberdade. Os tempos de paz relativa e de grande crescimento económico da década de 90 chegam ao fim, emergindo ao nível global uma guerra contra o terrorismo a par de grave recessão económica.

No tenso mundo de hoje vivemos "com a morte na alma", sentimento descrito por Jean-Paul Sartre no terceiro volume de "Os Caminhos da Liberdade". A ameaça de então era a Alemanha nazi que arrastou o mundo para um conflito sangrento, ensombrando a vida de toda uma época. O inimigo actual, porém, não tem rosto e movimenta-se sem restrições. O terrorismo reúne diversas forças, políticas e religiosas, constituindo-se como um movimento à escala global e com ramificações nos próprios países onde ataca. Baseia-se na força do ódio islâmico em relação ao mundo ocidental e na revolta dos países mais pobres perante os níveis de riqueza dos países mais desenvolvidos, o que lhe confere um enorme poder de mobilização comprovado pelo fanatismo de militantes que desperdiçam a própria vida em favor da causa. Com tremenda fúria, o terrorismo deixou recentemente marcas profundas em Bali (Indonésia) e em Washington e Nova Iorque (EUA), para além dos constantes atentados palestinianos em Israel.

"Prosseguindo os caminhos de Sartre, será fundamental acabar com a violência"

Os países mais poderosos, como alvos principais, procuram elaborar um antídoto para esta nova ameaça do século XXI. No entanto, acabam por entrar no mesmo caminho de morte, gerando uma perigosa espiral de violência. A incursão militar dos EUA no Afeganistão vitimou milhares de civis e não garantiu a paz no território, a operação das forças especiais russas no teatro moscovita causou a morte de mais de uma centena de reféns e dos cinquenta sequestradores e os israelitas continuam a matar indiscriminadamente milhares de palestinianos nas sucessivas represálias aos atentados sofridos.

A multiplicidade de caminhos possíveis que se estendem a cada opção, como preocupação básica do existencialismo, colocam cada indivíduo face a uma responsabilidade angustiante. A liberdade de escolha reflecte-se depois nas suas consequências, recaindo inteiramente sobre cada um de nós. Sartre escreveu sempre sobre a pesada dimensão humana, assumindo cada decisão com a importância devida. Tudo tem uma repercussão no futuro. Neste sentido, prosseguindo os caminhos de Sartre, será fundamental acabar com a violência. O combate ao terrorismo começa em cada um de nós, na nossa própria opinião. Não podemos encobrir os crimes cometidos pelos governantes mesmo tendo em conta o sentimento de revolta e de insegurança face a esta nova ameaça. Os fins não justificam os meios.

Artes Feitas

Ouve-se

O canto da sereia

RUI CANIÇO

Pode uma voz que marcou uma cidade e um género dissociar-se por completo de uma imagem e (uma vez mais) transcender-se sem evocar os fantasmas do seu próprio cadastro? A pergunta é meramente retórica, mas inquieta quem escuta o primeiro trabalho de Beth Gibbons e do seu velho cúmplice Rustin'Man (Paul Webb, ex-baixista dos Talk Talk) e que conta, ironia do destino, com a ajuda de Adrian Utley, o pianista John Baggott e o baterista Clive Deamer, velhos companheiros de estrada nos Portishead.

Assumidamente acústico, "Out of season" revela um génio solitário e romanticamente amargurado mas cuja fé e candura sustźm uma desconfortável esperança no amor. Se por entre a maquinaria do projecto de Bristol esse modo de estar era constante, aqui é mais carnal, emotivo, humano. Os próprios textos sčo tčo visuais que por vezes se esquece a filigrana dos arranjos orquestrais.

Beth Gibbons & Rustin' Man

Out of season

2002, Go! Beat, Universal

O ritmo é delineado quase sempre pelas cordas (sejam elas a guitarra, o baixo ou até mesmo os violinos), nos quais evolui espontaneamente a voz de uma diva contida que sussurra, suspira, embala ou grita. Os silźncios sugerem melancolia e as guitarras em slide, harmónicas, órgčos hammond e piano simulam folhas cadentes coloridas por uma paleta de tons outonais. ñ memória vźm figuras do jazz e da folk dos anos sessenta como Joni Mitchell, Billie Holiday, Nick Drake, Nina Simone, Burt Bacharach ou Nico.

Tendo por base o modelo de canćčo, eis-nos perante um hino verdadeiro as emoções simples e ao natural amadurecimento de uma vida.

A floresta encantada a uma só voz

HUGO FERREIRA

Björk é uma daquelas personagens que dispensa qualquer tipo de apresentaćões. Dotada de um poder vocal que consegue reunir, ao mesmo tempo, o timbre mais sensual e mais inocente, a menina excźntrica, que recolhe das paisagens islČndesas o carácter orgČnico e da metrópole londrina as novas tendźncias musicais, é um fenómeno do universo pop.

A sua individualidade passou de um culto para uma merecida massificaćčo e há já muito que a editora lhe pedia um "best of".

Nčo será difícil prever que o ataque aos tops parece ser inevitável e que os temas sčo todos irrecusáveis. Na verdade, ao longo de cinco discos de originais a solo mais um de remisturas, Björk foi solidificando uma carreira ímpar que poderia até dar origem a um "best of" em formato duplo.

Se nčo encontramos nada de mais no "Greatest Hits" (que é, obviamente, uma escolha dos seus temas mais bem sucedidos), temos que nos render ą caixa "Family Tree" que também acaba por incluir um disco "Greatest Hits", seleccionados pela própria Björk, que nos mostra, por entre os inevitáveis, algumas pérolas que nčo cabem numa edićčo assumidamente comercial.

Para além deste "best of" alternativo, a "Family Tree" (uma caixa deliciosa com sete cd's) revela-nos um concerto com o Brodsky Quartet (no capítulo "Strings"), alguns dos trabalhos anteriores ą sua carreira a solo que se tornaram decisivos para que Björk tomasse o rumo que agora lhe conhecemos (no capítulo "Roots") e ainda nos dá a conhecer as suas primeiras gravaćões a solo (no capítulo "Beats").

Se é verdade que este "Family Tree" é um lançamento digno de qualquer estante de um fČ ou de um melómano em geral, também podemos apontar uma ou outra faceta que por aqui nčo sčo focadas. Alguns dos b-sides poderiam marcar presença (quićá um "So Broken" em que a embaixatriz islČndesa apenas se faz acompanhar por uma viola de flamengo) e um projecto de Jazz como o Gling-glo ajudaria a compreender melhor toda a complexidade e especificidade da paixčo sem fronteiras que Björk nutre pelos sons, construindo a sua própria floresta encantada, cuja magia nčo se cansa de espalhar (para nosso prazer) a uma só voz.

Björk

"Greatest Hits" / "Family Tree"

2002, One Little Indian / Universal

Em_Linha

DivX

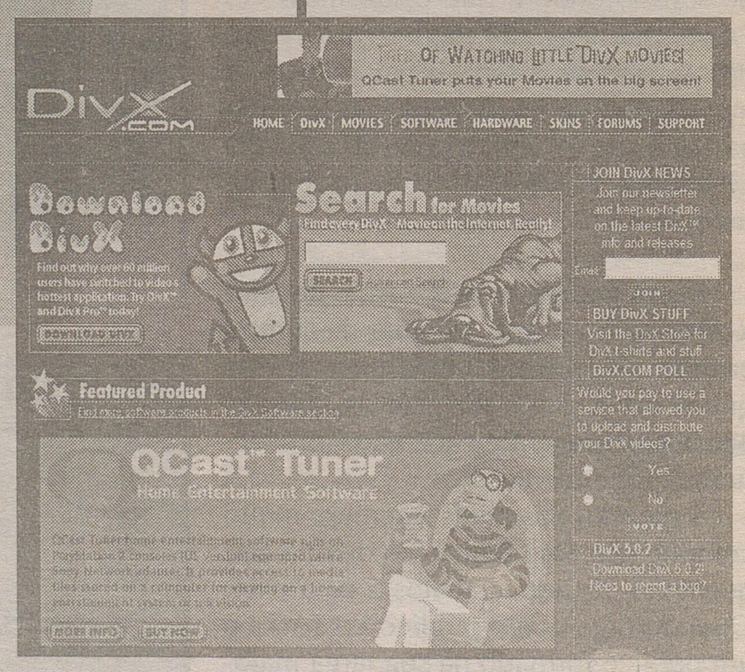
NUNO CURADO NCURADO@IPN.PT

História

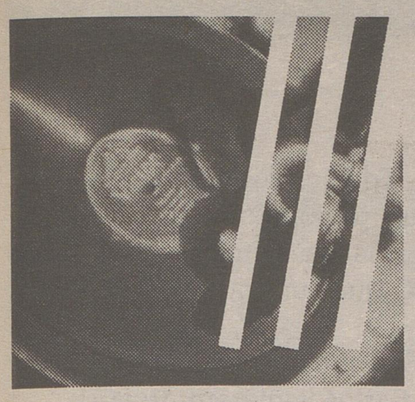
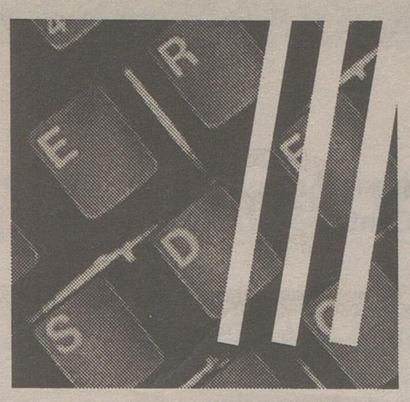
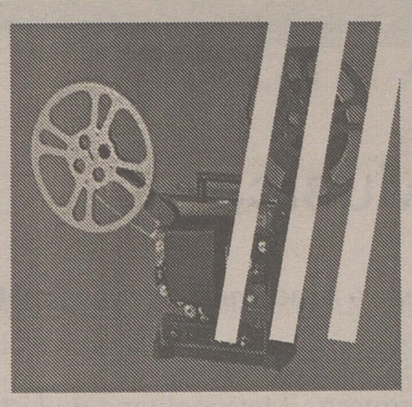
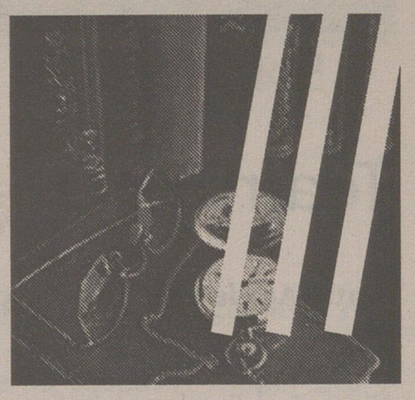
Possivelmente a palavra DivX já foi ouvida recentemente, mas o seu significado continua obscuro. Pois bem, este artigo vai tentar elucidar o assunto. DivX é um formato digital para vídeo, assim como JPEG é um formato digital para imagens e o MP3 é um formato para música digital. O codec (é uma versčo reduzida do termo inglźs compression-decompression) DivX é baseado no standard internacional de compresščo MPEG-4. O standard MPEG-4 foi desenvolvido pelo mesmo comité que criou as normas MPEG-1 e MPEG-2 (estas duas normas permitiram o aparecimento do DVD, da televisčo digital e da utilizaćčo de vídeo interactivo no CD-ROM). A norma MPEG-4 permite que o ficheiro de um vídeo MPEG-2 seja comprimido até um décimo do seu tamanho original. O codec DivX surgiu através do "Project Mayo", dentro da empresa DivXNetworks, continuando hoje a existir mas agora através do projecto OpenDivX, agora em formato de Open Source Software. O licenciamento do codec da DivXNetworks é gratuito desde que seja para uso privado e nčo para uso comercial. A única excepćčo é para o movimento cinéfilo independente, que também tem um custo zero. Nesse caso, é necessário comprovar que se pertence a essa categoria.

Software

Este codec começou por apenas aparecer como software para ser instalado nos vários sistemas operativos existentes no mercado. Começou na versčo 3 e vai actualmente na versčo 5. Tendo em conta a natureza do "Project Mayo", existem, para além da versčo da DivXNetworks, outras versões do codec. A existźncia de várias versões no mesmo sistema operativo é possível, logo nčo é necessário escolher um de antemčo para ver os ficheiros vídeo. Depois de instalado o codec é necessário ter um leitor compatível com o codec. Existem demasiados leitores para enumerá-los a todos, portanto fica apenas a referźncia a alguns deles. Entre o BSPlayer, DivXplayer, Home Player, MicroDVD, GDviX e o RadLight nčo existem diferenças substanciais. Todos eles sčo capazes de ler com fluidez o formato DivX, mas o BSPlayer é o leitor que menos recursos consome. Também é necessário referir que para poder visualizar um ficheiro em DivX num computador (com Windows) é necessário ter o DirectX acima da versčo 7 e estar com a resolućčo das cores do monitor acima dos 24-bit. É recomendado possuir um sistema com um processador Intel ou compatível com velocidade de processador acima dos 500Mhz, 128 Mb de memória física e uma placa gráfica com pelo menos 16Mb.



www.divx.com
www.projectmayo.com
www.divx-digest.com
www.doom9.org
www.encodinginfo.org.uk
www.digital-digest.com
www.archos.com
www.kissnordic.dk

Vê-se

"Sinais", de Night Shyamalan

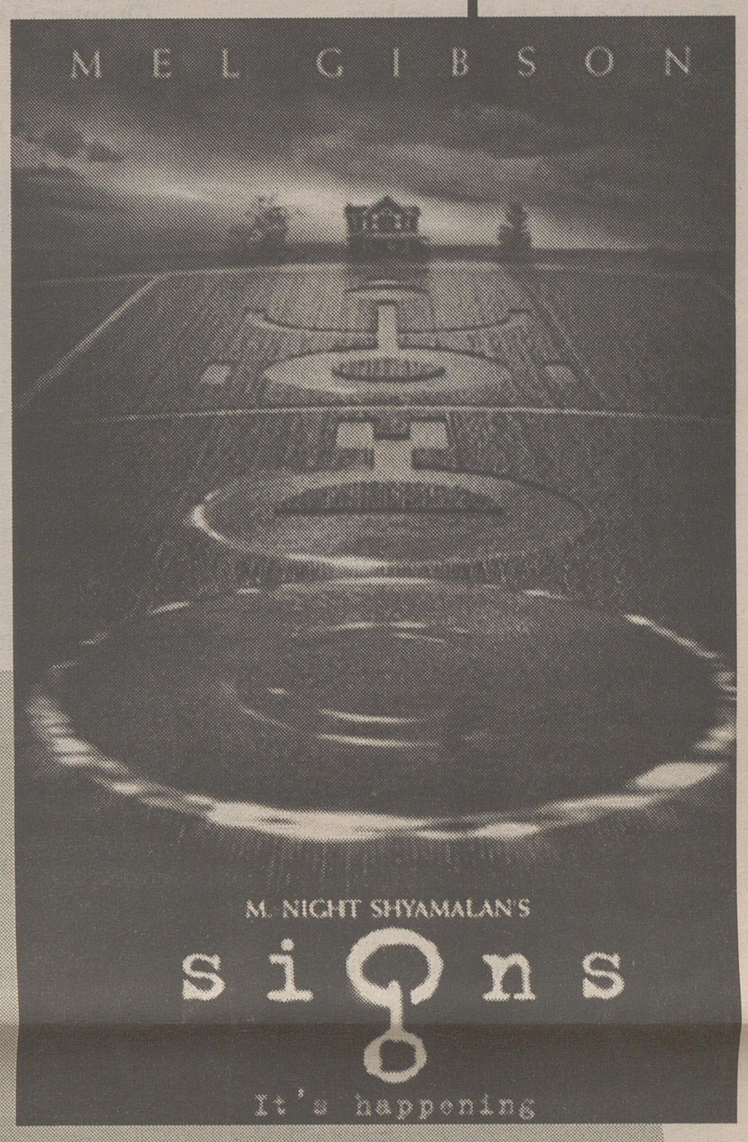
JORGE NANDE

Durante a Guerra Fria, o cinema de série B desenvencilhou, principalmente a partir dos anos 50 e sob o circunstancialismo de orćamentos magros e meios técnicos limitados, uma série de expedientes narrativos que apelavam ao público de uma maneira nčo muito explícita, mas eficaz. A ficćčo científica fez-se metáfora para a Guerra Fria, os extraterrestres invasores simbolizavam os ameaćadores soviéticos (o facto de Marte ser o "planeta vermelho" deu muito jeito) e a pendente destruićčo do planeta pelos alienígenas espelhava o medo ą guerra atómica. Com esta tradićčo, é fácil cair-se em dois perigos aquando de crises internacionais: primeiro, que os filmes insistam até ą exaustčo num discurso que invariavelmente versa a situaćčo em causa; segundo, que a sua leitura se faća sempre segundo esse contexto, mesmo que a aproximaćčo resulte forćada.

Ora, depois da digestčo do 11 de Setembro e a mastigar o medo de um novo atentado, a América encontra-se outra vez disposta a reflectir sobre o terror. No início de temporada, as suas produćões mais, digamos, básicas nčo se escudaram de tal temática (em "Mr. Deeds", louvava-se em źxtase Nova Iorque e os seus bombeiros, e, em "XXX", um dos pára-quedas desfraldados representava a bandeira americana), mas nčo passaram da sua verščo simplória de glorificaćčo nacional de pacotilha.

É por isso que este "Sinais" é tčo estimulante e surpreendente: porque reflecte, porque se interroga. Ele parte do sentimento de vulnerabilidade do mundo ocidental, mas nčo o expõe - antes amplifica-o, quando, na diagonal, mostra como uma família disfuncional de uma zona rural e relativamente isolada vź pela televisčo o mundo a ser invadido por extraterrestres e, no espaćo de tempo vazio em que espera a sua vez, confronta os seus próprios medos, sonhos perdidos e, de alguma forma, todo o seu passado. Conseguindo arrancar brilhantes interpretaćões a actores nem sempre muito considerados (um magnífico Joaquin Phoenix e um Mel Gibson surpreendentemente frágil e humano) e chegando, ele mesmo, a interpretar a personagem que, de certo modo, despoleta a série de situaćões que o filme relata, Night Shyamalan cria um fortíssimo filme de actores e, exceptuando uma cena ou outra, com uma notável economia de meios de produćčo.

Criar gradualmente um nicho autoral no meio da lógica de comércio holywoodiana e, deste modo, conciliar o grande público com a criaćčo séria de um universo próprio nčo é tarefa fácil. Shyamalan conseguiu-o e, se Trier é o autor da hipnose, ele é, sem dúvida, o do sonambulismo: o filme inicia-se com Gibson e Phoenix a acordarem de repente com os gritos dos filhos daquele, que, por sua vez, também tinham acordado de repente. O filme surge entčo como algo que fica suspenso entre dois mundos distantes, o do sono e o da vigília. Há um certo mistério, uma neblina de intimidade que nčo se vź, mas que apetece perceber. E, por trás dela, fica o objecto que ultimamente levou mais longe a reflexčo sobre este mundo em que todos nós vivemos.



Lê-se

Franćois Jacob "O ratinho, a mosca e o homem" Edićões Gradiva

ANDREIA FERREIRA

A, ainda, mítica ideia de que um cientista pouco tem de poético, negligencia a arte, e de que a política pouco lhe diz - excepto, claro, no caso de haver a possibilidade de fundos monetários para uma qualquer investigaćčo - está tčo enraizada em nós, que, quando estamos perante um cientista, nunca sabemos bem se nos perscruta como seres humanos que somos ou como pura matéria passível de ser analisada. Chegamos, mesmo, a questionar se os cientistas, "os verdadeiros", serčo, de facto, humanos "como nós". Confesse, leitor nčo-cientista, qual seria a sua reacćčo se visse um cientista a ler Hölderlin? Quando um biólogo vź um cčo, vź o nosso cčo doméstico ou um cčo biológico? Se nčo faz sentido, para o leitor, entčo felicito-o porque o preconceito moderno de ciźncia nčo o habita.

Este livro de Franćois Jacob, geneticista e biólogo, autor do famoso "O Jogo dos Possíveis", Nobel de Fisiologia e Medicina (1965), leva-nos pela história da Biologia, numa aventura fascinante na companhia de poetas, mitos e ADN, descrevendo o labor do biólogo com palavras, neste domínio, tčo estranhas como "imaginaćčo", "sonhos", "utopias" e "imprevisível". Qual a relaćčo da biologia com a arte? Existirá diferenća entre mito e ciźncia? A que pressões estčo sujeitos os cientistas? Poder-se-á esperar da ciźncia resposta para todas as nossas questões? Como encaram os biólogos o binómio bem e o mal?

Perante o conhecimento científico, estabelecemos, geralmente, uma relaćčo apaixonada de "amor" e/ou "ódio". O "amor" ą ciźncia será o resíduo, ainda, de uma concepćčo moderna de ciźncia, segundo a qual a ciźncia viria dar respostas a todos os enigmas humano, numa confianća cega, tčo cega como o "ódio" perpetrado, sobretudo, pela Escola de Frankfurt.

Numa época em que perpassa ou um excesso de confianća na ciźncia, ou uma desiluscčo por esta nčo nos dar todas as respostas, empurrando-nos para esoterismos e pseudo-ciźncias, esta obra de Jacob vem-nos reconciliar, pacificamente, com a nossa cultura, desde os Gregos ą clonagem, passando pela astrofísica e pela teoria da evolućčo, assim como pelas questões de poder político-económico inerentes ą investigaćčo, numa escrita de fácil digestčo ainda que séria, resgatando, para a ciźncia, a humanidade e, por isso, também, a humildade: "A principal descoberta trazida por este século de investigaćčo e de ciźncia é, provavelmente, a da profundidade da nossa ignorČncia acerca da natureza. Quanto mais aprendemos, mais nos damos conta da extenscčo da nossa ignorČncia. Em si mesma, esta descoberta é uma grande novidade.(...) O século que termina ocupou-se muito de ácidos nucleicos e de proteínas. O seguinte vai concentrar-se nas recordaćões e nos desejos. Saberá resolver essas questões?"

AGENDA

Teatro

Teatro Académico de Gil Vicente

Dias 5 e 6 de Novembro
Visitação, Farelos e Índia - Teatro de Portalegre

Dia 7 de Novembro
A treta continua... - Com José Pedro Gomes e António Feio

Dias 12 e 13 de Novembro
O Clérigo da Beira - Teatro das Beiras

Mosteiro de Celas

De 7 a 16 de Novembro
Auto da Revisitação

Oficina Municipal do Teatro

De 7 a 16 de Novembro
Auto da Visitação e outras cousas que por cá se fizeram - Escola da Noite

Centro de Artes e Espectáculos

Dias 14 e 15 de Novembro
A treta continua... - Com José Pedro Gomes e António Feio

Mosteiro de S. Jorge de Milréus

Até 30 de Outubro (aos sábados)
Ligações Perigosas - Companhia de *Teatro Fatias de Cá*

Museu Nacional Machado de Castro (Criptopórtico)

Até 30 de Outubro (aos sábados)
Astérix no Criptopórtico - Companhia de Teatro Fatias de Cá

Música

Teatro Académico de Gil Vicente

Dia 9 de Novembro
Orquestra Metropolitana de Lisboa

Dia 14 de Novembro
Lixo Luxo Poético - De João Ricardo de Barros Oliveira e TI TU K NAP

Dia 16 de Novembro
Quinteto Lusotango

Centro de Artes e Espectáculos

Dia 17 de Novembro
Tosca de Giacomo Puccini

Exposições

Edifício Chiado

De 5 de Novembro a 8 de Dezembro
Playing Characters, de Isabel Favila

Galeria Almedina

Até dia 10 de Novembro
"25 cabeças no ar e uma na terra" - exposição e escultura de Plácido

De 14 de Novembro a 1 de Dezembro
Traços da Natureza - Exposição de *ilustração científica* de Fernando Correia e Nuno Farinha

Casa Municipal da Cultura

De 8 a 23 de Novembro
Exposição de pintura de José Penicheiro

Círculo de Artes Plásticas - Centro de Arte Contemporânea

Até 23 de Novembro
Exposição de Miguel Palma

Até 30 de Novembro
Circulo F

Centro de Artes e Espectáculos

A partir de 9 de Novembro
Um Mundo de Exposições, pelo Museu da Marinha

A partir de 11 de Novembro
O Fazer Artístico, pela Escola de Artes das Artes de Coimbra

Sala da Cidade

De 16 a 30 de Novembro
Variações em "I"

Livros

Teatro Académico de Gil Vicente

Dia 7 de Novembro
Cemanário da República - 1910-2010
Lançamento de livro pelo CEIS XX - Centro de Estudos Interdisciplinares do Século XX da Universidade de Coimbra

Biblioteca Joanina

Dia 15 de Novembro
Antologia Crítica da Poesia Portuguesa do Século XX - Século de Ouro

Minerva Coimbra

Meio Século de Revistas Literárias em Coimbra - Edição facsimilada dos mais importantes periódicos da vida cultural portuguesa da primeira metade do século XX, que surgiram na cidade de Coimbra.
Direcção científica: José Carlos Seabra Pereira e Carlos Santarém Andrade

Cinema

Girassolum Coimbra

Dragão Vermelho
De: Brett Ratner
Sala 1: 14h30, 16h45, 19h00, 21h30

Sinais
De: M. Night Shyamadan
Sala 2: 14h15, 17h00, 19h15, 21h45

Cinemas Millenium - Avenida

Sinais
De: M. Night Shyamadam
Sala 1: 13h20, 15h30, 17h40, 19h50, 22h00, 00h30

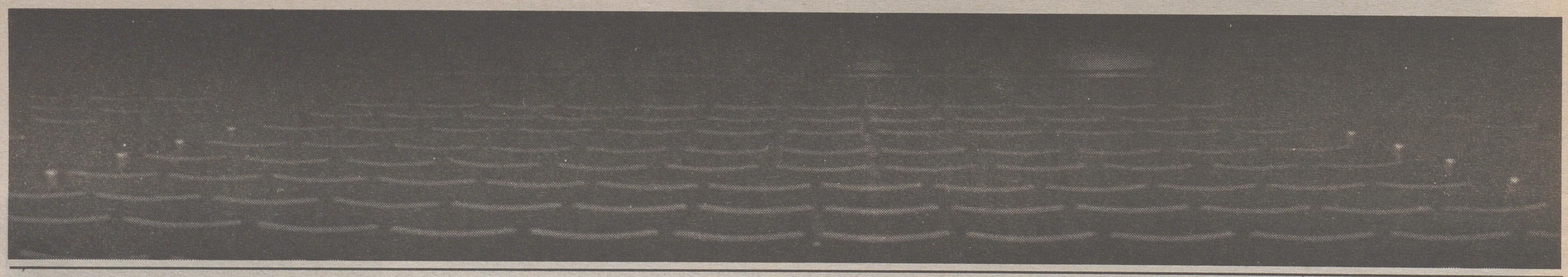
A Selva
De: Leonel Vieira
Sala 2: 14h00, 16h30, 19h00, 21h30, 00h00

Dragão Vermelho
De: Brett Ratner
Cine–Teatro: 14h15, 16h45, 19h15, 21h45, 00h15

Teatro Académico de Gil Vicente

Dia 11 de Novembro
Selecção de filmes do Festival de Avanca - Fila K.cineclube

Dia 18 de Novembro
Filmes Premiados do Cinanima 2002



Farmácias de serviço

SP: Serviço Permanente - 9.00h às 9.00h SR: Serviço de Reforço - 9.00h às 22.00h

Dia 5 - Terça–feira
Luciano e Matos - SP
Machado - SP
Mª Céu Albuquerque - SR
Dia 6 - Quarta–feira
Rocha - SP
Miranda - SP
Central - SR
Dia 7 - Quinta–feira
Sitália - SP
Gaspar - SP
Central - SR
Dia 8 - Sexta–feira
Silcar - SP
Silva Soares - SP
Rainha Santa - SP
Dia 9 - Sábado
Lopes Rodrigues - SP
Celas - SP
Figueiredo - SR
Dia 10 - Domingo
S. José - SP
Duarte - SP
Rodrigues Silva - SR
Dia 11 - Segunda–feira
M. Nazaré - SP
Estádio - SP
Universal - SR
Dia 12 - Terça–feira
Paiva - SP
Baptista - SP
Cruz Viegas - SR
Dia 13 - Quarta–feira
Nazareth - SP
S.Sebastião - SP
Oliveira Ramos - SR
Dia 14 - Quinta–feira
Stª Cruz - SP
Olivais - SP
S. Martinho - SR
Dia 15 - Sexta–feira
Vilaça - SP
Cruz e Costa - SP
Isabel Folhas - SR
Dia 16 - Sábado
Adriana - SP
Donato - SP
Barros - SR
Dia 17 - Domingo
Luciano e Matos - SP
Machado - SP
Mª Céu Albuquerque - SR
Dia 18 - Segunda–feira
Santa Isabel - SP
Miranda - SP
Rocha - SR

O Jornal Universitário de Coimbra - A CABRA não se responsabiliza por eventuais alterações.

Contactos importantes

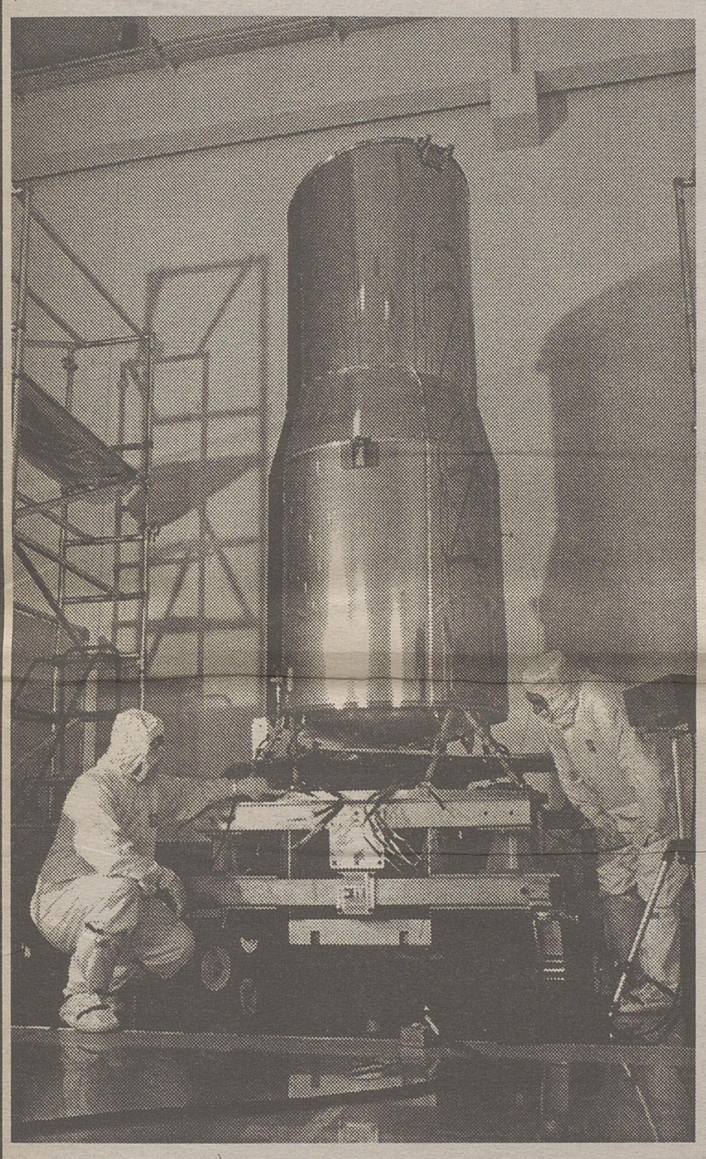
Associação Académica de Coimbra - 239 410 400/30
Bombeiros Sapadores de Coimbra - 239 792 800
Bombeiros Voluntários de Coimbra - 239 822 323
Gabinete de Apoio ao Estudante - 239 410 434
Governo Civil - 239 852 800
Guarda Nacional Republicana - 239 482 085
Hospital dos Covões - 239 800 100
Hospital Pediátrico de Coimbra - 239 480 300
Hospital Sobral Cid - 239 796 400
Hospitais da Universidade de Coimbra - 239 400 400
Polícia de Segurança Pública 239 822 022
Polícia Judiciária 239 828 134
Protecção Civil - 239 481 260
Rádio Universidade de Coimbra - 239 410 419
Região de Turismo do Centro - 239 855 930
SOS Número Nacional de Socorro - 112
SOS Estudante - 239 410 446
Teatro Académico Gil Vicente - 239 855 630

Criogenia ou Havai?

A revista "New Scientist" oferece um prémio de morte aos seus leitores: o congelamento após o término da vida.

Para participar neste concurso, basta explicar, em 50 palavras, qual o prémio que se prefere: se o congelamento ou uma semana de férias no Havai a observar estrelas através de um telescópio Mauna Kea.

O prémio principal, no valor de 28 mil euros, é oferecido em parceria com o Crynics Institute, do Michigan, EUA, que preserva congelados os corpos de mais de 40 pessoas. Assim, se preferir o congelamento, depois de dado como morto, o vencedor do concurso será arrefecido até 196 graus centígrados abaixo de zero. Desta maneira, a decomposição do corpo é impedida e o corpo fica suspenso em nitrogénio líquido. No entanto, este prémio não inclui uma ressuscitação... Tal ficará a cargo da ciência, quando for possível.



Criogenia é prémio de revista

Portugal em destaque

Desde de 1998 que Portugal é o único país da União Europeia onde as mulheres, com empregos no sector público, têm salários mais altos do que os homens. É este o resultado de um relatório apresentado no mês passado pelo Instituto Europeu de Estatística - EUROSTAT - em Bruxelas. Nos outros países da Europa dos 15, tanto no sector público, como no privado, são os homens que têm os salários mais elevados.

O relatório apresentado pela EUROSTAT comprovou que em Portugal as mulheres ganham 108 por cento do vencimento dos homens em cargos de função pública. No entanto, no sector privado, as mulheres ganham menos 21 por cento do que os homens.

Relativamente ao casamento, ficou confirmado que os portugueses são os cidadãos da comunidade que se casam mais cedo. No sexo masculino a média de idade para o casamento é de 27 anos e no feminino cerca de 25 anos.

O objectivo deste relatório foi traçar um retrato estatístico dos europeus no decorrer das suas fases de vida e Portugal afasta–se, mais uma vez, das médias europeias.

Super fraude

Maria Grepsiou, uma avó grega de 66 anos, ficou conhecida em todo o mundo como a "Super avó". O equívoco ocorreu aquando da afirmação da senhora que tinha lutado com dois ladrões armados com duas facas.

A sexagenária declarou que tinha conseguido desarmar um dos homens e esfaquear o outro, depois destes terem invadido a sua casa em Serres no norte da Grécia.

Um representante da investigação da polícia local declarou que, aquando das investigações a polícia descobriu que ao invés de sangue a senhora tinha molho de tomate na roupa. A "Super avó", assim, apelidada pela comunicação social grega, acabou por confessar que a sua fantástica estória não passava de uma invenção. O seu objectivo era, apenas, chamar a atenção do seu marido. Tudo isto porque este encontra–se muitas vezes ausente a trabalhar numa fazenda ou então no bar com os seus amigos.

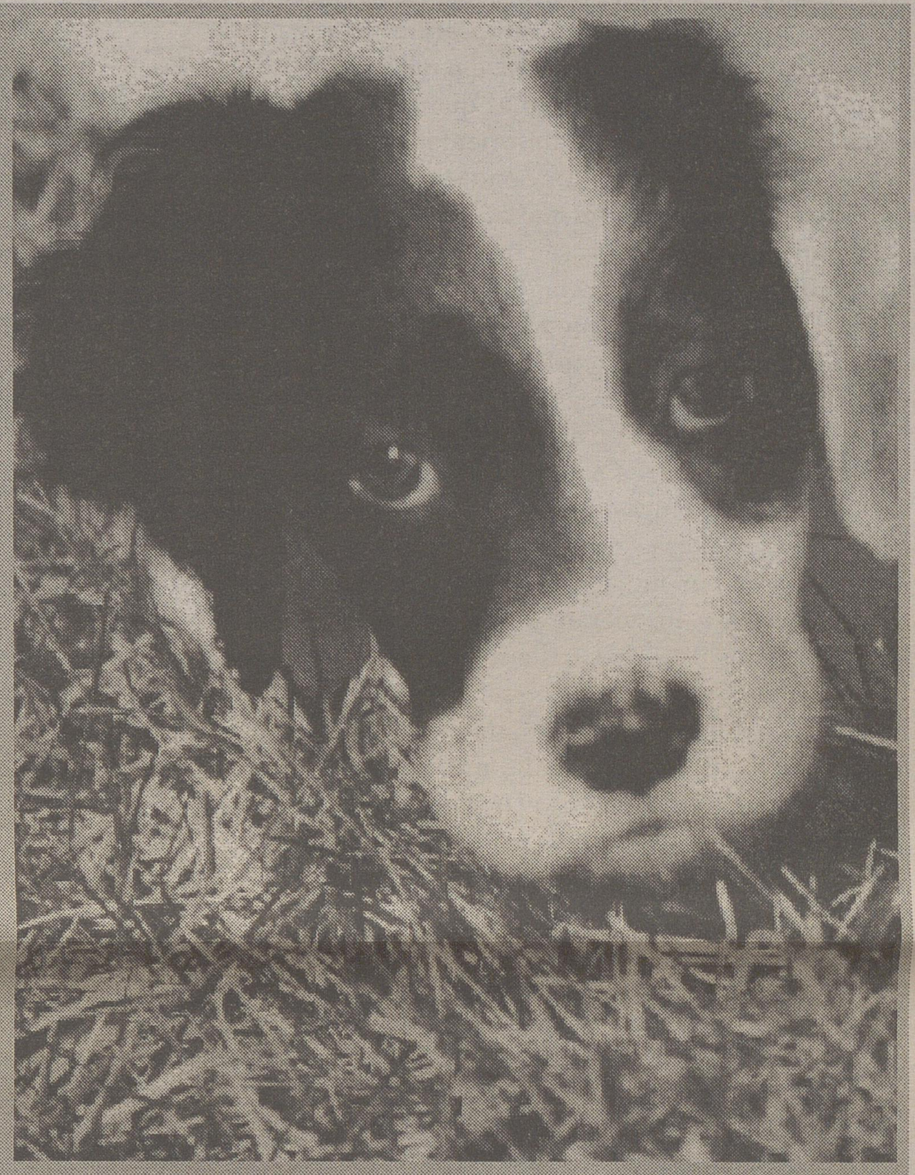
Cão dá tiro a homem

Quem não ouviu já falar da famosa história do homem que mordeu o cão? Trata–se de um clássico que, ainda que venha a acontecer, já não fará correr tinta. Mas um cão que alveja o dono a tiro é, sem dúvida, algo digno de notícia.

Foi o que aconteceu em Southa Dakota, nos EUA. Era o primeiro dia da época de caça e Michael Murray, de 42 anos, estava a tirar uma foto aos pássaros que ele, o pai e o cunhado tinham acabado de caçar. No chão estava pousada uma caçadeira carregada. Foi para surpresa de todos que Sonny, um cachorro Setter com um ano de idade, pisou a arma e esta disparou, acertando no tornozelo de Michael.

Passado o espanto inicial, um torniquete foi rapidamente improvisado para estancar o sangue. Os três dirigiram–se de carro para a casa de um familiar e, meia hora depois, Michael estava numa ambulância a caminho do hospital.

Uma noite na sala de urgências e 15 pontos foram o preço a pagar por esta bizarra aventura.



Estórias de mar e sonho

A colecção Cena Lusófona acaba de ser enriquecida com mais um volume, desta feita, do autor moçambicano Mia Couto, que, em parceria com a sua compatriota, a actriz Natália Luíza, (re)escreveu a novela "Mar me quer".

Quer para aqueles que assistiram à adaptação teatral desta obra, levada a palco pela companhia teatral Meridional, quer para os que não tiveram essa oportunidade, fica a sugestão de uma viagem através de um livro que nos leva a visitar os sonhos das personagens, que podem ser os nossos.

Esta obra, que nos remete para as raízes moçambicanas do autor, é mais uma oportunidade para apreciar a capacidade inventiva e transformadora que Mia Couto possui.

"Cada velho que morre é uma biblioteca que arde", é talvez a frase chave para descrever a cultura que inspira este biólogo/escritor, que alia o saber legado por via oral à tradição literária ocidental de forma "mágica".

O livro encontra–se já à disposição do público e pode ser encomendado em www.cenalusofona.pt.

Prostitutas de hábito

Uma das propriedades do Vaticano, em Moscovo, foi transformada em prostíbulo. Os frades franciscanos russos, detentores do prédio residencial, alugaram–no a uma pessoa que garantiu que o imóvel seria usado exclusivamente para fins de obras de caridade. No entanto, o que se seguiu nada teve que ver com caridade. Prostitutas vestidas de freiras levaram o porta–voz do Papa João Paulo II, Navarro–Valls, a afirmar que esta acção é uma forma de "manchar a reputação da comunidade católica" decorrente de uma antiga campanha de difamação contra a Igreja Católica Apostólica Romana na Rússia. O porta–voz do Vaticano afirma que esta era uma tentativa de "fazer desacreditar os religiosos e, depois, a Igreja Católica".

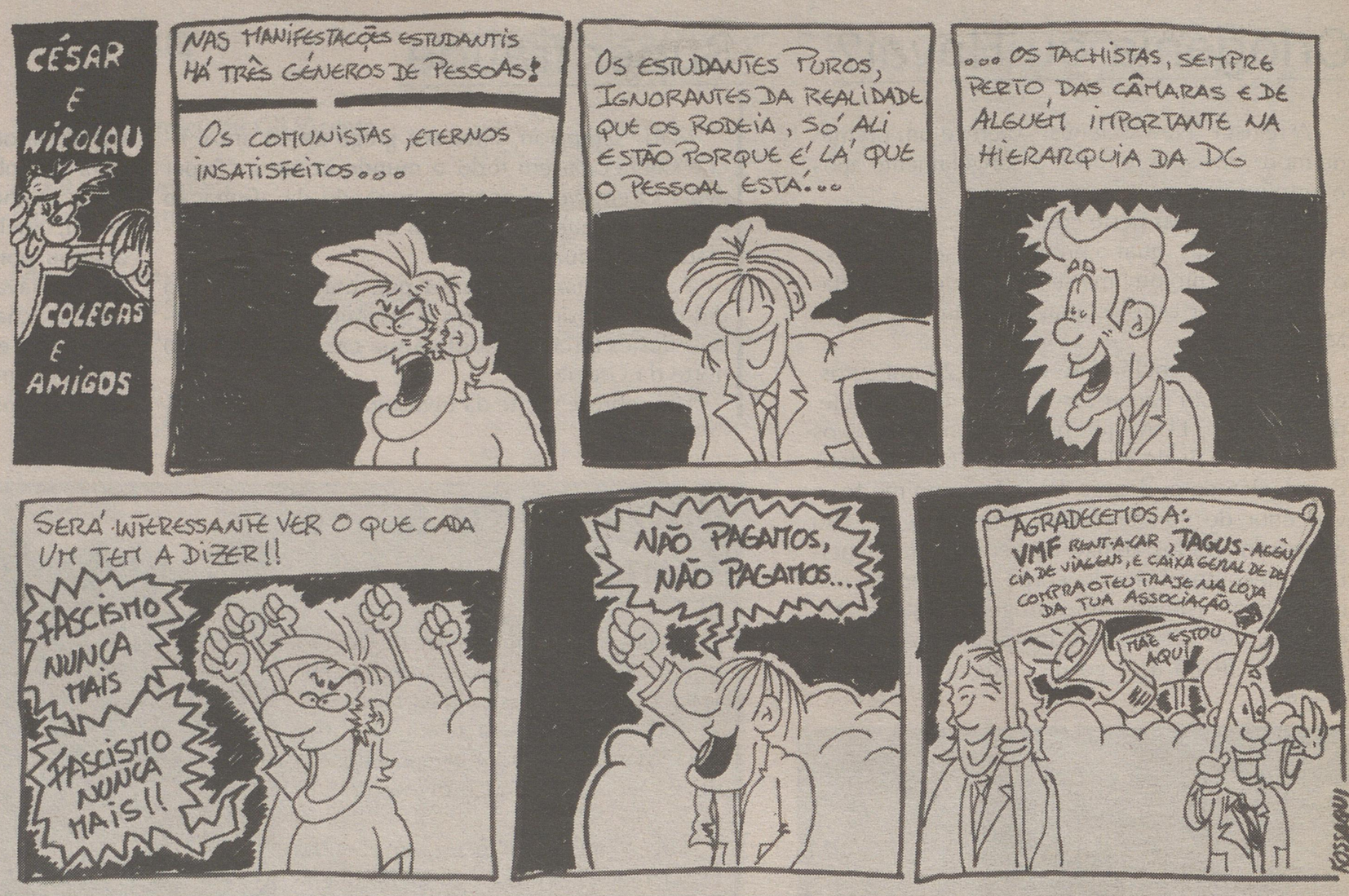
A ESTRADA CURVA
JORGE VAZ NANDE

O dono do rio

Os olhos pesam–me. Um dia, é sabido, tudo se acaba. Tenho visto a cara à noite e ao dia, mal durmo, mas os rostos e as pessoas e os corpos que reencontrei já não são secretos e começam a tomar assento numa nova normalidade, como cabeças preguiçosas em almofadas de penas.

Há tempos, durante várias semanas de Verão, sonos desregrados amassaram e esticaram–me o corpo até ao dia em que as dez da noite se anteciparam às quatro da manhã e eu caí na cama, desorientado e vazio de esperanças. Foi um sono estranho, quase nulo. Levantei–me às sete e meia como se a noite tivesse corrido em cinco minutos e abri a janela. Estava nevoeiro. Há muito tempo que não via uma manhã tão prateada e húmida e decidi ir tirar fotografias ao rio. Peguei numa pequena máquina do meu pai, que, na altura, mal sabia utilizar, e saí de casa, cortando a neblina branca com o corpo, o ar frio com a cara. Para se ir para o rio, era preciso passar por um pequeno carreiro de terra. Ao fazê–lo, vieram–se postigar dos meus lados dois cães irritantes, com um ladrar monocórdico e pequenito. Já tinha as sapatilhas cheias de água e do verde invasor da erva molhada, mas segui e, em pouco tempo, cheguei lá. Lentamente, fui–me aproximando da orla e deixei–me ficar em silêncio. A água corria devagar, como um enorme ser ou lagarto, *toda junta a si própria. Um peixe ou outro saltava*, um rumor enorme enchia o ar com uma presença assustadora de grande.

Um vulto começou a mexer–se no nevoeiro, e um homem velho apareceu. Ficámos ambos surpresos por nos vermos ali, creio. Bom dia, olá, também a passear, claro, amigo, venho andar aqui pela margem todas as manhãs, é melhor do que correr uma maratona, realmente, o homem tinha um ar saudável para a idade, mais alguma coisa dissemos que ficou lá caída, depois separámo–nos. Vi- o afastar–se sem hesitar no passo, sem enfiar os pés nalgum buraco escondido, como se fosse só ali que o seu movimento fazia sentido. Quando revelei as fotografias, ele não aparecia. Se mais vezes o vi, não me recordo. Aquele dia passou equilibrado, sem pressas, mas depressa voltei à rotina das noites mal dormidas e das tardes cortadas ao meio. No entanto, aquele homem, velho e parco em palavras, era o fim de uma possibilidade de que eu seria o início. E hoje, quando me deito e o sol já brilha por entre as frestas da janela, pergunto–me que outro rio haverá no fim de tudo isto e que novas palavras o tempo me reflectirá da sua frente, quando eu ainda nem ao meio cheguei.



Metade das vagas por preencher

Apesar do número elevado de candidatos e de vagas, foram quase tantos os que ficaram de fora como os que conseguiram um lugar.

CARINA VALÉRIO

Ao todo 16.643 candidatos tentaram a sua sorte na segunda fase do concurso nacional de acesso ao ensino superior. Entre licenciaturas e bacharelatos, estavam em jogo 14.589 vagas em 949 cursos. 8943 concorrentes foram colocados, ficando 7700 de fora.

A Universidade de Lisboa, com um total de 969 vagas, foi a que mais lugares colocou à disposição. Tanto na Universidades de Trás–os–Montes e Alto Douro, como na Universidade Nova de Lisboa, as vagas rondaram as seis centenas. A Universidade Técnica de Lisboa disponibilizou 550 vagas, à semelhança do que aconteceu em Évora, onde as que sobraram da primeira fase foram cerca de 532. Nas Universidades do Algarve (509), da Beira Interior (487) e Minho (471) as vagas rondaram as cinco centenas. Os cursos da Universidade de Aveiro permitiam a entrada de 400 novos alunos. No que diz respeito à Universidades da Madeira e à Universidade dos Açores, a primeira disponibilizou apenas 117 lugares, ao contrário da segunda que tinha mais do dobro das vagas - 286. As vagas postas a concurso na Universidade de Coimbra (UC) foram ao todo 633.

Os cursos de Medicina viram as suas vagas todas preenchidas na primeira fase, o que impossibilitou o ingresso de qualquer candidato. No entanto, foram várias as licenciaturas na área da saúde a apresentar vagas nesta segunda fase. É o caso de Medicina Dentária, Veterinária, Enfermagem ou Ciências Farmacêuticas, nas quais todos os lugares acabaram por ser preenchidos.

Ao nível nacional, as licenciaturas na área da engenharia são as menos procuradas, ficando 394 cursos com vagas livres. Coimbra não é excepção. Engenharia dos Materiais, que não recebeu um único aluno na primeira fase, viu agora apenas uma vaga preenchida. Das 16 vagas disponíveis em Engenharia Geográfica nenhuma foi ocupada. Em Engenharia Mecânica, apenas 23 das 38 vagas existentes tiveram candidatos e no curso de Engenharia Civil ficaram 46 vagas por preencher. Os cursos da Faculdade de Letras da UC estão também entre os menos procurados. Como exemplos mais flagrantes temos as licenciaturas em Estudos Ingleses e Alemães, onde sobraram 34 das 41 vagas, em Estudos Portugueses e Franceses, onde ficaram por preencher 22 das 32 disponíveis, e Estudos Portugueses, onde sobraram 20 em 25.

A maioria dos candidatos colocados nesta segunda fase (51%) entrou na primeira opção, tendo 85% entrado numa das suas três primeiras opções. Mas a verdade é que o número de candidatos colocados é quase igual ao dos que não entraram.

CES promove curso de formação

O Centro de Estudos Sociais (CES) vai realizar um curso de formação avançada denominado "Práticas e Projectos dos Estudantes do Ensino Superior" nos dias 8 e 15 deste mês, coordenado por Elísio Estanque, com a duração de 12 horas. Este curso, será centrado nos domínios pedagógico, científico e nas actividades cívicas e lúdicas. Nesta formação, proceder–se–á a uma caracterização sociológica da população estudantil, analisando as transformações sócio–económicas dos anos 60 até ao presente. O curso decorrerá na Biblioteca do CES, no colégio de S. Jerónimo.

A primeira sessão, no dia 8 de Novembro, das 9h00 às 12h00, dirigida pelo docente da faculdade de Letras, Rui Bebiano, incidirá sobre a história dos movimentos estudantis na Universidade de Coimbra (UC). A segunda palestra, no mesmo dia, entre as 16h00 e as 19h00, presidida pelo docente da faculdade de Economia, Elísio Estanque, será sobre a recomposição social da população estudantil da UC, as tendências e desafios nos planos pedagógico e as saídas profissionais. As terceira e quarta sessões decorrerão no dia 15, ambas com a duração de três horas, iniciando–se respectivamente às 9h00 e às 16h00. A sessão da manhã, orientada pelo docente João Arriscado Nunes, abordará as implicações sociais da ciência e a sua internacionalização. Às 16h00, Elísio Estanque finalizará o curso com a cultura estudantil e universitária na construção da cidadania, perspectivando as suas orientações subjectivas, rituais festivos e participação cívica dos estudantes.

Linha SOS-Estudante
Sessão de esclarecimento e ***recrutamento*** *de voluntários 5 e 6 de Novembro, pelas 21 horas no novo anfiteatro da AAC.*
Mais informações:
808 200 204
sos-estudante@mail.pt